

Hermes



HERMES

Nº 4

ANO - 1999

Os artigos publicados são de responsabilidade de seus autores
não expressando necessariamente a opinião da revista.

EDITORA

Leda Maria Perillo Seixas

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Plínio de Sousa - C.P.D. - Sedes

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA

Instituto Sedes Sapientiae
 R. Ministro Godoi, 1484
 São Paulo - SP
 CEP 05015-900
 Fax-Fone (011) 3873-2314
 E-mail: sedes@sedes.org.br

ÍNDICE

AMOR. A SABEDORIA DO CORAÇÃO	4
Vera L. Paes de Almeida	
OS PEQUENOS PROFETAS NAS RUAS	14
Ana Maria Caramujo Pires de Campos	
POESIA É UM MOMENTO DA CONVERSA DE DEUS COM TUA ALMA	28
Betty Fontes	
O SIMBOLISMO DOS SONHOS E DO CORPO	29
Marisa Catta-Preta de Oliveira	
TRABALHO CORPORAL COM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: TOCANDO UM TABU	40
Neusa Maria Lopes Sauaia, Ana Laura Rabelo de Araújo, Angela Maria Carcassoli Kato, Antonio Fernando Stanziani, Francisca Suely Barcelos, Márcia Gimenez C. Fernandes, Sônia Maria Pettinelli	
A POESIA CÓSMICA DE SAINT-JOHN PERSE	49
Dora Ferreira da Silva	
O OLHAR DE NISE DA SILVEIRA SOBRE A OBRA DE JUNG	62
Eliane Dias de Castro	
A CIÊNCIA: UM POSSÍVEL CAMINHO	75
Letícia Lopes de Carvalho	
ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS CORPORAIS E GRUPAIS NA PERSPECTIVA DO MÉTODO ORGANÍSMICO DE PETHŐ SÁNDOR	85
Sandra Maria Gregor Tavares	
O QUE OS OLHOS VÊEM O CORAÇÃO SENTE	104
Ana Paula G. Figueiredo	
A PSICOTERAPIA ORGANÍSMICA DE PETHŐ SÁNDOR	108
Por Fernando Cortese	
TOQUES QUE FAZEM O CORPO FALAR	115
Shirley M. S. Silva	

Amor. A Sabedoria do Coração

Vera L. Paes de Almeida.

“...Mas nada é possível sem amor, e isso inclui até mesmo o processo alquímico, uma vez que só a pessoa apaixonada põe em jogo toda a personalidade e arrisca até mesmo a vida...”

(C.G.Jung)¹

Toda criança sabe que além da vida cotidiana, prosaica há uma outra vida cheia de mistérios, encantamento e beleza, e para ela as duas são igualmente importantes e reais. À medida que crescemos vamos nos distanciando dessa unidade original e o lado imaginativo é abafado e perde relevância. Com isso, pouco a pouco se instala um sentimento de nostalgia, de ausência que é como uma saudade de si mesmo, desse outro lado esquecido e abandonado. Sentimos falta de algo importante mas não sabemos do quê. Para recuperarmos nossa integridade original será necessário um ato de coragem, temos que dar “um salto no escuro”, ou “atravessar a grande água” como diz o I Ching, ou ainda “chegar à outra margem” (*prajnaparamita*) como dizem os budistas, à outra margem que está em nós mesmos. É uma grande transformação, um morrer e nascer de novo, que só a força do amor é capaz de realizar. O amor é como um rio que une as duas margens naturalmente e traz vida, florescimento e fertilidade por onde passa. Às vezes impetuoso e devastador, às vezes calmo e tranquilo, mas sempre em movimento, unindo, aproximando e transformando tudo à sua volta.

A força do amor é o grande dínamo propulsor do desenvolvimento de nossa função sentimento. Com a paixão aprendemos arte da entrega, com o amor cortês descobrimos o refinamento e a sutileza da alma, com as dores do amor desperta a coragem de olhar para nosso lado desconhecido e assustador, e finalmente, se formos fiéis à realidade

arquetípica do amor conheceremos a sua presença numinosa e poética como um fluxo constante de vida.

“A experiência amorosa nos proporciona de modo fulgurante a indissolúvel unidade dos opostos. ...o amor, a alegria do amor, é uma revelação do ser. Como todo movimento do homem, o amor é um “ir ao encontro.” (Octavio Paz)²

A Paixão:

Todos conhecemos a força da paixão. Não há como lutar contra, ela é arrebatadora. Subitamente somos envolvidos por um vendaval que tira tudo do lugar e somos raptados de nós mesmos. O rapto é um tema constante nos mitos e expressa esse sentimento de perda de domínio sobre si mesmo, de rendição à um poder mais forte que o ego.

A paixão é excesso, transbordamento, tudo que passa dos limites, tanto nas sensações de prazer como de sofrimento. Assim, ao mesmo tempo que desejamos experimentar esse transbordamento, também temos muito medo da perda de controle e das dores que a paixão pode acarretar.

De modo geral, temos a tendência a rejeitar a paixão como um estado de perda de lucidez, de pouca maturidade e portanto uma ameaça ao equilíbrio, à serenidade e à sabedoria. Então, qual a utilidade da paixão? Por que a natureza insiste em nos jogar nesse estado turbulento, do qual não podemos fugir e, como ensinam os mitos, do qual nem os deuses escapam? Parece que a função da paixão é exatamente essa, nos tirar do centro da nossa própria atenção e nos forçar a olhar o outro. Estamos tão fortemente enclausurados em nós mesmos que só uma força arrebatadora como a paixão pode romper as defesas que construímos à nossa volta. Estamos como Narciso à beira do rio, fascinados com nossa imagem refletida nas águas. É preciso uma onda gigantesca para nos engolfar e nos forçar a mergulhar na torrente da vida. Só assim podemos começar a viagem que vai do egoísmo para o altruísmo.

É verdade que nesse estado apaixonado não vemos o outro como ele é realmente. Estamos misturados com ele, enredados nas nossas projeções, mas esse é o primeiro passo para o esclarecimento, pois sem ele ficamos apenas sentados à margem e não conseguimos quebrar o espelho. A cegueira da paixão pode ser o início do processo de abrir os olhos e “ver” realmente. Quando estamos apaixonados, nos esquecemos de nós mesmos e passamos a girar em torno do objeto de nossa paixão. Pode ser uma pessoa, uma atividade, um ideal, não importa o quê, a paixão nos coloca em movimento e passamos a descobrir um mundo de coisas novas, tanto dentro como fora de nós. Temos a sensação de estarmos vivos, vibrantes, entusiasmados. O mundo se ilumina com mil significados e nos sentimos prontos a explorá-los.

A força da paixão é o impulso inicial na longa jornada do aprendizado do amor. Ela nos vira do avesso, põe tudo de ponta-cabeça e com isso temos a chance de uma nova perspectiva, de descobrir novas possibilidades, novos caminhos, ampliando os horizontes da alma. É o início da descoberta da sabedoria do coração, aquele conhecimento que vem do envolvimento amoroso com a vida e não apenas intelectual.

O estado de apaixonamento se reproduz sempre que precisamos de um novo impulso. Ele aparece de modos diferentes, com intensidades diferentes, sempre se adaptando àquilo que precisamos aprender naquele dado instante de vida. É como se fosse um “chacoalhão” que nos tira da letargia, do entorpecimento e nos mostra a vida como uma aventura que espera por nossa participação ativa, que exige nosso envolvimento no processo contínuo de criação e atuação amorosa no mundo.

*“Quando eu era jovem, a corrente que me arrastava
corria forte e rápida. A brisa da primavera derrotava-se
a si mesma, as árvores ardiam em flores e os pássaros
não dormiam, cantando sem parar.
Naveguei vertiginosamente,
arrebatado pelo dilúvio da paixão.
Eu não tinha tempo para ver, sentir ou deixar que*

*o mundo entrasse em meu ser.
Agora que a maré da juventude
baixou e eu restei na praia, posso ouvir
a profunda música de todas as coisas,
e o céu abre para mim o seu coração
cheio de estrelas* (R. Tagore)³

O Amor Cortês:

Passado o vendaval da paixão, podemos usufruir do amor no seu aspecto mais delicado e suave. Isso não quer dizer que ele não seja intenso, mas sua manifestação é menos turbulenta que a da paixão.

O amor cortês ou lírico está baseado na entrega que vem da confiança mútua. É o olhar dentro dos olhos do outro sem medo, sem disfarces. Aqui se recupera a pureza e o frescor da alma nos sentimentos de ternura, de cuidado com o outro.

Esse tipo de amor nasce por volta do século XII, quando começa-se a valorizar a idéia do amor como uma escolha livre do coração. As qualidades enfatizadas pelo amor cortês são: a gentileza, a generosidade, a delicadeza de sentimentos e ações, a atenção ao bem-estar do outro. É o momento em que nasce Afrodite em nossos corações, em que desabrocha um sentimento de beleza que se estende de nós para o mundo à nossa volta. Há um aumento da percepção de detalhes belos e poéticos, e da importância do cultivo desses detalhes na nossa vida. A aceleração da paixão é substituída por uma vivência mais tranquila e portanto mais atenciosa para consigo mesmo e com o outro.

A presença desse aspecto do amor torna o outro um ser especial e único. Confirma sua presença como um milagre raro que desperta sentimentos de respeito e reverência perante a vida, seja essa vida humana, vegetal ou animal. A força de união do amor nos coloca naturalmente em ligação com tudo que nos rodeia.

Aqui o amor revela toda sua capacidade de realizar transformações profundas e sutis. É através dele que conseguimos nos experienciar genuinamente como pessoa abertas, generosas, alegres e afáveis através do prazer que usufruímos e não pelo dever que nos impomos.

O amor cortês foi cantado pelos trovadores da Idade Média, inaugurando uma nova era. Além da coragem nas batalhas, esperava-se que o cavaleiro também cultivasse a nobreza de sentimentos colocando-se a serviço dos pobres, oprimidos e injustiçados, sempre em defesa das mulheres, em especial daquela eleita pelo seu coração. É a primeira vez na história ocidental em que é valorizado o ato de amor desinteressado, que se alegra apenas por ser vivido em si, sem esperar recompensa (normalmente as musas inspiradoras já eram casadas, com uniões arranjadas por conveniência econômica ou política das famílias envolvidas).

Hoje em dia damos mais importância a sermos amados do que a amar e não atentamos para o fato de que o estado amoroso é que torna a vida mais bela quando o exercemos ativa e conscientemente. No entanto, esse estado idílico está fadado a sofrer abalos, porque faz parte da vivência amorosa passarmos pelas dores do amor. Parece que este é um dos aspectos mais difíceis da aprendizagem humana. A individuação, ou o desabrochar da alma parece depender basicamente desse aprendizado de amor: como enfrentar as dores e sofrimentos e ainda continuar disponível e aberto para o amor e para a vida. Aprender a amar pela alegria de amar, em lugar do exercício do poder é obra do amor cortês.

*"A noite em fim de caminho
e o calor da mão dela
ao meu lado em meio a neve."*

(T. Ishikawa)⁴

computador Baruc passou a vir até o portão do consultório acompanhado dos irmãos, da mulher de um deles e então perguntavam a ele: agora

As dores do Amor:

Não há quem não tenha sofrido as dores do amor, de uma forma ou de outra. Perda, rejeição, traição, ciúmes, separação... A "queda do paraíso" se repete muitas vezes ao longo de nossas vidas, de muitas maneiras e sempre é terrivelmente doloroso.

Se pensarmos no amor como um rio, podemos fazer uma analogia da paixão como um rio turbulento depois de fortes chuvas, extravasando sua energia para além das margens, carregando tudo por onde passa com sua enorme força. O amor cortês é o rio calmo e tranquilo que se espraia suavemente pelo leito, irrigando suas margens num fluir contínuo e persistente. As dores do amor aparecem quando há uma interrupção desse fluxo: pode ser uma barreira intransponível como uma montanha, que obriga o rio a descer para dentro da terra, para o escuro subterrâneo desconhecido antes de poder vir à luz novamente; ou então, é o leito do rio que desaparece subitamente e suas águas devem ter coragem de se lançarem no abismo transformadas em cascatas; há ainda o perigo dos desertos que absorvem toda umidade do rio e o forçam a se evaporar e se transmutar em nuvens e depois em chuva antes de poder voltar a correr sobre a terra na sua condição original; temos também a estagnação traiçoeira dos pântanos que transforma o fluir cristalino do rio em águas paradas e salobras.

Cada imagem dessas se refere à um sofrimento e à um desafio a ser vencido: a depressão da separação, o abismo do luto, a aridez da rejeição, as águas movediças da traição e como essas muitas outras dores que se apresentam durante nossa vivência do amor.

Da mesma forma que tendemos a não ver aspectos positivos na paixão, também olhamos para esse sofrimento como algo que devemos apenas superar o mais rapidamente possível. Pensamos que se há algum valor na dor e no sofrimento é aquele de testar a força de nosso caráter e de nossa capacidade de não sucumbir a eles. No entanto, há muito mais que isso nessa experiência. Assim como a paixão nos arranca do nosso egoísmo e

nos força a ver o outro, o sofrimento nos leva a descobrir o outro sombrio dentro de nós, o nosso lado escuro, aquele lado para o qual nunca olháramos de livre e espontânea vontade.

Toda vez que somos rejeitados, traídos, ou perdemos alguém ou algo muito amado podemos nos defrontar com sentimentos assustadores como: desespero, melancolia, ira, vingança, solidão, inveja, ciúme, enfim toda sorte de sentimentos desagradáveis e pouco nobres, em proporções e intensidade, às vezes, devastadoras. Portanto, o sofrimento nos obriga a olhar, a tentar compreender e por consequência a amar também esse outro lado terrível dentro de nós, porque só através desse olhar que busca compreensão e não julgamento, é que nos tornamos verdadeiramente humanos. Se negamos o reconhecimento a esse lado escuro teremos perdido a grande oportunidade de transmutá-lo e resgatá-lo da sua condição atroz. As frustrações têm a função de nos despertar, de quebrar as ilusões e de nos fazer avançar para a descoberta do verdadeiro amor. Sem esse encontro com nosso outro interno sombrio não há real encontro com qualquer outro externo.

A dificuldade de amar na nossa sociedade está estreitamente ligada a dificuldade de aceitar a dor e o sofrimento como parte natural da vida e, mais que isso, de percebê-los como grandes mestres e ajudantes, que nos apontam nossa real condição humana. Assim, a verdadeira vivência do amor depende de como nos relacionamos com nossas falhas e limitações e não de como nos livramos delas. Como Orfeu, por causa do amor, somos levados a descer aos infernos em busca da nossa alma perdida. Depois disso temos que confiar novamente na força do amor, e não mais olhar para trás.

*“ Na luz desse dia vazio de primavera,
meu poeta, canta os dias que passam sem parar,
que correm sorrindo e nunca olham para trás,
que desabrocham numa hora de prazer impensado,
e depois murcham num instante, sem qualquer pesar.
Não fiques aí sentado, em silêncio,*

*desfiando o rosário das tuas lágrimas
e sorrisos do passado.
Não pares para colher as pétalas murchas
das flores da noite que se foi.
Não corras, procurando as coisas que escapam de ti,
nem para deslindar o significado que não é claro.
Deixa os buracos da tua vida onde eles se encontram.
É assim que a música
poderá emergir das profundezas.” (R. Tagore)⁵*

O Casamento Interior:

Para que finalmente o amor vença e possa se expressar em toda sua pujança, numa sólida união duradoura, é preciso que aceitemos nosso parceiro interior sombrio sem nos identificarmos com ele. Isso quer dizer, atravessar a dor e o sofrimento sem nos tornarmos amargos, ressentidos, desconfiados, vingativos. É o mesmo desafio de um casamento externo: estarmos lado-a-lado com alguém sem sermos absorvidos ou tentarmos absorver o outro.

A persistência na abertura e disponibilidade amorosa, mesmo através de todas as dificuldades que a vida nos traz, vai cristalizando, solidificando uma integração interna que se traduz num sentimento de paz, alegria, entusiasmo sereno, que é uma transmutação do estado de paixão inicial num nível mais sutil da experiência amorosa. É como se houvesse um casamento entre o arrebatamento da paixão e a suavidade do amor lírico, dando origem a um estado amoroso de profunda intensidade com constância e fluidez.

No lado externo é como se o relacionamento amoroso se estabelecesse naquilo que há de mais essencial para as duas pessoas envolvidas. Surge uma união, uma conexão que vai além das particularidades pessoais e se traduz numa profunda compreensão do ser e da alma do outro.

Ao aceitar minhas dificuldades amorosamente, posso finalmente ter acesso ao verdadeiro perdão, para mim e para o outro, posso partilhar a vida com alguém que é meu igual na busca da felicidade, e aí surge a compaixão, a paixão compartilhada, o resultado do amor vivido com sabedoria. Onde antes haviam dúvidas, acusações, dores, limitações, encontramos apaziguamento, abertura, consolo e acolhimento. Assim, o amor começa a se estabelecer firmemente como uma vivência interna contínua, que se espalha dentro de nós e a nossa volta, como o perfume de uma flor.

A união interior produz pessoas “bem-amadas”, que fazem bem a si próprias e ao seu ambiente porque exalam abertura, compaixão, compreensão e alegria de viver. No Ocidente não temos uma palavra para nomear esse estado amoroso, mas na Índia existe o termo “*ananda*”, que poderíamos traduzir aproximadamente por beatitude, o que designaria um sentimento amoroso de alegria e serenidade. Seria a vivência afetiva que acompanha o estado de iluminação, o qual nada mais é que essa união interior que integra tudo o que antes estava dividido, separado, desconectado. Na China a expressão usada é “estar no *Tao*”, estar em concordância com o fluxo do Universo. Nesse ponto, estamos perenemente no movimento contínuo do amor, estamos fora do tempo e do espaço (como bem sabem os apaixonados), experimentamos a felicidade suprema, somos eternos, nos descobrimos, enfim, crianças felizes no colo de Deus. O rio do amor, no qual nos fundimos, desemboca no oceano da eternidade, e descobrimos, finalmente, o real poder do amor, a sabedoria do coração.

*“ O meu coração, pássaro do deserto,
revoa no céu dos teus olhos.
Teus olhos são o berço da manhã,
o reino das estrelas e a profundidade
onde as minhas canções se perdem.
Deixa que eu mergulhe neste céu*

imenso e solitário.

*Deixa que eu penetre as tuas nuvens
e abra minhas asas em teu sol.” (R.Tagore)⁶*

Referências Bibliográficas:

1. SERRANO, M. “*O Círculo Hermético*”. 1973. Ed. Brasiliense. S.P
2. PAZ, O “*O Arco e a Lira*” 1982. Ed.Nova Fronteira. S.P
3. TAGORE, R “*Presente de Amante e Travessia*” 1991.Ed.Paulus.S.P
4. ISHIKAWA, T “*Tankas*” 1985.Roswitha Kempf Ed.S.P.
5. TAGORE, R. op. cit.
6. TAGORE, R. “*O Jardineiro*” 1991.Ed.Paulus.S.P

OS PEQUENOS PROFETAS NAS RUAS

Ana Maria Caramujo Pires de Campos

Quando nos deparamos com tantas crianças vivendo nas ruas¹, meninos e meninas de todas as idades, sentimo-nos profundamente tocados por essa triste realidade. Uma realidade tão distante de nós e ao mesmo tempo tão próxima porque convivemos com ela todos os dias. Todos os dias eu os observava e me perguntava o que poderia fazer por essa realidade tão cruel, pela qual eu, como cidadã, também tinha responsabilidade ainda por assumir. Queria muito poder ajudar se fosse possível, mas não sabia de que maneira. A única certeza era a de que a esmola nunca ajudou ninguém a crescer. Um certo dia, no ano de 1997, por indicação de uma amiga e colega de trabalho, uma instituição conveniada com um órgão público – que aqui a chamarei de “CASA”, me procurou para atender um rapaz de 18 anos que vivia nas ruas e parecia estar empenhado em transformar sua realidade. Recordo-me desse convite com a manifestação de uma alegria incomum, lembro-me do “coração sorrindo”, da satisfação em poder “servir” e sem titubear aceitei o desafio com a clareza de estar “tocando” um campo desconhecido. Além das técnicas convencionais, propus-me a trabalhar com música na terapia, com o objetivo de “tocar” a instância que vai além do racional, de maneira harmônica e alegre, e principalmente por saber dos efeitos que a música produz no cérebro, na psique, e na cura do corpo e da alma. Ao conversar com a equipe da “CASA”, deixei clara a minha intenção de trabalhar e o meu desconhecimento nessa área, propondo uma troca de experiências. Houve empatia entre nós e começamos um trabalho juntos. Atendi o primeiro rapaz (aqui o chamarei Joel), ele deveria ser encaminhado a uma instituição para maiores de 18 anos que poderia profissionalizá-lo. Ele me foi encaminhado por apresentar enurese e isso poderia impedi-lo de se adaptar à nova instituição. Joel é desnutrido, tem altura e peso de um garoto de onze, doze anos, tem anemia falciforme, necessita de atendimento

constante para o controle da doença. Sua família é desestruturada e carente, ele é um dos 19 filhos de uma mãe bastante desorientada, seu pai foi embora quando ele era pequeno. Num determinado momento de sua vida, ele e dois irmãos foram atraídos para o grande “paraíso – as ruas”. É assim que “nossas crianças”, “filhas do mundo” solucionam suas vidas: “se livram da desestrutura familiar” (pais traficantes, alcólatras, drogaditos, mentalmente desequilibrados, violentos, perversos ou simplesmente imaturos e desorientados), e/ou da falta de recursos materiais. Parece que tentam fugir do seu “destino” sem perceberem que ali – no aparente “paraíso” acabam estagnados, perdidos e quase sem saída porque, se não morrem pela droga – craque ou “pedra” como eles mesmos nomeiam – morrem pela violência, e quando não morrem certamente não “vivem”

Joel alegava ter ido para rua porque a situação material em casa era muito difícil e precisava arrumar dinheiro. Sobrevivia pedindo e roubando nas ruas. Quando chegou na “CASA”, estava com muitas feridas nas pernas e andava com dificuldade. Ele cheirava cola e esmalte.

Joel viveu nas ruas desde os doze anos de idade (cinco ou seis anos nas ruas), mas não o bastante para viciá-lo e fazê-lo desistir do seu sonho de voltar à família. Apesar da “CASA” considerar mais saudável e seguro para ele que fosse encaminhado a uma instituição para maiores, que o profissionalizasse, do que voltar àquele ambiente desestruturante e sem recursos, o tempo todo em seu íntimo Joel desejou voltar para junto de sua mãe.

No decorrer da terapia, durante seis meses, Joel foi entrando em contato com sua realidade interior, e se fortalecendo internamente ao perceber sua responsabilidade com a própria vida, com sua existência, e foi internalizando aspectos que lhe possibilitariam sobreviver mais dignamente. Joel optou por voltar para sua casa e continua em tratamento na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. A “CASA” ainda o acompanha, ele está com muitos órgãos debilitados em função da própria doença que não havia sido tratada devidamente até então. Está tentando

aposentadoria por invalidez; sua mãe está mais empenhada em ajudá-lo.

Durante a terapia de Joel, a “CASA” me convidou para realizar algumas sessões para maior integração da equipe por estar passando por algumas dificuldades naquele momento. A equipe nessa época era composta por cinco “educadores de rua” (2). Eu aceitei apesar de alguns deles terem descartado a possibilidade do trabalho corporal por dificuldades pessoais. Recordo-me que me preocupei porque era exatamente isso que eu tinha em mente – trabalhar a equipe com alguma dinâmica de grupo a partir do corpo – embora ao mesmo tempo soubesse que surgiria alguma outra saída, apenas ainda não tinha bem claro qual seria. Surgiram várias técnicas, muitas idéias, mas me sentia inquieta e insegura, pois nenhuma me parecia tão eficaz quanto o trabalho corporal. Continuava tentando encontrar uma saída para aquela situação e então, uns três dias antes do trabalho, sonhei que formava uma pequena bandinha com aquela equipe. Não tive dúvidas, essa seria a melhor técnica para aquele trabalho! Levei alguns poucos instrumentos de bandinha emprestados e uma fita com músicas de roda não muito conhecidas. Minha proposta não era ensinar música, muito menos formar uma bandinha rítmica convencional, meu objetivo era sensibilizá-los para que o grupo pudesse experienciar a percepção de si mesmos e do outro através de uma nova forma de compreensão, que não a mental.

A partir dessa vivência, o grupo teve a oportunidade de diagnosticar e descobrir soluções para os problemas que estavam enfrentando porque foram “tocados” por uma “consciência maior” que vai muito além do pensar e do saber intelectual, foram “tocados” pela sabedoria do “coração”, através do do ritmo (o pulsar da própria vida), da melodia e da harmonia – enfim, a música (3). O grupo vivenciou a participação de cada integrante como uma importante parcela no resultado final de conjunto. Para tanto, seria preciso desenvolver a capacidade de ouvir o outro, saber o momento correto de entrar e executar sua parte, saber em que momento é necessário destacar-se do outro, em que momento deve executar o instrumento tão delicadamente, que o efeito é justamente

surpreendente por estar ali, mas de maneira a não encobrir os sons que, naquele momento, devem se sobressair para expressar a música com toda a sua beleza e harmonia. E também manter-se firme em sua execução sem se deixar influenciar pela execução do outro. Enfim, “tocar” em grupo implica em diferenciar-se do outro, participando conscientemente e cooperando para que no final a meta grupal seja atingida. Sem falar na importância da intenção que é passada para o instrumento ao “tocá-lo” para que ele seja o representante do sentimento, da alma de quem o executa, e aí sim chegamos ao resultado esperado – a música propriamente dita. Enfim, o trabalho implica num esforço e dedicação individual para uma transformação coletiva. Foi uma experiência muito enriquecedora para todos nós, na qual eu me coloquei apenas como observadora, e intermediando as relações, e o tempo todo os deixei livres para se organizarem da melhor maneira no sentido de obterem maior “harmonia musical”. Foi tudo muito lúdico para eles, ao longo do trabalho foram se descontraindo, deixaram sua “criança interior” livre para brincar, riam muito e demonstravam alegria e satisfação ao descobrirem que podiam, em grupo, realizar um bom trabalho; ora um dos integrantes liderava, ora outro, de acordo com a necessidade do momento. Nessa experiência o grupo pôde perceber que todos eram muito importantes na realização daquela tarefa. Ao longo deste trabalho, foram se percebendo com uma maior consciência e responsabilidade individual e coletiva no alcance da meta em comum. Passaram a olhar mais para si mesmos e com maior respeito e tolerância para o outro, uma vez que reconheceram suas limitações e dificuldades. Quando se alteram as circunstâncias, também se transformam as hierarquias. Este trabalho foi realizado em duas sessões de duas horas cada uma e foram espaçadas por um mês e meio, para que eles pudessem sentir e viver aquilo que observaram e concluíram com o grupo de trabalho. Em seguida, houve modificações significativas na “CASA”, e no seu quadro de funcionários.

O segundo rapaz que chegou ao meu consultório, eu o chamarei Baruc, tem 17 anos, mais ou menos 1,80 de altura, bem magro, viciado em craque e cola. Ele havia manifestado o desejo de se livrar do vício da droga e do

vício das ruas onde havia sofrido muita violência. Encaminharam-no para sensibilizasse para um posterior trabalho em grupo, no tratamento de desintoxicação. Baruc parecia estar interessado no trabalho, apesar de colocar impecilhos para um futuro trabalho em grupo, como por exemplo dos “Narcóticos Anônimos”, ou uma possível internação para realizar a desintoxicação. Baruc é um entre onze filhos. Sua mãe é alcólatra; o pai e o avô tem uma imagem mais preservada para Baruc, apesar de lhe parecerem muito fracos. Quando Baruc me foi encaminhado, Judite, sua filha, tinha acabado de nascer, e estava morando com a mãe num “mocó” (4) nas proximidades do Ceasa. Ele chegou ao meu consultório com um certo “ar de deboche”, despretenciosamente. Recordo-me que fui muito firme e segura em fazer-lhe algumas exigências e determinar limites bastante claros para que eu continuasse a atendê-lo. Houve empatia entre nós, isso pude sentir logo no início. Baruc aos poucos foi respeitando os limites e exigências, como por exemplo: tocar a campainha e me esperar em pé no portão ao invés de se “jogar” na calçada sentado ou deitado; vir à terapia sempre depois de passar na “CASA” para tomar banho, trocar de roupas, escovar os dentes, tomar café; não atrasar; não faltar sem avisar, etc...

Baruc gosta muito de música. No decorrer da terapia ele tocou instrumentos de percussão como atabaque, pandeiro, chocalho, ganzá, reco-reco, etc., explorou o teclado e o acordeon. Muitas vezes eu tocava músicas de roda ou baião no teclado e ele me acompanhava com alguma percussão, ou então ele cantava algum “Rap” tocando percussão, ou ainda acompanhava as músicas de discos. Havia muita alegria em seu rosto, e ele era assíduo, aproveitava cada “segundo” em terapia, e entoava aquelas canções pela rua com muita satisfação.

Às vezes desenhava, construía com blocos de madeira, e quanto simbolismo! Desenhava e construía igrejas, símbolos da época das cruzadas, etc., jogávamos dama, jogos da memória e outros no computador. Baruc passou a vir até o portão do consultório acompanhado dos irmãos, da mulher de um deles e então perguntavam a ele: agora

você vai ter aula de piano? Ele respondia. “aqui é legal, a gente toca, canta.” nessas ocasiões eu os orientava para que pedissem ajuda à “CASA” para que pudessem vir também para a terapia. Mas não obtinha resposta.

Depois de uns três meses, Baruc começou a se distanciar da “CASA”, já não participava das atividades todos os dias. Negou-se a ir ao N.A. (Narcóticos Anônimos). Na terapia também começou a faltar sem avisar, sumia, reaparecia depois de dias. Ele se desentendeu com a equipe da “CASA” porque começamos a agilizar sua internação para a desintoxicação. As notícias eram que ele estava envolvido com gente perigosa, e passou a roubar, assaltar, e estava “jurado de morte”. Quando Baruc reapareceu, estava assustado, com medo, mas nada contou a respeito dos últimos acontecimentos. A “CASA” o pressionou a se decidir pela internação, e ele disse que não queria, nem precisava da ajuda de ninguém, recusava-se a ir para algum tipo de instituição, a rua seria sua opção. Baruc ficou desaparecido um mês. Eu me sentia inconformada com essa resolução porque percebia que por um lado ele queria tentar uma reabilitação, mas, por outro, a força do grupo das ruas acabava sendo muito maior (estamos falando de adolescência!). Só sei que fixei o meu desejo em reencontrá-lo para uma última tentativa. Eu sabia que ele morava nas ruas do meu bairro, bem próximo do meu consultório e da minha residência, então percorria as ruas com a esperança de encontrá-lo. Num domingo eu estava no jardim da minha casa quando um dos irmãos de Baruc se aproximou e me disse que ele gostaria de falar comigo, mas estava com muita vergonha de se aproximar. Ele se encontrava a uns 10 metros de distância. Eu o chamei, nós conversamos, ele disse que gostaria de voltar à “CASA”. Disse-lhe que fosse até lá no dia seguinte, se ainda estivesse disposto à internação. No dia seguinte recebi uma ligação da “CASA”, dizendo que estavam providenciando a documentação necessária para a internação de Baruc; ele foi internado, mas depois de cinco dias voltou para as ruas alegando não ter aguentado o esquema de horário e a rigidez da instituição. Não o encontrei mais; soube

recentemente que ele se internou novamente, através de um grupo evangélico, mas também não suportou por muito tempo e está de volta às ruas.

Apesar de ter atendido Baruc durante apenas quatro meses, esse caso me fez refletir sobre muitas questões sociais, políticas, econômicas, religiosas e psicológicas que favorecem e mantêm esses meninos nas ruas. E em minhas reflexões pensei em propor uma atividade para a “CASA” que criasse uma força de grupo tão intensa quanto a força que eles encontram nas ruas, e para mim estava claro que a música poderia criar essa força. Surgiu-me a idéia de formar uma bandinha rítmica, e então convidei uma professora de música para realizar o trabalho, e me ofereci como voluntária para ajudá-la nas aulas. A “CASA” apreciou muito a idéia e iniciamos esse trabalho em fevereiro de 1999. Até a primeira quinzena de maio pudemos observar o quanto os meninos estão vinculados com o nosso trabalho. Iniciamos com cinco meninos, passou para oito, dez, doze, vieram também as meninas. Numa aula chegamos a trabalhar com dezoito crianças de sete a dezessete anos. Mas, nem sempre todos os meninos comparecem nossa clientela é bastante flutuante.

O nosso objetivo é muito maior do que a simples execução dos instrumentos e o aprendizado da música, muito embora esse aprendizado por si mesmo proporcione a vivência de inúmeras possibilidades, favorecendo a essas crianças e jovens uma maior percepção de si mesmos e da realidade que vivem. Nossas aulas acontecem uma vez por semana, por duas horas; fazemos leitura rítmica, cantamos, dançamos, tocamos vários instrumentos de percussão, contamos histórias, conversamos e também fazemos relaxamento, sempre num ambiente de alegria, descontração e amizade.

Essas crianças são muito especiais porque desde muito cedo precisam assumir a si próprias em todos os sentidos, sendo que, infância e adolescência seria justamente a idade de receber cuidados, orientação, educação, respeito e amor. No entanto, são obrigadas a desenvolver uma “autonomia”, uma “independência”, para continuarem a sobreviver apesar

de sua realidade, dos preconceitos, das injustiças, etc.

Por um lado vivem um mundo tão diverso daquele que se esperaria para alcançarem um desenvolvimento fisiopsíquico adequado, e ao mesmo tempo são tão iguais a todas as crianças - com muita alegria, vivacidade, “ginga”, mágica, fantasias, sonhos, “pureza de coração” e de sentimentos, esperanças, ideais, desejos - enfim, são CRIANÇAS. Mas como é difícil “enxergá-las”, como é difícil aceitarmos o nosso egoísmo, a nossa “negação” frente à realidade, os nossos preconceitos, que não são poucos, quando tentamos nos enganar “fazendo caridade” Eu pergunto “caridade” para quem?

Esses meninos e meninas de rua, estão nos dizendo a todo momento que são reflexo de uma sociedade, de uma organização econômica, política, e religiosa que não deu certo e portanto grita por urgentes transformações. E é por isso que os denominei “pequenos profetas”(5), porque há muito estamos nos desviando do nosso “verdadeiro caminho” e essas crianças nos tem alertado para uma maior consciência. Tanto é verdade, que hoje vivemos uma situação de violência que não privilegia ninguém, nem mesmo os detentores do poder. Analogamente, ao sairmos para as ruas somos e nos sentimos tão desprotegidos e “violentos” como nossos “pequenos profetas”. São tantos os pequenos profetas: Daniel, Amós, Oséias, Miquéias, Naum, Joel, Ezequiel, Jonas, Malaquias, Zacarias, Jeremias, que nos alertam a todo momento, fazendo suas profecias para que cada um de nós comece uma transformação, que se faz urgente, em nosso próprio íntimo e assim se reflita no coletivo.

Lembrei-me de um conto que ouvi na “CASA”

Era uma vez dois reinos – Campos Elisios (nesse reino havia muita luz) e Tártaro (nesse reino havia muita sombra) - que eram unidos por uma única trilha. Nasceram os seus respectivos príncipes. Meb e Lam, e na grande festa de batizado todas as fadas foram convidadas, exceto uma, que entre os presentes ofereceu a Lam um lápis de cor mágico, o qual daria vida a tudo que ele desenhasse ao longo de sua vida. Na

infância, Lam criou o sol, borboletas, aves, florestas, enfim, um mundo belo e perfeito. Mas conforme foi crescendo, também foram surgindo horríveis monstros e esses eram muitos. O reino de Meb agora passou a lutar contra eles para poder preservar o bem estar e a segurança de todos, e assim começaram as terríveis guerras entre os reinos, até que um dia Lam, com a ajuda de Meb, como se tivesse acordado de um grande pesadelo, entendeu que o seu poder poderia agora destruir a todos e com o lápis de côr conseguiu transformar seus monstros em uma grande força criativa. Agora havia um só reino, muito mais justo, onde seu povo passou a viver em harmonia. E a sua trilha passou a ser chamada "AMOR"

Não basta eliminar os nossos monstros, temos que integrá-los à nossa psique. Penso que só o "amor" será capaz de realizar grandes transformações.

A "CASA" é aberta, funciona das oito às dezessete horas. Em 1996 o projeto tinha como objetivo desenvolver um processo educativo com crianças, adolescentes e jovens mães que sobreviviam trabalhando, ou morando, ou simplesmente passando nas ruas do bairro em questão e adjacências. O projeto da "CASA" hoje tem como objetivo geral estabelecer um plano personalizado de atendimento à criança e adolescente em situação de rua e risco social (aqueles que passam pela rua e voltam para casa no final do dia – a maioria filhos de camelôs e vendedores ambulantes; os já viciados e que fizeram da rua sua moradia; os intermediários – os que oscilam sua permanência entre a rua e a residência da família – verificou-se que parte desta população não permaneceu em grupo, circulam em diversos bairros).

Os objetivos específicos são: fortalecer o vínculo com a criança e o adolescente estabelecendo confiabilidade com os educadores e com o projeto; proporcionar permanência no projeto e/ou atividades externas em período integral; promover orientações quanto à saúde (droga e sexualidade), higiene pessoal e cuidados com o corpo, vestuário e quando necessário efetuar encaminhamentos aos recursos públicos, propiciar

atividades pedagógicas, previamente planejadas visando a construção do seu próprio saber e buscando a sua reintegração social; promover momentos de confraternização e datas comemorativas; orientar quanto a importância da documentação pessoal e encaminhar aos órgãos competentes; fazer um diagnóstico da família (biológica ou não) acionando os recursos públicos da própria região que possam oferecer subsídios para uma reestruturação familiar, com acompanhamento do projeto da "CASA", no sentido de promover o retorno à família, buscar alternativas de encaminhamento – albergues, casas de passagem e casas abrigos; resgatar a auto estima e a cidadania.

A clientela a ser atendida. crianças de 07 a 17 anos, ambos os sexos, em situação de rua e/ou risco social com ou sem vínculo familiar.

O projeto da "CASA" atende 12 a 15 crianças e adolescentes por dia, dentro do espaço físico. Nas atividades externas esse número pode aumentar, assim como no trabalho efetuado nas ruas.

A "CASA" faz visitas domiciliares, orienta e acompanha os familiares nas suas necessidades.

Horários da "CASA": Café da manhã - 8:30 às 9:00 horas

Banho e lavar as roupas - 9:00 às 10:00 horas

Atividades educativas - 10:00 às 11:30 horas (plano de ação mensal)

Atividades externas - 13:30 às 16:00 horas - (oficinas de arte, atividades lúdicas e pedagógicas)

Lanche - 16:00 às 16:30 horas

Desde 1983, 4 a 5 crianças por ano conseguem sair das ruas para as instituições ou retornam às suas casas, com o apoio e acompanhamento da equipe da "CASA" e, ou dos diversos órgãos competentes. A "CASA" não se preocupa com a quantidade mas com a qualidade de atendimento. A maior dificuldade para essas crianças é se libertar do vício da mendicância, que para alguns é mais difícil de superar, do que o

próprio vício do craque. É um trabalho a longo prazo, exigindo a sensatez, paciência e prudência dos sábios.

Como orientar ou encaminhar os meninos de rua:

Substituir o “dar esmolas”, que os mantém no vício da mendicância, por encaminhá-los aos projetos existentes, que são organizados para atendê-los nas suas reais necessidades. Esses projetos não são assistencialistas, são projetos educativos comprometidos em realizar um trabalho preventivo e de reabilitação. São organizados também para atender aos seus familiares.

Assim sendo, sempre que se quiser fazer algum tipo de doação deveria se dirigir diretamente aos projetos. Estes se encarregam de utilizar os recursos obtidos dentro de um plano educativo.

São muitos os projetos existentes na Grande São Paulo, entre eles estão os Conselhos Tutelares do Município de São Paulo (O conselho Tutelar é um órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos em seu Estatuto). Em cada município haverá, no mínimo, um Conselho Tutelar composto de cinco membros, escolhidos pela comunidade local. Estes, estão aptos para receber as crianças e adolescentes que necessitem de ajuda por maus tratos, denúncias, ato infracional, etc. É a “porta de entrada” para a criança ou adolescente encontrar soluções de acordo com as suas necessidades.

Conselhos Tutelares do Município de São Paulo:

Butantã – Rua Ulpiano da Costa Manso, 201 – Fone: 842-7211/R.120

Fax: 846-6287

Campo Limpo – Rua Haroldo de Azevedo, 100 – Fone: 5512-0500

Capela do Socorro – Rua Cassiano dos Santos, 270 – Fone: 5667-4619

Centro – Praça da República, 154 – Fone: 259-9282

Freguesia do Ó – Rua Santa Marina, 2187

Guaianazes – Rua Prof. Cosme Deodato Tadeu, 136 – Fone: 207-8764

Ipiranga – Rua Gonçalo Pedrosa, 131 – Fone: 215-3047

Itaquera – Rua Campinas do Piauí, 22/28 – Fone: 6179-8357

Lapa – Rua Guaicurus, 1000 – sala 24 – Fone: 262-8409

Moóca – Rua Taquari, 549 - sala 20 – Fones: 692-2922/292-2122/ R. 350

São Miguel - Rua Dona Ana Flora Pinheiro de Souza, 76 – Fone: 292-9200

Ermelino Matarazzo São Matheus – Rua Francisco de Mello Palheta, 614 Fone: 6919-9899

Penha – Rua Candapuí, 492 – Fone: 6957-3826

Perus/Pirituba – Rua Ylídio Figueiredo, 349 – Fone: 847-0823

Pinheiros – Av Prof. Frederico Herman Jr., 199 – Fone: 211-2777/R.166

Santana – Av Tucuruvi, 808 – 3º andar – sala 315

Santo Amaro – Rua Pe. José de Anchieta, 646 – Fone: 548-2382

Vila Maria/Vila Guilherme – Praça Oscar da Silva, 110 – Fone: 219-0136

Vila Mariana – Av IV Centenário, 1451 Fone: 822-6098

Vila Prudente – Av Oratório, 172 – Fone: 6101-0211/R.135 e 6918-0271

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE:

Após a promulgação da Constituição, a articulação dos movimentos sociais manteve-se a fim de garantir a regulamentação do artigo 227 que diz:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”

NOTAS:

(1) meninos de rua: são os que deixaram suas casas e fazem das ruas sua moradia; não são os meninos que pedem nos faróis, porque esses apenas passam pelas ruas.

(2) educador de rua A) aquele que “pastoreia sonhos” (denominação de Débora – educadora da “CASA”); B) aquele que semeia amor e faz a ponte entre a realidade vivida por essas crianças e a possibilidade de construir e/ou resgatar sua própria identidade (minha denominação).

(3) “A música é um fenômeno acústico para o prosaico, um problema de melodia, harmonia e ritmo para o teórico; e o desdobrar das asas da alma, o despertar e a realização de todos os sonhos e anseios de quem verdadeiramente a ama. ”

“A vida é som. A vida é movimento, e o som se origina do movimento.

“De tudo quanto soa, ao redor de nós, imperscrutavelmente e de milhões de modos, só uma pequena parte é que nos penetra a consciência, pelos ouvidos e pelo cérebro. Uma parte ainda menor nos penetra o coração onde pode despertar ecos, e essa parte pequenina é um mundo inteiro. ”

(História Universal da Música – Kurt Pahlen)

(4) Mocó moradia na rua por aqueles que já estão viciados. Essa denominação é da “CASA”

(5) Pequenos Profetas: essa nomeação para se referir aos meninos de rua foi sugerido por Débora, uma educadora de rua que trabalha com essas crianças desde 1981 quando o projeto se iniciou com a Pastoral do Menor. Depois em 1983 foi criado o grupo de rua. Débora possui não somente experiência nessa área pelo seu trabalho de campo, mas por participar de vários congressos internacionais, simpósios, realizados para uma maior reflexão sobre o assunto.

Agradecimentos. Aos educadores da “CASA” e aos “Pequenos Profetas”, pelas inúmeras oportunidades de auto-conhecimento e reflexão que vêm me proporcionando.

Poesia é um momento da conversa de Deus com tua Alma.

Betty Fontes.

Defeitos? Todos.
Qualidades? Nenhuma.
O que posso oferecer-te,
Amigo?
O reconhecimento do teu
Amor por mim.
Por ti? Nem sempre
reconheci tuas necessidades,
teus prantos sofridos,
teus desejos desvelados,
teu rosto desvalido,
e te consolei
e te apaziguei.
Nem sempre te
dei colo,
aceitei tuas idéias malucas,
me alegrei com tua descoberta,
entusiasmei a ti com teus insights,
incentivei teus conseguimentos.
Obrigada, amigo, por me aceitares como sou.

O SIMBOLISMO DOS SONHOS E DO CORPO

Marisa Catta-Preta de Oliveira

O inconsciente irá manifestar-se de diferentes formas em nossa vida. Independente da nossa consciência, essas manifestações ocorrem. Quando podemos percebê-las e integrá-las, há um grande crescimento interior.

É como se o inconsciente possuísse uma lógica que nada tem a ver com a “lógica formal” tão conhecida pela consciência. O inconsciente tem suas leis próprias, seu tempo e espaço é regido por parâmetros diversos dos da consciência. Por essa razão, muitas vezes suas mensagens parecem confusas e destituídas de sentido.

O inconsciente se utiliza dos símbolos como fonte de expressão dos conteúdos que quer transmitir. Para Jung¹, o símbolo representa “alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós”. Segundo ele podemos conhecer um determinado objeto, mas não ter conhecimento de seu simbolismo. Jung diz, “uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além de seu significado manifesto e imediato”.

O inconsciente se utiliza dessa comunicação simbólica. Para Jung, não é o inconsciente que quer complicar ou dificultar nossa compreensão, mas somos nós que nos distanciamos dessa linguagem mais natural e instintiva. O fato de não compreendermos o simbolismo dos sonhos e das manifestações corporais, não significa que ele não exista. Nós é que não temos mais a capacidade de compreendê-los, porque abandonamos muito de nossa forma de ser instintual e passamos para uma compreensão num nível mais racional e intelectual.

Quando compreendermos as mensagens do SELF, (o centro ordenador de nossa psique), podemos perceber o sentido, e a exatidão está na escolha do inconsciente em cada forma de expressão, seja em nossos sonhos ou em nosso corpo.

Através de um trabalho experimental pretendo demonstrar a relação entre os símbolos encontrados nos sonhos e nas manifestações corporais de um mesmo indivíduo: símbolos que parecem tratar de um mesmo tema, relacionado à dinâmica individual vivida pela pessoa ao percorrer seu caminho rumo à

individação.

Mindell⁵ afirma que:

“Da mesma forma como a mente tem um processo de individuação, desde que a pessoa tome consciência das diferentes partes de si mesma, também o corpo quer individuar-se e descobrir todo o seu potencial.”

Para Mindell, o complexo personificado que aparece nos sonhos através de personagens, traz também uma correspondência quanto aos sintomas corporais. Em seu trabalho, é possível chegar ao corpo através das imagens oníricas, ou chegar às imagens através do trabalho corporal. Portanto, é clara a correlação entre as manifestações do inconsciente através dos sonhos e do corpo.

Segundo Mindell os sinais ou processos inconscientes têm duas formas básicas de manifestação:

“Quando o sinal vem pelo corpo chamamo-lo de sintoma. Quando ocorre um sonho é um símbolo.”

Para Jung¹, nessa correlação entre o físico/psíquico também parecia muito clara em várias de suas colocações.

Para ele, o complexo não só se personifica em personagens de nosso mundo onírico, mas contendo uma autonomia e fisiologia própria, manifesta-se também em nosso corpo:

“Conteúdos inconscientes estão como que ocultos em alguma parte do corpo, talvez à semelhança do demônio de uma doença, da qual a consciência não se pode apossar e isso especialmente quando causam sintomas corporais para os quais não se consegue encontrar causas orgânicas.”

Outros analistas junguianos irão compartilhar dessa relação entre o corpo e psique, e da estreita interdependência de seu simbolismo. Ao que parece tanto para Jung como para esses neo-junguianos a manifestação corporal é uma forma concreta de o inconsciente trazer seus conteúdos.

Jung¹¹ diz a esse respeito:

“Qualquer coisa experimentada fora do corpo, um sonho por exemplo, não é experimentada, a menos que a incorporem, porque o corpo significa o aqui e agora.”

A esse respeito também comenta a analista Marion Woodman⁸:

“A análise visa revelar os complexos nos quais estão encerradas as energias reprimidas. Se o analisando tem uma relação corpo/psique relativamente harmoniosa, o material da sombra aparece de forma clara nos sonhos. Em muitas pessoas, porém, corpo e psique estão separados desde tenra idade.”

Em entrevista ao ser questionada sobre como interpretava as imagens oníricas e as manifestações corporais, Woodman_g responde:

“Podemos interpretá-las se tomarmos o devido tempo escutando nosso corpo, para as imagens aparecerem. Se nos concentrarmos em nosso coração, provavelmente uma flor deslumbrante se manifestará. Mas também vêm imagens que não são tão bonitas como as flores – elas podem ser um tanto diabólicas. Elas nos fazem enfrentar o outro lado de nós mesmos. O ponto é que somos de carne e sangue e geralmente nós não vivenciamos a realidade de uma imagem psíquica até a sentirmos em nosso corpo.”

Woodman diz trabalhar os conteúdos psíquicos através da interpretação dos sonhos, e com o corpo através dos sonhos e oficinas de trabalho onde realiza trabalhos de sensibilização e percepção corporal em grupo. Para ela é fundamental o trabalho com as imagens psíquicas pois elas são “fotografias da alma”, a “ponte entre psique e corpo”.

Como podemos observar, não é incomum que apareçam imagens no trabalho corporal e manifestações de sintomas físicos no trabalho com conteúdos psíquicos. É a tão reconhecida integração psicofísica, cuja relação é notória no cotidiano de inúmeros terapeutas.

Sándor, ao falar do método que desenvolveu, a Calatonia, irá fazer referência ao surgimento de imagens psíquicas que parecem integrar o processo que a pessoa traz como potencialidade e desenvolve através da tomada de consciência que vai tendo no decorrer da vida.

Segundo Sándor⁶:

“Experimentando o emergir das imagens calatônicas, suas transformações, sobreposições ou fusões entre si, percebe-se o seu dinamismo integrado e ainda outro fato bastante peculiar a finalidade inerente, isto é, elas surgem prontamente com aquele conteúdo que para os problemas momentâneos do paciente é o mais

indicado, abrangendo as áreas necessárias e – como Jung diria – ‘constelam’ as respectivas esferas vivenciais, as potencialidades.”

Para exemplificar o conteúdo exposto, segue-se o relato de duas experiências muito interessantes. Essas duas experiências foram relatadas por duas integrantes de um grupo que estuda Jung. No módulo de Sonhos e Terapia Corporal, foi proposto que durante os três meses de curso, cada componente do grupo fizesse um caderno com anotações de sonhos, das vivências de imaginação e corporais realizadas com o grupo. Os símbolos que apareceram em cada relato foram anotados por mim e apenas no final do curso pesquisei o significado desses conteúdos. Não foram feitas associações pessoais em torno dos símbolos que surgiram e a minha análise ficou em torno apenas do significado objetivo de cada simbologia.

Conforme suspeitei, os símbolos giravam em torno de um mesmo tema e esse foi confirmado por cada pessoa que obteve o resultado desse trabalho, como sendo o **tema motivo pelo qual** seu processo interno desenvolvia-se no momento. Eventos sincronísticos ou não, esse trabalho revelou mais uma vez um dinamismo e uma escolha perfeita do inconsciente no que se refere à sua linguagem expressa através de símbolos. Ou seja, nenhum símbolo parece surgir ao acaso, mas tem uma informação única e precisa para cada indivíduo que o recebe como mensagem.

Segundo Von Franz²:

“Podemos dizer que os sonhos são cartas que o self nos escreve a cada noite, dizendo-nos para fazer um pouco mais disso, um pouco mais daquilo, ir para um lado ou para outro. Encarando a vida como um todo, observamos que há um padrão, como se o Self tivesse um plano para nós, uma espécie de destino.”

A seguir o resultado da pesquisa do significado simbólico de duas integrantes do grupo:

C. é jovem e está cursando Psicologia. A certa altura do curso, vive um momento de transição, contendo a ansiedade de formar-se e amadurecer em certos aspectos de sua vida. Vejamos os símbolos que aparecem:

- Uma criança desanimada e perdida

A criança irá representar a inocência, a simplicidade e a

espontaneidade. Também pode representar alguns aspectos infantis da sua psique. Vale lembrar que a criança aparece desanimada e perdida.

- Diplomas voando

Três diplomas: branco, amarelo e azul. Ela procura pelo verde. O diploma tem uma representação de um certificado de conclusão da faculdade. Porém aqui são quatro os diplomas mencionados. Se olharmos o simbolismo das cores veremos que cada um parece representar um aspecto em especial:

BRANCO: representa transição. Segundo Chevalier e Gheerbrant⁹ é a cor dos ritos de passagem. Representa morte e renascimento. O fim de uma fase e o início de uma outra etapa de vida. Também é a cor da pureza.

AMARELO: cor que representa, entre outras coisas, o amadurecimento.

AZUL: cor que representa a espiritualidade. A busca da tranquilidade e proteção. Para os egípcios, era a cor da verdade.

VERDE: Simboliza o despertar da vida, a esperança e a imortalidade. É a cor da juventude eterna. Interessante que é esse o diploma que C. quer pegar.

- Quatro

Simboliza o próprio SELF.

- Carro - Está dirigindo sem calças.

O carro representa a forma de conduzir-se na vida. O ego onírico está na direção, o que demonstra que a pessoa aqui conduz seu caminho. Porém dirigir sem calças traz outros aspectos a serem considerados

- Calça

A roupa de uma forma em geral tem a ver com a persona do indivíduo. Segundo Chevalier e Gheerbrant⁹ têm a ver com o ajustamento e a posição

social. Aqui aparece um certo incômodo e inadequação por parte da sonhadora. Poderíamos suspeitar de uma transição, onde está havendo uma “troca de roupa”, algumas modificações em alguns aspectos da persona. Uma mudança em termos de papéis sociais. A calça cobre as pernas e estas representam o movimento, a forma de conduzir-se, de tomar atitudes na vida.

- Folha Caída

A folha é o símbolo da felicidade e prosperidade. A folha que cai representa não só amadurecimento, como necessidade de renovação.

- Galho

Em muitas culturas simboliza sucesso e imortalidade. Parece possuir qualidades mágicas de sorte e proteção.

Obs.: Nessa vivência uma velha sábia lhe diz: “Não desista – procure” e lhe entrega um galho.

- Viagem

Representa o próprio caminho de individuação.

- Celular de voltagem diferente – Seu pai avisa que irá explodir

O celular tem a ver com uma forma moderna e rápida de comunicação. Mas há tensão demais e algo está prestes a explodir. Essa tensão provavelmente reporta-se a algum excesso de energia contido no inconsciente.

- Falo Deformado

O falo representa aquele que gera poder, potencialidades. Segundo Chevalier e Gheerbrant: “O falo se firma ou afrouxa de acordo com a presença ou ausência de energia.” Aqui o falo está deformado.

- Relação Sexual

A relação sexual tem a ver com a integração de opostos que só é obtida após uma tensão desses pares de opostos. Essa tensão parece ter sido retratada nos símbolos anteriores.

- Professor de Violão

O professor pode ser uma representação do animus de C. . Esse professor é um músico. Tocar um instrumento em quase todas as culturas é visto como uma atitude social, onde a música parece unir o homem ao divino.

- Ovários - ao invés de dois tem três

Os ovários são órgãos tipicamente femininos. Eles têm a ver com a sexualidade feminina e a fecundidade. Novamente os opostos aparecem personificados para uma possível integração.

- Três

Representa as tríades, tais como: nascimento/crescimento/morte; homem/mulher/ filhos.

Nos contos de fada normalmente são três o número de provas a serem superadas pelo herói.

- Gravidez

Algo novo que está nascendo, provavelmente algum aspecto criativo da psique.

- Barata Corcunda

Segundo Jung

a barata tem a ver com o Sistema Nervoso Autônomo. Essa barata está corcunda, portanto aparece com as costas alteradas. C. relata que tem sentido dores nas costas. Já havia apresentado esta queixa num relaxamento, na primeira aula.

- Dente – dor

O dente tem a ver com energia, agressividade, juventude. Para Jung uma dentada também poderia representar uma perigosa agressão dos instintos. Aqui o dente traz dor. Talvez uma dificuldade de lidar com a agressividade necessária para a ação.

- Criança – brincalhona, fazendo caretas, esperta

Aqui um novo aspecto parece nascer. Lembremo-nos que houve uma relação sexual, uma gravidez e agora a criança. E não é mais a criança “desanimada e perdida” do início, mas esperta, viva, brincalhona.

O tema de C. gira portanto em torno dos aspectos de transição, amadurecimento, integração do masculino para que possa nascer um aspecto criativo representado pela criança. Seu animus manifestou-se nesse processo, através das imagens do seu pai e do professor de música. Interessante observar que ela inicia o curso com uma criança desanimada e perdida e conclui com uma esperta e brincalhona. Após longo processo de dores, inadequação, tensão interna, integração de opostos, parece que C. dá continuidade ao seu processo de crescimento interno.

A outra pesquisa simbólica fala de M., que já é uma mulher madura, com muitas atividades intelectuais e profissionais, intensificadas após a morte repentina de uma filha adolescente. Vejamos os símbolos que experimentou durante nosso trabalho em grupo:

- Urso branco

O urso é um animal que muitas vezes representou Ártemis, uma deusa grega que em muitos aspectos refere-se à adolescência. Em seu aspecto negativo é vista como Hécate, a deusa da noite, da morte, acompanhada sempre de cães. Em algumas versões do mito, Hécate é uma versão de Ártemis. Aqui o símbolo traz morte e adolescência; vale lembrar que M., conforme mencionei acima, perdeu uma filha adolescente.

O Urso também está associado ao poder de estar nos dois mundos, dos vivos e dos mortos, já que a hibernação representaria uma quase morte. Representa portanto a morte, o mergulho no inconsciente. Aqui o Urso é branco, o que lhe confere um aspecto um pouco mais puro: a cor dos ritos de passagem. Vale lembrar que a morte é vista como uma passagem.

- Cachorro negro

Em muitas culturas o cachorro está relacionado com a morte. Ele também é o guardião do reino dos mortos, que segundo Marie Louise von Franz² é o reino do inconsciente.

Além disso esse animal é o companheiro de Hécate e Ártemis, deusas já representadas pelo símbolo anterior.

- Calcanhar

O calcanhar, segundo algumas culturas, seria o lugar pelo qual a alma deixaria o corpo e por onde a morte entraria. Serpentes e escorpiões costumam morder no calcanhar. O personagem mítico Aquiles tinha o calcanhar como ponto vulnerável. Sem o calcanhar não nos mantemos em pé, ele é a base do nosso eixo corporal.

- Casa

Nessa casa encontra sua filha que morreu e sua avó que já perdeu filhos. Ambas lhe pedem para que tenha confiança.

- Loja

Nessa loja a dona lhe oferece um vestido lindo de festa, porém M. fica indecisa em comprá-lo. Antes a loja era uma papelaria.

Os símbolos de M. parecem circular em torno do tema de morte. A elaboração do luto, as forças protetoras da psique, a relação mãe e filha, a perda da filha adolescente (tema vivido pelas deusas gregas Deméter e Perséfone), parecem apontar para integração da consciência do trauma vivido por M.

O último símbolo apresentado é significativo. O inconsciente parece convidá-la a tirar o luto e vestir uma veste mais social. Segundo M., o vestido é “alegre” e “muito bonito”. Em alguns sonhos com pessoas que morreram, é comum o tema de uma festa com familiares e amigos como convidados.

Pudemos, portanto, verificar que, em ambos os casos, os símbolos que aparentemente não apresentam nenhuma correlação entre si, apresentam um eixo comum em torno de um tema vivido pela pessoa em questão durante seu processo de individuação. Durante nossas vidas vários são os temas que se

apresentam em nosso caminho. Focalizamos apenas um trecho das vivências de C. e M., um trecho repleto de símbolos que se manifestaram através de imagens vindas de seus sonhos e de vivências práticas no trabalho com imaginação e com o toque terapêutico corporal.

Não cabe interpretarmos os símbolos, mas observá-los em sequência e na forma em que se impuseram no processo de luto vivido por M.

O inconsciente manda mensagens que transcendem o entendimento limitado e estreito da nossa consciência.

Para compreender um pouco mais esses recados diários do Self, é necessário muito mais que um entendimento intelectual. É preciso ter a humildade vivida por Jung, que interpretou por volta de 80 mil sonhos em toda sua vida. Jung dizia que, ao se ver diante de um sonho esquecia tudo que sabia com a atitude de estar diante de um evento único destinado a uma só pessoa, num contexto de tempo que jamais se repetiria.

Aconselhava seus seguidores a estudar o simbolismo dos sonhos, embora recomendasse:

“Aprendam tanto quanto puderem a respeito do simbolismo, depois, quando forem analisar um sonho, esqueçam tudo¹².”

Coisas do inconsciente... e de quem tem profunda intimidade com o mesmo. E Jung tinha...e muito!

BIBLIOGRAFIA

- 1- JUNG, C. G. - *"Fundamentos da Psicologia Analítica"* – Petrópolis, Vozes - 1981.
- 2- FRANZ, Marie Louise von - *"O Caminho dos Sonhos"* – São Paulo, Cultrix – 1992.
- 4- JAFFÉ, Aniela - *"Ensaíos sobre a Psicologia de C.G. Jung"* – São Paulo, Cultrix – 1992.
- 5- MINDELL, A. - *"Trabalhando com o Corpo Onírico"* – São Paulo, Summus.

6- SANDOR, Pethö e outros - *"Técnicas de Relaxamento"* – São Paulo, Vetor-1982.

7- PYTHIA Peay, *"A Meeting with Marion Woodmam"* – entrevista publicada por The San Francisco Jung Institute Library Journal, vol. II – 1992.

8- WOODMAM, Marion - *"A Coruja era Filha do Padeiro"* – São Paulo, Cultrix – 1980.

9- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. - *"Dicionário de Símbolos"* - Rio de Janeiro, José Olympio.

10- BREIGAER, Verlag Heider Freiburg - *"Dicionário dos Símbolos"* – São Paulo, Cultrix – 1978.

11- JUNG, C. G. - *"Seminários sobre Visões"* - (The Visions Seminars). Tradução do prof. dr. Pethö Sandor

12- JUNG, C. G. - *"O Homem e seus Símbolos"* – Rio de Janeiro, Nova Fronteira – 1964.

TRABALHO CORPORAL COM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: TOCANDO UM TABU

Neusa Maria Lopes Sauaia
 Ana Laura Rabelo de Araújo
 Angela Maria Carcassoli Kato
 Antonio Fernando Stanziani
 Francisca Suely Barcelos
 Márcia Gimenez C. Fernandes
 Sônia Maria Pettinelli

*“O corpo exige igualdade de direitos.
 Ele exerce o mesmo fascínio que a psique.
 Se ainda estivermos imbuídos da antiga concepção
 de oposição entre espírito e matéria, isto significa
 um estado de divisão e de intolerável contradição.
 ... o espírito é a vida do corpo, vista de dentro, e
 o corpo é a revelação exterior da vida do espírito...”*
 (C.G. Jung, 1928, C.W. Vol. X, par. 195)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, inicialmente apresentado como um projeto piloto, vem sendo realizado dentro das dependências do Instituto Sedes Sapientiae desde o início do ano de 1998, em parceria com o Núcleo de Referência às Vítimas de Violência – NRVV.

No ano de 1998 formaram-se 2 grupos: um de crianças entre 8 e 9 anos, e outro de pré-adolescentes entre 10 e 12 anos. Atualmente estão em atendimento 3 grupos divididos por idades que vão dos 6 até os 14

anos. Todos estes pacientes foram anteriormente atendidos, em grupo ou individualmente, pelos profissionais do NRVV, período no qual foram trabalhadas as questões concernentes à problemática da violência propriamente dita sofrida por cada um deles. Funcionam também dois grupos de trabalho corporal com os acompanhantes dos pacientes (pais ou responsáveis). O tempo de atendimento proposto no projeto original era de aproximadamente 8 meses; no entanto, devido a solicitações das crianças, houve continuação do trabalho ainda neste ano.

2. POR QUÊ REALIZAR TRABALHO CORPORAL PARA VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA ?

O corpo fornece o ambiente onde tudo se processa tanto a nível biológico quanto psíquico. Não se pode falar em mente e corpo separadamente, um não existe sem o outro, e o que acontece com um trará reflexos ao outro. Nas palavras de Jung: “ A alma humana vive unida ao corpo, numa unidade indissolúvel, por isto só artificialmente é que se pode separar a psicologia dos pressupostos básicos da biologia.” (C. G. Jung – CW8 - “ A natureza da psique “ – par:232).

Embora Jung não tenha utilizado de técnicas corporais em seus atendimentos clínicos, obteve, da observação de alterações nas reações fisiológicas frente a determinados estímulos, a base para alguns de seus principais conceitos, entre eles o de complexo. Acreditava ele que não era somente a psique que sofria, nem somente o corpo, mas o indivíduo como um todo.

A própria formação do ego, centro da consciência, é posterior à formação do que se denomina ego corporal. É através do diálogo corporal com sua mãe que a criança delimita seu corpo no mundo e do mundo dos objetos. É exclusivamente em termos corporais que o bebê vive seus primeiros meses de vida. Quando sente fome, frio ou dor, ocorre a vivência do desprazer que, em termos corporais, se traduz por contrações musculares. Em contrapartida, vivencia prazer e satisfação quando alimentado e aquecido, o que se traduz por descontração e relaxamento

muscular. Portanto, já se consideram aqui qualidades emocionais acopladas às sensações físicas, que se tornam registros de uma memória corporal. Fatos, muitas vezes, arquivados em nossa psique, mas não conscientes, estão, com certeza, registrados em nossos corpos. Não somente os olhos são o espelho da alma mas, de forma mais abrangente, o corpo é também o espelho da alma.

De acordo com nossa formação teórica Junguiana, entendemos que o trabalho corporal que abrange um enfoque simbólico torna-se um caminho importante de ampliação de consciência e de fortalecimento egóico. É ele que funciona como esteio da personalidade, criando a ponte entre a vivência do corpo e a construção de um arcabouço psíquico. As crianças/adolescentes por nós atendidos trazem esta demanda, pois carregam em seus corpos memórias de situações vividas ou presenciadas com muita dor e sofrimento. Este trabalho propicia a oportunidade de fazer fluir a energia represada, reorientando-a no sentido de sedimentar registros corporais mais positivos, que possam semear novamente o prazer de viver. Estas crianças/adolescentes, certamente beneficiam-se de um trabalho que pretende auxiliá-las a se reorganizar para que tenham vidas mais construtivas e felizes.

A literatura sobre o tema da violência descreve duas vertentes etiológicas básicas: a violência de origem psicológica e a de origem física. Nesta última categoria destacam-se o abuso sexual e os maus tratos físicos com altos índices percentuais. No entanto, surpreende o fato de que os trabalhos propostos para essa população, em sua maioria, não englobam qualquer tipo de abordagem corporal. Estaríamos, então, diante de algum tipo de tabu?

A idéia de tabu necessariamente permeia o ponto que tangencia o sagrado e o profano. Trabalhar com crianças que já tiveram a experiência de verem seus corpos profanados pela violência, ousar tocar estes corpos, coloca o terapeuta frente a alguns riscos. Primeiramente surge o medo de retraumatizar a criança, pois qualquer toque ou intervenção mais firme pode ser interpretado como uma nova violência ou agressão. Não é difícil

lembrar-se da sabedoria de um antigo dito popular que afirma: “Gato escaldado tem medo de água fria”. A criança frequentemente apresenta uma aversão ao toque, uma defesa frente a uma aproximação, congelando seu corpo, bloqueando seu contato com outras crianças e com o adulto terapeuta. Desenvolve também uma agressividade reativa e pouco transformadora, muitas vezes, tornando-se, ela própria, uma agressora.

No que tange ao terapeuta, o contato com a ferida da criança certamente o remeterá à sua própria criança ferida que, se por um lado pode ser de grande utilidade para dimensionar o grau de sofrimento do outro, por outro pode amedrontar e bloquear sua atuação terapêutica.

As freqüentes situações de falta de limites, de desrespeito a regras, normas sociais e morais trazidas por estas crianças trazem um outro perigo. É natural e racionalmente compreensível, que elas repitam padrões de comportamento aos quais foram submetidas, porém tal compreensão pode não evitar que o terapeuta seja instigado a agir com seu lado agressivo para pôr “ordem na casa” e se surpreenda agindo com seu lado mais sombrio e desconhecido.

Todas estas idéias devem, portanto, ser cuidadosamente consideradas no atendimento a esse tipo de população, pois sabemos que é do veneno que fabricamos o antídoto e é só tocando esses corpos feridos que se alcançará a possibilidade de fazer renascer um corpo saudável e criativo.

3. *QUAIS OS OBJETIVOS DESTA PROJETO ?*

Este projeto de abordagem corporal tem por objetivos :

- Facilitar a reaproximação da criança/adolescente com o próprio corpo, alvo da violência em muitos casos
- Promover a socialização através do trabalho em grupo
- Possibilitar a resignificação do próprio corpo e da figura do adulto
- Ter como proposta uma leitura simbólica do corpo, que possibilite uma compreensão do sofrimento expresso em linguagem corporal

- Promover vivências de bem-estar fisiopsíquico através do lúdico com o corpo

- Incentivar uma forma de comunicação que não parta da violência, mas do respeito ao outro

- Reforçar a auto-estima, evidenciando seus recursos próprios, valorizando-a com o intuito de um fortalecimento da estrutura egóica

- Facilitar a construção ou reconstrução de sua identidade.

4. UM BREVE RELATO DO TRABALHO REALIZADO EM 1998

Grupo de crianças de 8 e 9 anos

O desenvolvimento do trabalho foi planejado levando-se em conta a necessidade de utilização de técnicas que levassem a uma ampliação da consciência do corpo dentro de uma proposta lúdica. Os terapeutas pensaram no seguinte contexto para o grupo: sugerir uma tribo de índios na qual cada participante receberia um nome indígena e, em diferentes momentos seriam vivenciadas atividades como caçar, pescar, guerrear, etc.

Qual não foi a surpresa quando, logo no início da primeira sessão, uma das crianças buscou um colchonete, fez com ele uma cobertura e disse que havia construído uma oca. Partindo, então desta idéia, cada um passou a construir sua própria oca e foi montada, quase que espontaneamente, a imaginada aldeia de índios. Também do próprio grupo criaram-se os nomes dos índios, e grande parte das regras da tribo, sendo que uma das mais significativas dizia respeito à manutenção da paz e limitava a ocorrência de qualquer violência.

Os encontros foram marcados por três momentos de trabalho: primeiramente uma maior diretividade nas sessões, depois prevaleceu um período de intensa atividade lúdica e finalmente centrou-se a atenção sobre a agressividade crescente do grupo.

Inicialmente chegava-se à sessão com a programação das técnicas a serem utilizadas visando a conscientização de cada segmento corporal. Os exercícios eram planejados para abordar uma determinada parte do corpo e a finalização da sessão acontecia com uma técnica de integração do todo corporal. Tal abordagem diretiva limitava a espontaneidade lúdica que tinha grande importância para as crianças.

Gradualmente foi enfatizada a atividade lúdica como veículo para as técnicas corporais, o que propiciou um campo extremamente fértil para o olhar simbólico dos terapeutas e mais prazeroso às crianças-índias.

O movimento grupal e a continência corporal oferecidos pelo trabalho propiciaram um rebaixamento das defesas egóicas o que levou a novos contextos lúdicos. Algumas crianças, ao assumirem papéis de cachorros, passaram a manifestar suas necessidades de carinho acercando-se dos terapeutas para pedir afagos ou rosnando e dando patadas nos outros quando agressivos.

Deparamo-nos com o desafio de poder lidar com a agressividade que surgiu maciçamente na tribo apesar das regras criadas por eles próprios. Iniciaram-se, então, as guerras com tribos imaginárias no intuito de canalizar positivamente a energia agressiva que era dispersa e puramente destrutiva. O corpo foi também alvo de cuidado e acolhimento pois os “feridos” eram devidamente tratados e massageados pelos chefes – terapeutas da tribo. O grupo foi importante como organismo de contenção tanto física como da energia circulante nas situações de lutas. Pode-se observar que a face crua e agressiva do instinto co-habita com a fragilidade e vulnerabilidade do ego na vida destas crianças, alternando-se na busca da elaboração da vivência do trauma.

A mesma sincronicidade vivenciada no início do trabalho ressurgiu quando é abordado o encerramento do ano. Ao se discutir a despedida desta tribo, um dos meninos contribuiu com a idéia de que cada índio criaria uma nova aldeia. Tal comentário trouxe aos terapeutas a certeza de que este trabalho pode ser levado por eles e reproduzido como algo

positivo e construtivo em suas próprias vidas.

Grupo de crianças de 10 a 12 anos

Por se tratar de um grupo de pré-adolescentes, procurou-se discutir com eles a idéia de um contexto dentro do qual se aplicariam as técnicas corporais. Mostraram-se imediatamente constrangidos e avessos à sugestão da comunidade indígena dizendo entre risinhos encabulados: "isso é coisa de criança e nós não somos mais crianças". Sob certa insistência decidiram, então, formar um grupo de turistas. Tal dificuldade de escolha lembra-nos a fase de desenvolvimento em que se encontram, vivendo as angustias da transição na qual não querem mais ser crianças mas também ainda não se encaixam no grupo dos adultos. Naturalmente, não foi ao acaso que escolheram como tema um grupo de turistas independentes e exploradores do mundo.

O trabalho passou a ser realizado aproveitando-se contextos imaginados de passeios e explorações em campo, praia, rio, pontes, etc. Sua estrutura e sequência eram relacionadas às partes do corpo mais utilizadas nas diferentes situações. Iniciou-se com vários exercícios de enraizamento ("grounding"), caminhando pouco a pouco no sentido ascendente, ou seja podo-cefálico, objetivando a integração fisiopsíquica.

Neste grupo foi bem aceita a proposta de exploração do próprio corpo. Procuravam observar a pele, sua temperatura e textura; os ossos, sua localização, tamanho, encaixe; os músculos, suas proporções e inserções, através da auto-exploração. Um Atlas de Anatomia, introduzido como material das sessões, gerou enorme interesse no grupo. Todos queriam ver e entender o que estavam tocando e como eram e funcionavam as partes de seus corpos.

A partir do início do segundo semestre, não mais se interessaram pelo contexto antes sugerido como pano de fundo para os exercícios, solicitando que estes fossem realizados diretamente para as determinadas áreas corporais. Dedicavam alguns minutos para atividades lúdicas somente no final da sessão, quando utilizavam bolas, jogos, dança e

música.

Através do comportamento em sala de atendimento e pelos depoimentos feitos pelos acompanhantes pode-se apontar alguns resultados obtidos por este grupo: evidenciou-se maior socialização e integração no grupo; melhora do esquema e da imagem corporal; ocorrência de elaborações simbólicas através de sonhos; aumento da confiança na interação com o ambiente; elaboração dos sentimentos e emoções deixados pelas experiências traumáticas vividas; aumento da auto-estima.

Grupo de Acompanhantes

Os pais/acompanhantes mostravam-se curiosos e interessados em aproveitar o período em que ficavam aguardando as crianças para fazerem seu próprio trabalho pessoal. Perguntavam sistematicamente se não havia também terapeutas para eles. No entanto, a idéia de montar os grupos de adultos surgiu não só desta demanda, mas também de ponderar como fundamental o cuidado com o meio no qual as crianças estão inseridas. Os adultos trabalhados em suas próprias percepções e que aprimoram seu auto conhecimento serão, sem dúvida, mais atentos e mais sensíveis no trato com os que os rodeiam. De outro modo a dinâmica familiar, o mundo das relações humanas são tão duras, muitas vezes, para eles quanto o foram para as crianças vitimadas. O acolhimento e a experiência positiva de descoberta corporal semeia uma nova proposta de qualidade em suas vidas.

Houve certa dificuldade inicial pois, uma proposta corporal era para eles uma experiência totalmente nova. Com o decorrer do trabalho, surpreendiam-se com as descobertas de novas sensações que estavam adormecidas e afastadas da consciência. A conscientização do próprio corpo fez emergir memórias corporais através de técnicas de auto-percepção e relaxamento. Seus comentários apontavam benefícios em suas vidas e em suas relações com o mundo.

5. BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Gerda. *"Eutonia – um caminho para a percepção corporal"*, Editora Martins Fontes, 1991

BITTENCURT, Márcia. *"Novos caminhos no processo educacional para alunos de graduação em psicologia: o método Feldenkrais."* Dissertação de mestrado, PUC/SP, 1990

FELDENKRAIS, Moshe. *"Consciência pelo movimento"*. Editora Summus, 1977

FURNISS, Tilman. *"Abuso sexual da criança – uma abordagem multidisciplinar"* Editora Artes Médicas, 1993.

JUNG, Carl Gustav. *"A Natureza da Psique"*, V.8, Editora Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav. *"Um Mito Moderno"*, V.10, Editora Vozes, 1984.

WALLON, H. *"As Origens do Caráter na Criança"*, Editora Nova Alexandria, 1995.

WESTBURY, E. and TUTTY, Leslie M. *"The efficacy of group treatment for survivors of childhood abuse"*, in Child abuse and Neglect, v. 23, p 31-44. 1999.

A POESIA CÓSMICA DE SAINT-JOHN PERSE

Dora Ferreira da Silva

Uma grande borboleta verde orlada de branco: a ilha de Guadalupe, a maior de um arquipélago de nove ilhas no mar do Caribe. Nela nasceu um dos maiores poetas de nosso século: Saint-John Perse, cujo nome era Alexis Saintlégér Léger. Viveu de 1887 a 1975, percorrendo grandes extensões do mundo, foi diplomata na China e sua cidadania francesa cassada em 1940 pelo governo de Vichy. Refere-se E.M. Cioran ao fato de ignorarmos os "detalhes e vicissitudes" de sua existência. O próprio poeta dissera: "Não há outra história a não ser a da alma".

Os críticos que balizaram este trabalho são autores de livros essenciais sobre Saint-John Perse e sua obra; entre eles destaco Roger Caillois, Albert Henri, Gabriel Bounoure. No entanto, começarei dando a mão a uma ama indiana do pequeno Alexis. Ela o amava ternamente e o considerava uma reencarnação de Shiva, o Senhor da Dança. Há um belo bronze indiano medieval que representa a dança cósmica de Shiva Nataraja, o Senhor da Dança. Ao mesmo tempo maravilhosa e terrífica, ela representa tanto a criação como a destruição do mundo, numa verdadeira alegoria figurada. Shiva tem quatro braços. Seu lado direito corresponde a seu poder criativo, enquanto o esquerdo, à sua destrutividade.

A primeira mão direita segura um tamborzinho em forma de ampulheta, que percute o som mágico do *nascimento* de todas as coisas do mundo. A primeira mão esquerda, também erguida, segura uma chama, símbolo da destruição de tudo o que vive. A segunda mão direita avança em direção ao devoto (ou espectador) no gesto que quer dizer: - Não temais! A segunda mão esquerda aponta o pé esquerdo erguido, cujo significado

é o da mudança de nível do ser, enquanto o pé direito calca o demônio da ignorância. A linha mediana da figura bela e majestosa de Shiva mostra sua impassibilidade total diante do choque terrível dos opostos, que é o fundamento mesmo de sua dança cósmica. A estátua de bronze é rodeada por um anel de chamas e corresponderia ao nosso AMEN (assim seja).

Mas por que essa indiana obscura, cujo nome não se encontra nos livros, é a primeira criatura que cito e cuja mão retenho um momento nas minhas? É pelo fato dela ter dado a chave do sentido mais profundo da obra de Saint-John Perse. Este une em sua obra monumental o mundo dos elementos e da percepção ao âmbito sempre crescente da cultura.

O seu gosto pela coisa tátil, sua percepção e apercepção se originam de sua vivência isleña das coisas sagradas e consagradas. Veja-se estes fragmentos de poemas escritos entre os seus dezesseis e vinte anos:

“peixes de um raro azul como barcos de oferenda”

e esta evocação dos serviçais mestiços, na névoa da memória:

“os rostos insonoros, cor de papaia e de fastio

imóveis atrás de nossas cadeiras, como astros mortos”.

Adolescente, Perse já é um poeta de Mar (como o Pessoa de *Ode Marítima* e o Valéry de *Le Cimetière Marin*).

Mas o que é o Mar neste contexto? É preciso ressaltar seu significado. Não se trata apenas do mar onde a Terra – eterna navegante – desliza suas placas, configurando continentes, ilhas, apagando-os e transformando-os através da imensidão dos tempos. O Mar que Perse celebra é Fonte e Origem, com a qual sua poética e ele mesmo se identificam. O Mar em nós e fora de nós, o mar fundamento de tudo porque é o mais próximo da vida e do pensamento, graças à sua pulsação, fluxo e refluxo, frêmito meditativo ou ímpeto violento, ascensões vertiginosas ou quedas e fragor sobre seus próprios flancos.

Gaston Bachelard diz que o ser “votado à água” morre a cada minuto,

uma vez que incessantemente se esvai algo de sua substância. Isto não é válido para o poeta de mar que é Saint-John Perse, porquanto o Mar nada perde de sua substância, mantendo-se e se exaltando em seu movimento contínuo.

Voltemos porém ao jovem poeta isleño, cujos três primeiros livros foram escritos entre os 17 e 20 anos, e reunidos posteriormente num só volume: “Éloges”. O Mar já o fascinara definitivamente com suas plantas e animais, assim também como a terra exuberante da ilha, com seus canaviais e até mesmo um vulcão: o Matuba.

A percepção do poeta é agudíssima. Citemos um verso aparentemente tão simples como este:

“Senão a infância, o que havia antes que já não há?”

Nada de descritivo ou narrativo. Apenas o sentimento de uma perda. A ausência da infância como se esta fosse um cabritinho extraviado.

O poeta via a água, a terra, o céu:

“Era a água ainda de sol verde...”

E.

“A terra desejou não ser mais pesada,
e mais profundo o céu.

Curiosa a mudança do centro volitivo. Não é o poeta quem quer, mas a terra e o céu: a primeira quer o peso, o segundo deseja a profundidade.

Aos 20 anos, as confabulações diplomáticas de Alexis (futuro diplomata) têm por cenário a mata esplêndida celebrada em “Éloges”:

“Deixai-me agora, vou só, é preciso:

um inseto me espera para tratar comigo...”

E ainda.

“Aliei-me com as pedras estriadas de azul.”

A natureza viva é o mundo com o qual ele trata e faz alianças na fase auroral de sua poesia.

Entretanto, Perse, poeta islenho, busca horizontes cada vez mais vastos (não geograficamente ou historicamente); o que busca afinal é a totalidade sacra do Poema e Vida. Roger Caillois define acertadamente a poesia de Perse como a “nomenclatura dos tesouros do mundo”.

O livro *Anabase* foi escrito na Ásia, quando o poeta residia na China, onde era diplomata, e constitui um modelo prototípico de luta, conquista, vitórias parciais, hesitações, iminência de novas partidas, modelo da vida humana em sua dimensão temporal e histórica. Mas lembremos que o poeta na carta já citada a Roger Caillois sublinha que sua obra poética não se vincula essencialmente a lugares determinados, fugindo também às fronteiras de espaço e tempo. Depois de escrever *Anabase* o poeta silencia totalmente durante 17 anos, voltado para a atividade diplomática. Em 1940, o governo de Vichy caça a cidadania francesa do embaixador Alexis Saint-Léger Léger, confisca-lhe os bens e o erradica da Légion d'Honneur. O golpe fere o homem, mas liberta o poeta. Exilado, ele se dedica às etapas finais de sua obra. Em *Éxil*, diz, trata-se de

“Um grande poema nascido de nada,
um grande poema feito de nada...”

Longe ficara a ilha docemente perceptiva e sedutora, a infância na ilha, a ilha da infância com seu tecido vivo e quase indiferenciado de coisas e seres. Abre-se o vazio do mar, agora que também se dissolvem na distância os ecos de júbilo e luta de *Anabase*. O vazio do mar, os horizontes feitos de nada, a grande página do Poema que de tudo se distancia: *Éxil*...

Perse rejeita a idéia de poesia como cristalização. “Para mim – diz ele – a poesia é antes de tudo movimento em seu momento nascente, em seu crescimento e em sua amplitude final”

A importância, em tudo, para o poeta do mar, é justamente este

dinamismo totalizante em que se move *Éxil* e finalmente *Amers*. Essas obras de sua maturidade criadora nada têm da “afetação dos museus”, mas nascem de uma cultura haurida e vivida e de seu trato com o mundo. O poeta usa o processo de uma enumeração meticulosa, que empresta do vocabulário do botânico, do numismata, do filólogo, do historiador das religiões.

Sua obra foi premiada em 1960 com o prêmio Nobel e representa o mapa, em grande escala, do Poema que a ele coube traçar.

Estruturalmente, *Amers* consta de uma Invocação, da Strophe dividida em nove cantos, do Coro.

Na Invocação, cujo âmbito é o das praias do tempo e do espaço da Celebração, para onde convergem e evoluem em circuitos de homenagem e de dança coral, Príncipes regentes, usurpadores de tronos, Mensageiros, Amas de reis-meninos, Fundadores de colônias longínquas, profetizas, as Trágicas em seus socos de lenho, Princesas de elegias, a Terra – antiga Maga – a Poetisa, o Estrangeiro e finalmente “o povo em armas dos Amantes, sentimo-nos parte dessa estranha Noite, semeada de espécies luminosas, ou entrevemos o *lampejo sombrio* de um mar ferido de fulgor:

“E é um canto de mar como jamais outro foi cantado
e é o mar em nós que o cantará:

o mar, em nós guardado, até a saciedade do sopro e a peroração do sopro...”

Esta Invocação é no fundo uma Convocação, porque não é do mar que se falará, mas sim o próprio Mar é quem falará pela boca do Poeta. E o Oceano, erguendo “sua cabeça de Tetrarca”, convoca e conclama o Poeta-Oficiante:

“Ah, que um escriba se aproxime e eu lhe ditarei...”

A linguagem poética de Saint-John Perse é uma mescla de dois fatores contraditórios: por um lado é marcada pela exuberância barroca da palavra

e por outro, por uma exatidão, necessidade de insubstituibilidade de seus elementos, por aquela felicidade formal que é o apanágio do classicismo. A misteriosa ordem da floresta desordenada, assim seríamos tentados a definir esse caos harmonioso de sua poesia. O sussurro da mata tropical da ilha em que nasceu – Saint Léger-les-Feuilles – a visão dos plantadores curvados sobre a terra, dos peixes de raro azul, a tessitura das lianas, líquens e musgos, envolvendo ídolos de calcário branco atirados à praia, tudo isso aflora nos ritmos amplos e cósmicos dessa poesia que veicula o sentido sagrado de uma natureza tocada em suas grandes forças elementares, mas onde os “objetos abandonados” (*res derelicta*) da obra humana testemunham o espírito:

“Bíblia de sombra e de frescor no desdobramento

dos mais belos textos deste mundo...

Vôos de insetos como fragmentos de textos santos,

Como farrapos de profecias errantes e recitações

De genealogistas e salmistas...”

*E na bela evocação das obras de arte retiradas por acaso do mar,
por homens rudes que recolhem as redes:*

“... Victoria de bronze ou de pedra branca,

que se recolhe com a ânfora nas largas malhas

carregadas de algas dos empreiteiros de mar...”

Quando ao tom hierático da poesia de Perse, não se trata de maneirismo. O gosto da grandeza, da hierarquia e do esplendor que revelam as influências orientais em sua poesia (da antiga China, do Tibete, de Bizâncio e particularmente do Egito faraônico) não refletem um “espírito de museu” a que se refere injustamente Maurice Saillet, mas apenas sublinham nessa obra uma verdadeira redescoberta do *poder* da palavra. Nem “estilização”, nem imitação de um “tom” hierático. Como assinala com justeza Max-Pol Fouchet, “não é uma afetação de

dicionário que sobrecarrega esses poemas de palavras às vezes pouco usadas, mas é uma vontade de poder... As religiões mais antigas usam a palavra... para comandar o Incrédulo. Durante três mil anos, quando o iniciado penetrava na sala hipostila, não o fazia para escutar o deus, seguir seus conselhos e suas vias, mas para comunicar-lhe suas decisões próprias, para falar ao deus como se ele mesmo fosse um deus”.

Amers significa marcos ou quaisquer outros sinais localizados nas praias, rochedos, etc., como aviso aos navios; “amargos” e aproximativamente um “estar diante dos mares”. Há também uma atenção à ação e destinação de amar (*aimer*).

A tradução da palavra “Amers” para o português exigiria a cunhagem de um neologismo, ou então a escolha simples e analógica (como fonema e teor significativo) da palavra *Amares*. Se esta solução tem a desvantagem de encobrir a conotação de “marcos, limites, balizas” e, com ela, toda a referência à praia do tempo, finita e amarga, por outro lado permite a explicitação da palavra “amar”:

“Amar também é ação! A morte o confirma,

ela, que só o amor ofende”.

O amor é considerado como a única potência superior à morte:

“Vós, que da morte me salvastes, sede bem vindos,

deuses salvos, pela plenitude que foi nossa

e pelo grande *labor* de amar que em mim lavrastes

e pelo grande clamor de *mar* que em mim clamastes”.

No périplo do mar são convocados para o testemunho e a homenagem “à vivacidade divina”, figurações processionais das antigas idades, para a recitação em honra do Mar, e o solene Canto de “um caminhar em torno do Mar”. Como não associar esse circuito com a evolução do Coro nos grandes teatros gregos abertos para a expansão de céus e mares?

“Estreitos são os barcos” é o nono e último canto da Strophe e a ele nos limitaremos.

Em primeiro lugar, não concordamos com a aproximação estabelecida por alguns críticos entre este Canto de *Amers* e o livro do *Cântico dos Cânticos*. A luz que banha a travessia dos Amantes prototípicos de Saint-John Perse “em seus barcos estreitos” é uma luz meridional, e as divindades que irrompem das águas do meio-dia e dos “corações a nu” são ídolos que nada têm a ver com a religião hebraico-cristã:

“A mesma vaga pelo mundo, a mesma vaga desde Tróia
rola seu flanco até nós...”

O que certamente levou os críticos a estabelecerem tal paralelo foi o diálogo dos Amantes, mas ainda aqui sentimos a total dissemelhança entre os dois textos. Não se trata, em Perse, de cantar com lirismo místico vazado em símiles sensoriais as graças do amado ou da amada, uma vez que os Amantes convocados são uma Horda, um tropel que testemunha traçando um circuito “em torno do Mar” e, como nas tragédias gregas, são “personas” (máscaras) através das quais ressoam vozes arquetípicas. Nesse diálogo de uma simbólica polivalente, como nos sonhos e nos mitos, todas as forças cósmicas se comprometem. Os Amantes foram os últimos convocados para o testemunho em honra do Mar. Depois da procissão de idades mortas e da evocação de toda “arquitetura fronteiriça” entre terra e mar, cidades altas, cidades baixas, próximas ou distantes da orla; depois do cortejo das trágicas que acorrem em suas roupagens de palco, misturando-se com a gente do porto, e das Patrícias que aparecem nos terraços altos, sobraçando caniços negros; depois da visão das profetisas atadas aos rochedos em face do mar, e das Virgens em seu desfile panegírico; depois do Estrangeiro, os Amantes representam o derradeiro testemunho contra a Morte, contra as “cápsulas do Nada”. No barco estreito de sua finitude, eles arrostando a imensa extensão das águas, “nas alcovas fechadas do desejo”. Em seus leitos estreitos desafiavam o perecível, quando o amor rumoreja e a própria Morte é silenciada.

Nenhum paralelismo porém entre a identificação romântica de Amor e Morte e a afirmação do Amor contra a Morte, que inunda a poesia de Perse:

“O caruncho da morte na madeira do leito, na quilha do navio
Golpeia o Amor mais fortemente os lambris do sonho...”

Mas este sonho não é outra coisa senão a mais alta realidade e é o Mar em nós que a sonhará; e Aquela que espreita a face de “águia peregrina” do homem de mar “deitado na realidade do sonho” bem o sabe ela que a seu lado rechaça os afluxos da morte:

“Eis-nos aqui, contra a Morte, sobre os caminhos de acantos negros
do mar todo escarlate...”

A figuração dos Amantes, singrando num barco exíguo a imensidão do mar, projetando a sombra dessa travessia intrépida – marcos movediços de um espaço de glória – não significa uma forma qualquer de estar-no-mundo, mas destinação, predestinação, luta contra a invasão do Nada. Amor, tarefa ontológica. Entretanto, não devemos interpretar o eros de *Amers* segundo o idealismo da concepção rilkeana, em que a mulher é a única possuidora da genialidade de amar. No poema de Saint-John Perse, os Amantes encontram-se no mesmo território, para o mesmo desempenho – o Amor, grande festividade de corpo e alma:

“Permissão para os jogos do corpo!

Oferenda, oferenda e dádivas de ser!”

A sexualidade desordenada é denunciada em *Amers* como a ameaça do fragor marinho, seu poder demoníaco irrompendo na alcova dos Amantes:

“Lá está o mar que silenciámos... Eis que já se adentra a Feiticeira...

Mar, mulher feiticeira e adúltera que entreabres saias verdes

E me envenena com verdes beberagens. Cúmplices, nos banhamos

Em seus verdes olhos tessalios – humilhação e ameaça para a Amante”.

No diálogo dos Amantes todas as forças cósmicas tomam parte: tempestades, calmarias, o sol, a lua, as constelações, a vida multiforme das profundidades, as praias e sua ervagem, águias-marinhas, pássaros de beira, algas, rebanhos e a vegetação dos vales na distância, noites e auroras e a presença poderosa do “Estio, que vive de mar...”.

A riqueza do desempenho amoroso não confina os Amantes e nem mesmo lhes pertence: “Submersão! Submissão!” – essa vaga imensa que a partir da Origem, os alcança nas margens do presente. E quem é a Amante senão sempre

“... Aquela que tem nome e fere ao meio-dia
o deslumbrante coração das águas: Ishtar, esplêndida e nua
com esporas de relâmpagos e de águias verdes, nos grandes tules
verdes despojos incendiados...”

E quem é o Amante senão

“Aquele que na noite (interroga)
nos altos terraços, a fronte nua, Marte flamejante e
forte como fogo de campanha sobre o mar...”

Mitologia, simbologia e metáfora não são “ornamentos” que se acrescentam aos “enunciados de Mar” da poesia de Perse. A naturalidade e exatidão da torrente verbal de *Amers* é avessa a uma arte de baixa época, parece-nos muito mais um recontato com a fonte auroral da palavra, revigorada, como que emergente de um banho lustral, resplandecendo em novas configurações:

“Toda licença, toda nascerça, toda recipiência, o mar!

O Mar! Em seu afluxo de mar, na afluência de suas bolhas

E a sabedoria infusa de seu leite, ah! Na ebulição

Sagrada de suas vogais.”

“Estreitos barcos” cinde-se em dois movimentos: o primeiro, amplo e majestoso, é a longa travessia nessa conquista de um território humano, que não ignora a senda do mortal. Como Ulisses, o Amante foge à sedução de Circe:

“... guardai, ó ninfa não-mortal, vossa oferenda
de imortalidade. Não é minha essa ilha onde a árvore
não perde folhas; nem vosso leito me comove, esse leito
onde o homem não arrosta seu destino”.

Este primeiro movimento termina com o prenúncio do conflito entre o Mar e a cidade portuária. Os Amantes vociferam contra a terra que se aproxima, contra sua imobilidade “no costume e no repouso”, eles, que habitam o movimento e a transfiguração das águas:

“De ofício nenhum nos ocupamos,
e por ninguém acreditados...; mas nós e livres,
sem caução ou garantia...”

Um marco votivo é erguido no limiar dessa batalha, em honra de todos aqueles que se perderam no mar:

“Homenagem, homenagem à veracidade divina! E longa
memória sobre o mar ao povo em armas dos Amantes!”

O segundo movimento, rápido e intenso em seu despojamento – as palavras mais simples e usuais parecem inteiramente lavadas de sua cotidianidade – evoca o inverno e os barcos a seco, visitados pelas lontras das margens, quando se processa na Cidade ao cauteloso recenseamento dos “estrangeiros vindos do Mar”:

“O Magistrado de estrangeiros

revelará o refúgio dos Amantes?”

A enumeração burocrática e rotineira dos acontecimentos é às vezes bruscamente contrastada com uma ou outra imagem que evoca o refluxo do mar, rumorejando diante do confinamento da Cidade invernal:

“A remessa de madeira avulsa passa as portas
da Cidade. As jovens de alta estirpe trocam
de roupa diante da lareira e a chama pálida
agita a asa como ave marinha em gaiola de ferro.”

Quatro vezes é anunciado o advento do inverno e a indiferente procissão dos acontecimentos citadinos: as moscas mortas, o cheiro de mofo dos tecidos retirados dos cofres de teatro, o mar domesticado no ângulo de velhos muros, recendendo a latrinas, os cegos tocando tambores nas ruelas e a multidão apática, desfilando junto às paredes enegrecidas:

“A multidão é vã, a hora é vã
quando os homens vão sem barcos.”

A sublevação já ronda a noite. Chamas se acendem, vozes se avolumam, as mulheres se pintam “de pálido vermelho de coral, os olhos ébrios de mar”. E o Canto se reergue, poderoso:

“O próprio Mar, todo espuma, como Sibila em flor
em sua cadeira de ferro...”

proclamando a vitória dos Amantes. Onde quer que estejam, o Mar irromperá através das bocas pintadas de suas máscaras arquetípicas:

“... A mesma vaga pelo mundo, a mesma vaga na Cidade...
Amantes, o Mar nos acompanha! A morte não existe!
Os deuses nos conclamam à escala... E debaixo dos leitos
Retiramos nossas grandes máscaras de família.”

Não se trata porém de uma poesia enciclopédica, arqueológica: “Nossas grandes máscaras de família” indicam o legado greco-ocidental que nos coube, se bem que o Oriente também compareça, como vimos, na dança cósmica do universo e um após viver – acréscimo de vida, num nível mais alto. Da Vida, o poeta tira uma coerência que viceja numa ordem crescente e grandiosa, natureza e cultura se misturam, movimento e estabilidade, delírio e lucidez. Gabriel Bounoure fala com justeza dessa ambigüidade de Perse, em sua espessura semântica, onde Dionisos e Apolo se conjugam.

“Eles me chamavam o Obscuro”, diz o poeta no rastro de Heráclito, “e eu habitava o relâmpago”.

Albert Henri diz que *Amers* parece o desenvolvimento de uma grande analogia feita de metamorfoses da criação: Mar – Mulher – Navio – Amor – Elogio – Poema...

E afinal as palavras deixam de ser sinais ou ornamentos, para serem as próprias coisas que figuram. Dizendo o Mar, eis que nós nos tornamos Mar, desvanecendo-se o fulgor insustentável da linguagem:

“... Ah! Nós tínhamos palavras para ti,
mas não bastavam...”

O amor então nos confunde com o objeto mesmo dessas palavras. Ultrapassada a linguagem, o Mar figura o ser de todos, ultrapassa o Poeta, a vaga que “rola seu flanco desde Tróia até nós”, sendo o vir a ser cíclico e eterno da Vida.

O OLHAR DE NISE DA SILVEIRA SOBRE A OBRA DE JUNG.

Eliane Dias de Castro

No campo da Terapia Ocupacional, Nise da Silveira sempre foi uma referência importante, para mim e para tantos outros profissionais atuantes na área da Saúde Mental. Por um lado Nise foi precursora de uma prática abrangente inovadora e demonstrou sua capacidade de articular áreas de conhecimento para buscar soluções para a realização do desenvolvimento humano superando abismos entre as ciências da vida e do homem. Para ela, a Arte foi concebida como possibilidade de resgate de vidas e de melhora na qualidade do cotidiano de pessoas marginalizadas socialmente. Em sua prática profissional demonstrou coragem frente a criação de novas oportunidades aos loucos, numa época em que a Psiquiatria no Brasil ainda não havia sido colocada em discussão, internações e tratamentos arcaicos eram bases dessa psiquiatria asilar. Ao longo de sua vida buscou um aprofundamento na Psicologia Analítica de Jung, o que demonstrou sua necessidade em ultrapassar o simples entendimento dos sintomas e reconhecer a complexidade do mundo psíquico.

Sua iniciativa para a criação dos ateliês de pintura, modelagem e de tantas outras atividades humanas como possibilidades de tratamento, abrangeu a criação de exposições e também do Museu de Imagens do Inconsciente, com envolvimento de um outro público - artistas, críticos de arte e a sociedade mais ampla - na apreciação e principalmente na denúncia de práticas psiquiátricas que em seu cotidiano não levam a transformações essenciais.

Como comenta Jurandir Freire Costa (Estrada, 1987, p.21):

“ Dra. Nise ama o belo, isto é inequívoco. Porém no coração da loucura ela busca algo além da beleza. A beleza foi um meio eloqüente

de dizer: Vejam o que a psiquiatria asilar pode fazer com quem faz aquilo que tanto admiramos. A beleza nas imagens do inconsciente é denúncia. Denúncia do asilo, do exercício burocrático das profissões psiquiátricas e da sociedade, que cultiva tais deformidades”.

Neste trabalho, a partir de leituras de uma bibliografia extensa, porém essencial, percorreremos alguns dados biográficos de Nise, para situá-la e contextualizá-la. Faremos uma passagem gradual entre sua vida, seu encontro com Jung e focalizaremos seu olhar sobre a obra desse médico suíço que a encorajou seguir na atividade clínica em oficinas e ateliês de artes plásticas por aproximadamente 40 anos, relataremos algumas características desses ateliês, cuja atmosfera de convívio fez emergir *“o imprevisível, a diferença, a criatividade”* e cujas obras retratam processos transformadores (Estrada, 1987, p.21).

ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Nise da Silveira, atualmente com 95 anos, nasceu em Maceió, Alagoas e aos 16 anos ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, sendo a única mulher da turma. Conta que isto fez com que decepçionasse sua mãe, musicista, pois abandonou o estudo de piano e que seu pai, professor de matemática, deu-lhe alguns conselhos:

“ Quem se mete a lobo, que lhe vista a pele”, e “ Sempre se solidarize com os mais fracos e nunca aceite o privilégio de ser mulher “. A esses conselhos ela relaciona sua opção pelos loucos, que percorrem um mundo marginal em nossa sociedade. Sua tese de conclusão do curso de Medicina, aos 21 anos foi sobre a criminalidade entre as mulheres baianas - estudou casos de assassinas, ladras e prostitutas do presídio de Salvador. Logo começou a trabalhar em Psiquiatria, e seu interesse maior concentrou-se na pesquisa de outras formas de tratamento do que nos métodos empregados em sua época (choque insulínico, eletrochoque, lobotomia). Suas palavras sobre seu envolvimento na psiquiatria são:

“Eu queria saber o que vai dentro da pessoa, queria saber o que passa na cabeça do doente tanto quanto pudesse, conhecer a psique,

este espaço da natureza que se chama psique. Fazer uma exploração, como quem faz uma exploração da floresta amazônica". (ESTRADA, 1987, P.2)

Em 1936, durante o Estado Novo brasileiro foi presa durante 16 meses por motivos políticos. Conta-se que foi denunciada como comunista por uma enfermeira do Hospital Pinel, onde trabalhou 6 anos como médica residente. A enfermeira por causa disto foi surrada por uma paciente. Na prisão a presença da psiquiatra é descrita, por Graciliano Ramos, como benfeitora pois para ele as conversas boas de Nise afugentavam as lembranças ruins: - *"Ela esquecia os próprios males e ocupava-se dos meus"*. Foi ela quem me ensinou a jogar "crapaud" para distrair-me do cotidiano terrível, e quem o introduziu ao *"Mundo do Caralampio"*, o reino da imaginação - refúgio para a falta total de privacidade. Após esse encontro, Nise apareceu como personagem em Memórias do Cárcere. (SÁ, 1987, p.2)

Em liberdade, ela consegue, após 8 anos de desemprego, a reintegração ao serviço público, sendo readmitida no Centro Psiquiátrico Pedro II em 1944, iniciando então suas primeiras experiências de Terapia Ocupacional com a organização de um setor especializado para atender aos quatro hospitais do Centro. A partir daí seu ceticismo em relação a psiquiatria tradicional cresceu. Não se adaptou a violência dos métodos de tratamento ao doente mental. Em Imagens do Inconsciente (SILVEIRA, 1981, P.11) relata:

"Meu trabalho não se inspirou na psiquiatria predominante, caracterizada pela escassa atenção que se concede aos fenômenos intrapsíquicos em curso durante a psicose. Ao contrário, meu interesse maior desde cedo dirigiu-se no sentido de penetrar, pouco que fosse, no mundo interno do esquizofrênico".

João A. Frayze-Pereira relata os questionamentos de Nise neste sentido: *"Por que o pesquisador se deterá apenas no estudo dos acontecimentos cada vez mais agressivamente evidentes dessa nossa*

época tão conturbada que empurram o indivíduo para a loucura? Por que se contentará com o registro de sintomas imediatamente acessíveis, isto é, dos fenômenos de desadaptação, de dissociação, de desagregação da personalidade consciente? Por que desprezará a investigação em profundidade do obscuro mundo intrapsíquico e não tentará descobrir as riquezas daquele lado da psique que está voltado para longe de nós?" (Nise da Silveira in Frayze-Pereira, 1995, p.95).

Dirigiu, por 28 anos (1946-1974) a seção de Terapia Ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II, Rio de Janeiro, dedicando seus momentos ao ateliê de pintura pode observar grandes transformações nos usuários, observações que vieram reformular os conceitos mais clássicos da psiquiatria.

Neste tempo de atuação criou o Museu de Imagens do Inconsciente, fundado em 1952, possuidor de um acervo de 250 mil obras, que é hoje muito importante na revelação humana dos *"estados perigosos do ser"*. Criou também a Casa das Palmeiras, fundada em 1956, exemplo precursor de passagem indispensável entre o hospital psiquiátrico e o meio social.

Para ela, o exercício de múltiplas atividades ocupacionais revelava, por inúmeros indícios, que o mundo do psicótico encerra insuspeitadas riquezas e as conserva mesmo depois de longos anos de doença, contrariando conceitos estabelecidos. E, dentre as diversas atividades praticadas na Terapia Ocupacional, aquelas que permitiam maior acesso aos fenômenos internos eram desenho, pintura, modelagem, feitos livremente. Na escola viva que eram os ateliês de pintura e modelagem, constantemente levantavam-se problemas sobre as condições do tratamento psiquiátrico da hospitalização e também sobre a compreensão do dinamismo psíquico presentes na esquizofrenia. Dificuldades que conduziam a estudos apaixonantes e muitas vezes tornavam necessária a procura de ajuda fora do campo da psiquiatria - na psicologia, na arte, nos mitos, religiões, literatura, onde profundas emoções humanas sempre encontraram formas de expressão.

Ao longo de aproximadamente 50 anos de um trabalho único, Nise demonstra *"uma impecável erudição em mitologias antigas, história das religiões e história da arte, cuja aventura intelectual e humana é uma das mais belas e comoventes que o Brasil já presenciou"*. (Couto, Folha de São Paulo, 1992).

Para ela, o mais importante acontecimento ocorrido nas suas buscas sobre os dinamismos da psique foi o encontro com a psicologia Junguiana e com seu método de investigação.

O ENCONTRO DE NISE COM JUNG

"Quando há um alto grau de crispação da consciência, muitas vezes só as mãos são capazes de fantasia". Nise escolheu cuidadosamente esta frase de Jung para iniciar a descrição de seu trabalho na Terapia Ocupacional. Para ela esta deve colocar ao alcance das pessoas as manifestações que através de milênios a humanidade usou para exprimir-se: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música. E complementa:

"Foi através da observação das atividades de meus pacientes que rompi com a psiquiatria clássica e meu encontro com Jung ofereceu-me, novos instrumentos de trabalho, chaves, rotas para distantes circunavegações. Delírios, alucinações, gestos, estranhíssimas imagens pintadas ou modeladas por esquizofrênicos, tornavam-se menos herméticas se estudadas segundo seu método de investigação. E também não lhe faltava o calor humano de ordinário ausentes dos tratados de psiquiatria." (SÁ, 1987, p.4).

O seu encontro com Jung partiu de sua própria iniciativa. Em 1954, reuniu centenas de desenhos, e enviou algumas fotografias a Jung, buscando auxílio para interpretação. A resposta não demorou: os desenhos indicavam uma tendência inconsciente a compensar o caos interior procurando o ponto central da psique (o self - princípio e arquétipo da orientação e do sentido) em uma tentativa de reconstrução da personalidade cindida. Os desenhos dos pacientes apresentavam

formas circulares semelhantes às mandalas, imagens utilizadas nas religiões orientais como instrumento de concentração. Desde a pré-história, o círculo é um símbolo carregado de sentido para o ser humano, um símbolo mágico, assim visto entre egípcios, gregos, celtas e outros povos, que expressa a totalidade psíquica em todos os seus aspectos. (ESTRADA, 1987, p.25).

Em 1957, Nise teve uma entrevista com Jung e comentou: "Era um homem impressionante, olhos atentos, poucas palavras". Conta que assim que Jung a viu, perguntou: "Que fantasias tem sobre a minha pessoa?" "Todas", ela respondeu. O psiquiatra suíço aconselhou-a a estudar mitologia para compreender melhor os delírios dos doentes e as suas pinturas, que teve oportunidade de ver expostos em Zurique, durante um congresso em psiquiatria, na mesma ocasião. Ele lhe disse: "Sua exposição me intrigou muito" Nise conta que "ficou de orelha em pé", esperando o que vinha em seguida. E Jung comentou: "Seu serviço deve ser um lugar onde as pessoas não têm medo do inconsciente". "Considereei isso um galanteio de Jung", diz Nise. (ESTRADA, 1987, p.26)

Além desse encontro, sua experiência analítica com Marie Louise Von Franz, uma das principais colaboradoras de Jung foram marcos decisivos em seu destino profissional.

Nise considera-se autodidata, e o caminho que lhe dera alegria maior fora percorrer com ajuda da psicologia junguiana o mundo interno dos pacientes. Para ela, o terapeuta, que está ao lado dos pacientes, precisa ter muita paciência e tato para não apressar as coisas. Para tentar entender delírios, pinturas e a expressão dos pacientes Jung sugeriu o estudo da Mitologia, pois para ele, sem o conhecimento da mitologia fica difícil a compreensão desses conteúdos como também o entendimento da significação das imagens que eles desenhem ou pintem. Já, a experiência de Nise com a psicologia junguiana, com a literatura e a Arte, principalmente referendada nas obras de Artaud e outros artistas contemporâneos como Paul Klee e Kandinsky, acrescentadas da própria mitologia, instrumentalizaram-na para a compreensão das metamorfoses

do ser, das suas transformações, e para a investigação da incansável trajetória do homem em busca do seu mito. Para Jung os mitos são manifestações originais da estrutura básica da psique. Por isso seu estudo deveria orientar a prática com pacientes psiquiátricos.

IDÉIAS E CONCEITOS JUNGUINOS QUE SERVIRAM DE ALICERCES NA PRÁTICA DE NISE

Para Nise, Jung *“estava consciente que suas descobertas eram incompatíveis com os fundamentos filosóficos da ciência de sua época e exigiam paradigmas inteiramente novos. Ele está a frente de nosso tempo, e apenas gradualmente vem sendo apreendidas suas descobertas nas diferentes áreas do saber humano.”* (Silveira, 1992, p. 165)

F.Capra associa à psicologia junguiana um lugar de vanguarda na ciência contemporânea. Diz ele:

“Com o reconhecimento de uma crescente compatibilidade e coerência entre a psicologia e a ciência moderna,... as idéias de Jung acerca do inconsciente humano, da dinâmica dos fenômenos psicológicos, da natureza da doença mental e do processo de psicoterapia exercerão forte influência sobre a psicologia e a psicoterapia do futuro” (CAPRA, 1988, p.355 In: SILVEIRA, 1992, P. 162).

Para ele, as idéias de Jung acerca da dinâmica dos fenômenos mentais aproximam-se bastante da concepção sistêmica. Jung concebe a psique como um sistema dinâmico auto-regulador, caracterizado por flutuações entre pólos opostos. Desse modo considera o processo psíquico um processo vital, uma manifestação do dinamismo básico da vida.

Um outro ponto preliminar refere-se ao seu conceito de realidade. Atualmente observamos que o conceito de realidade vem se alterando. Para Nise, *“o conceito de realidade alarga-se cada dia mais e nos dá a perceber que a natureza, em sua intimidade, é mais complexa e mais interligada em todas as suas partes, e mais bela do que supúnhamos”*. Jung, já em 1935 define seu ponto de vista, contrário a opinião dominante de que sejam unicamente aceitos como reais os dados fornecidos pelos

sentidos de modo direto ou indireto. *“O inconsciente humano é uma parte da natureza, é algo objetivo, real, genuíno. Os produtos de sua atividade merecem o maior crédito, pois são manifestações espontâneas de uma esfera psíquica não controlada pelo consciente, livres em suas formas de expressão”* (SILVEIRA, 1992, p. 158). A realidade foi por ele considerada como a reunião de fenômenos externos e internos, racionais e irracionais compondo assim uma totalidade em si. Ela contém tudo quanto o homem pode conhecer, pois qualquer coisa que atue sobre ele é real e presente.

Jung reconhece os aspectos de natureza pessoal presentes no inconsciente, mas acredita que o inconsciente traz consigo um estrato mais profundo da psique, comum a toda a humanidade. Distingue portanto duas esferas na psique inconsciente: um inconsciente pessoal, pertencente ao indivíduo, e um inconsciente coletivo, elemento que distingue sua psicologia de todas as outras, elo de vínculo entre o indivíduo e a humanidade - *“de fato, num certo sentido, entre o indivíduo e o cosmo inteiro”* (CAPRA, 1988, p. 353). A investigação dos estratos mais profundos do inconsciente permite o reconhecimento da existência de *“disposições funcionais herdadas inerentes à própria estrutura psíquica, matizes onde tomam forma representações correspondentes a experiências primordiais da humanidade, movidas sob aspectos diferentes pelo homem de todos os tempos. Devido ao seu caráter universal, Jung denominou essas camadas mais profundas da psique inconsciente coletivo, e arquétipos às disposições herdadas para produzir imagens e pensamentos similares em toda parte do mundo e em todas as épocas. Os arquétipos são irrepresentáveis virtualidades. (...) Tais imagens são herdadas. Herdadas, inatas, são as disposições cujo dinamismo as configuram e lhes dá significação. Por isso apresentam sempre semelhanças nos seus traços fundamentais...”* (NISE, in. FRAYZE-Pereira, 1995, p.94)

Para Nise, o inconsciente foi o grande livro que incessantemente Jung se dedicou a decifrar, o inesgotável reservatório de onde retirou a matéria-

prima para a elaboração de sua psicologia. Através de suas observações e investigações de natureza mitológica e histórica, Jung nos atualiza sobre a importância dos símbolos elaborados no inconsciente. Reconhece na produção de imagens essa importância, bem como nas fantasias e nos delírios.

“Jung vê nos produtos da função imaginativa do inconsciente auto-retratos do que está acontecendo no espaço interno da psique, sem quaisquer disfarces ou véus, pois é peculiaridade essencial da psique configurar imagens de suas atividades por um processo inerente à sua natureza”. (SILVEIRA, 1992, p.84).

Nesse ponto, o trabalho realizado por Nise no acompanhamento de pacientes psiquiátricos encontra na psicologia Junguiana total respaldo. Jung, na tentativa de penetrar no íntimo de seus pacientes sugeria-lhes que pintassem. Nise, como psiquiatra, ofereceu aos pacientes, pincéis, tintas e papéis como facilitadores terapêuticos. Quando os pacientes de Jung lhes diziam que não sabiam pintar, Jung lhes respondia que não se tratava de reproduzir belas paisagens.

“Pintar aquilo que vemos diante de nós é uma arte diferente de pintar o que vemos dentro de nós.” (JUNG, In: SILVEIRA, 1992, p.86).

Nise, sem quaisquer coações, através de atividades diversas verbais ou não-verbais, recorrendo principalmente à pintura e à modelagem, permitiu que sintomas encontrassem oportunidade para se exprimirem livremente. A partir de suas observações compreendeu que o tumulto emocional tomava forma, despotencializava-se, e objetivavam forças auto-curativas que se moviam em direção à consciência.

O que importa, segundo JUNG, é o indivíduo dar forma, mesmo que rudimentar, ao inexprimível pela palavra: imagens carregadas de energia, desejos e impulsos. Somente sob a forma de imagens a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretações racionais.

“A energia psíquica faz-se imagem, transforma-se em imagem. Se

nos é difícil entendê-las de imediato, não é por serem máscaras de conteúdos reprimidos, mas por se exprimirem noutra linguagem diferente daquela que consideramos única - a linguagem racional. Expressam-se por meio de símbolos ou de mitologemas, cuja significação desconhecemos, ou melhor, já esquecemos”. (SILVEIRA, 1992, p. 86).

Em sua prática Nise deparou-se com desenhos, pinturas e modelagens provenientes, segundo a psicologia analítica de dois tipos de imagens do inconsciente. Imagens que representam conteúdos do inconsciente pessoal - emoções e experiências vivenciadas pelo indivíduo, logo reprimidas, e imagens de caráter impessoal que se configuram a partir de disposições inatas inerentes às camadas mais profundas da psique. A esse segundo grupo, Jung denominou-as imagens arquetípicas.

“Configuram vivências primordiais da humanidade, semelhantes nos seus traços fundamentais, em toda parte do mundo, podendo revestir-se de roupagens diferentes de acordo com a época e as situações em que se manifestam, exprimindo, porém, sempre os mesmos afetos e idéias... tecem os temas míticos, que exprimem, condensam, as mais intensas experiências da humanidade. São emoções coletivas” (SILVEIRA, 1992, p. 86).

Muitos são os pontos de confluência entre a obra de Jung e a prática de Nise: Ambos acompanharam clinicamente pacientes esquizofrênicos em hospitais psiquiátricos, auxiliando-os na compreensão das profundas camadas da psique. Para isso utilizaram-se da observação atenta e paciente, da compreensão de que pouco chega até nós dos acontecimentos, das lutas que se desdobram no mundo interno do psicótico, pois estão “quebradas as pontes de comunicação” com o nosso mundo, da potencialização da atenção aos fragmentos de frases que o paciente pronuncia, à sua mímica, à sua postura. Ressaltaram que menos difícil será estudar as imagens que ele desenhe, pinte ou modele. Sugerem portanto que neste campo o terapeuta terá de equipar-se de conhecimentos de mitologia, história das religiões, antropologia cultural, arte, a fim de ser capaz de estabelecer relações entre as imagens e os símbolos por elas

transmitidos. A tarefa será estabelecer conexões entre as imagens e a situação emocional do indivíduo.

PARA TERMINAR

Conhecer o percurso de Nise é prazeroso e estimulante. Através dela, penetramos na beleza plástica das produções de pacientes frequentemente considerados marginais à sociedade, produções estas que nada devem aos padrões culturais da arte.

"O que Nise propõe, num percurso que vai do psíquico ao artístico, não é apenas uma leitura arquetípica, embora ela seja predominante, mas também uma leitura do psíquico pelos mecanismos de constituição da arte." *"A vontade de "formar" o mundo é muito mais profunda nas expressões do inconsciente."* (FABRIS, in: FRAYZE-Pereira, 1993, p. 14 e 15).

Além disso, Nise nos remete ao drama das internações e práticas psiquiátricas desenvolvidas nos meados do século XX, à brutalidade e à crueldade científica desenvolvida neste campo, e cria um contraponto pleno de humanidade descrevendo-nos suas experiências com a Terapia Ocupacional, lembrando-nos aqui que apesar das posições teóricas e técnicas utilizadas, cada um trabalha com o instrumento que prefere, o instrumento mais de acordo com sua natureza.

Ao realizar sua prática psiquiátrica Nise reconhece em Jung um referencial no qual pode mergulhar. Neste artigo destacamos apenas alguns pontos importantes neste encontro, porém a leitura dos livros de Nise demonstram um envolvimento profundo e transformador com a psicologia junguiana.

Construindo Ateliês com atmosfera de apoio emocional e local de expressão de imagens do inconsciente, Nise ressalta a importância de um afeto catalisador - ponto de referência para os pacientes na realidade interna e externa. Seus ateliês, devido a grande quantidade de desenhos e pinturas produzidas, adquiriram grande interesse científico e artístico. O entrosamento com artistas auxiliaram Nise na organização de exposições

e também na sistematização do Museu de Imagens do Inconsciente, bem como na investigação da importância da arte nos processos terapêuticos.

Nos dias atuais, a obra de Nise e todos os referenciais teóricos que ela utiliza refletem a maturidade de quem pôde, no emaranhado científico de nossa época, manter vivo o espírito, observando e pesquisando incansavelmente, examinando o resultado com inteligência livre de enquadramentos limitadores.

"Cada visão de mundo é uma concepção entre muitas outras também formuladas. Não há estruturas absolutamente válidas; todos os modelos da existência são relativos" (VON FRANZ, M.Louise, In: SILVEIRA, 1992, p. 161).

BIBLIOGRAFIA:

CAPRA, F.(1988). *"O ponto de mutação"* São Paulo, Cultrix.

COUTO, J.(1992). Geraldo - Psiquiatra expõe subterrâneos da esquizofrenia. Folha de São Paulo.

ESTRADA, M. Ines D.(1987). *"Viagem ao Reino dos Homens Tristes"*. Ciência Hoje, vol.6, nº.34, agosto.

FRAYZE-PEREIRA, J.A.(1995). *"Olho D'água. Arte e loucura em exposição"*. SP, Escuta e Fapesp.

IGNACIO, Octávio.(1978). *"Os cavalos de Octávio Ignacio"*. Rio de Janeiro, Sociedade Amigos do Museu das Imagens do Inconsciente/ Funarte.

JUNG, C. G.(1975). *"Memórias, sonhos e reflexões"* Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

_____ (1985). *"O espírito na Arte e na Ciência"*. Petrópolis, Vozes.

_____ (1978). *"A natureza da psique"*

LISBOA, L.C.(1987). *"O mundo contemporâneo é impaciente"*. O Estado de São Paulo.

SÁ, Gisela C. Lima de.(1987). Nise da Silveira Trabalho de conclusão de curso para a disciplina de Pos-Graduação - *"A produção Artística de Mulheres Inovadoras"* - Rio de Janeiro, século XIX e início do séculoXX, ECA-USP.

SILVEIRA, Nise.(1981) *"Jung, vida e obra"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____.(1981). *"Imagens do Inconsciente"*. Rio de Janeiro, Alhambra.

_____.(1992). *"O mundo das Imagens"*. São Paulo, Ática.

A Ciência: Um Possível Caminho...

Letícia Lopes de Carvalho

A Psicologia tem sido, no decorrer de toda sua história, extremamente eclética e plural no que concerne a métodos de investigação, métodos terapêuticos, filosofia de trabalho e estruturas básicas epistemológicas. Isso ocorre talvez por ser ela um elemento centralizador da visão que o ser humano possui de si mesmo, denunciando muitas vezes a relatividade e subjetividade do homem, mesmo no campo da ciência.

Não seria diferente com relação ao trabalho corporal, ou melhor, é no trabalho corporal que muitas dessas discussões tomam uma ênfase maior, pois dele ressurgem questões básicas da Psicologia :

Durante um tempo considerável, no mundo ocidental moderno, o corpo humano vem sendo objeto de estudos e cuidados exclusivos da Medicina, enquanto à nossa Psicologia coube a herança filosófica de um "estudo da alma". Mas nem sempre vigorou esta divisão de áreas do conhecimento sobre o humano (Farah, 1995).

Um dos referenciais básicos da cultura ocidental, a civilização Grega, possuía filósofos que tinham a incumbência de refletir sobre todo o espectro do conhecimento humano. Sendo assim, Aristóteles, por exemplo, escrevia e pensava tanto sobre conceitos básicos de lógica e filosofia quanto sobre a arte de poetar. Na verdade, o saber filosófico refletia sobre tudo o que foi posteriormente fragmentado em disciplinas na nossa sociedade moderna (a Física, a Medicina, a Psicologia).

Após a civilização Grega, chegamos a Idade Média, época que em princípio, o conhecimento mais próximo do que hoje poderíamos chamar conhecimento científico ficou latente e apagado em detrimento da fé. O conhecimento místico/religioso tomou uma força bem grande como constituinte da sociedade em oposição ao conhecimento físico-material. Isso fez com que o homem fosse dividido em dois universos: o universo

espiritual (onde a igreja e gurus espirituais se responsabilizam por trabalhar) e o universo físico (onde a ciência se encarrega de verificar em termos racionais e práticos).

Todos os que se encontravam à margem destas duas produções de conhecimento eram rotulados de hereges, bruxos, místicos. Eles permaneceram então reclusos, escondidos e segregando mais ainda seus conhecimentos, que no início já eram ocultos. Assim temos outras fontes de conhecimento humano: as ciências ocultas em geral, a alquimia (muito difundida também no oriente), a magia, a astrologia, a quiromancia e os oráculos em geral. Embora muitos pensem que esses conhecimentos sejam de ordem mítico-religiosa, os próprios estudiosos deles muitas vezes dizem o contrário:

A Magia Natural, como dissemos, é um conhecimento que compreende toda a natureza, por meio da qual desvendamos os segredos e processos ocultos de todo o seu imenso e amplo organismo. Com isso chegamos ao conhecimento de seus componentes, suas qualidades, virtudes e segredos dos metais, pedras, plantas e animais (Barrett, 1994).

Com o Renascimento, surgiram **especialistas** em determinadas áreas, por conta do surgimento oficial de centros de estudos leigos (desvinculados da religião). Esses centros de estudos se transformaram no que hoje chamamos de universidades e tinham a intenção tanto da produção quanto do controle do conhecimento que o homem produzia. Por volta dessa época, surgiram certos conflitos teóricos: de um lado o chamado **materialismo**, que explica a existência através de fenômenos concretos e materiais; e o **idealismo**, que considera a existência como algo de maneira anímica ou espiritual (Gaarder, 1997).

Um marco importante de direcionamento epistemológico ocorreu algum tempo depois no final do século XVII. Foi Isaac Newton, que levou os estudiosos a pensar no universo como um imenso sistema mecânico que seguia leis rígidas. Muitos consideravam a física newtoniana como a teoria definitiva dos fenômenos naturais:

Essas leis sustentavam firmemente as idéias do tempo e do espaço absolutos e dos fenômenos físicos rigorosamente causais da natureza. Tudo podia ser descrito objetivamente, todas as reações físicas tinham uma causa física, como bolas que se chocam numa mesa de bilhar. Ainda não se conheciam as interações da energia e da matéria, como o rádio que toca música em respostas a ondas invisíveis. Nem ocorria a ninguém que o próprio experimentador influi nos resultados experimentais, não só em experiências psicológicas, mas também em experiências físicas como os físicos conseguiram demonstrar agora (Brennan, 1987).

Newton acabou influenciando a ciência até hoje, que corporificou métodos bem claros de análise dos objetos estudados. Tanto que, no século XIX, surgiram as bases da ciência contemporânea, dentre elas, o positivismo:

Considerada de início em sua acepção mais antiga e comum, a palavra positivo designa real, em oposição à quimérico. Desta ótica convém plenamente ao novo espírito filosófico, caracterizado segundo sua constante dedicação à pesquisa verdadeiramente acessíveis à nossa inteligência (...) É preciso, enfim, observar (...) quando se emprega a palavra positivo como contrária a negativo. Sob este aspecto, indica uma das mais eminentes propriedades da verdadeira filosofia moderna, mostrando-a destinada sobretudo, por sua própria natureza, não a destruir, mas a organizar (Comte apud Andery & Sério, 1988).

Quanto à Psicologia, para se tornar ciência, deixou de definir o seu objeto de estudo como sendo a **alma** humana e passou a estudar o **comportamento** humano, uma vez que os estudiosos e sabedores da **alma** estavam nas Igrejas. Como aborda Wertheimer:

A nova Psicologia experimental surgiu da confluência de dois grandes rios: um deles, da ciência, o outro, da filosofia. Os tributários do rio da ciência eram a fisiologia, a biologia, uma abordagem atomista, um interesse na quantificação, e uma tendência a instituir pesquisa universitária a laboratórios de treinamento; os tributários do rio da

filosofia eram o Empirismo Crítico, o Associacionismo e o Materialismo Científico (apud Farah, 1995).

Até meados do século XIX, tal tipo de visão compôs basicamente a maior parte da história da nossa ciência ocidental, porém, há também uma espécie de contraproposta metodológica feita por alguns estudiosos, na intenção de **desatomizar** o ser humano, torná-lo mais **uno** resgatar-lhe a união entre corpo e mente:

A retomada do contato com o corpo e suas funções apresenta-se como um canal viável para o restabelecimento do nosso contato com a própria natureza humana (Farah, 1995).

Deve-se, porém, evitar radicalismos e negar por completo o racionalismo, uma vez que facilmente pode acontecer a idolatria do corpo, o culto exacerbado, a construção de modelos corporais a serem seguidos misturados com a noção de beleza.

Reich com certeza foi um dos mais importantes estudiosos nessa área de integração mente e corpo, para ele, existe uma espécie de **memória muscular** onde se registram os acontecimentos emocionais das pessoas:

A couraça é a forma na qual a experiência infantil é preservada como obstáculo ao funcionamento. Por exemplo, a neurose não é somente a expressão de uma perturbação do equilíbrio psíquico; é, mais propriamente, em um sentido muito mais verdadeiro e profundo, a expressão de uma perturbação crônica do equilíbrio vegetativo e da mobilidade natural (apud Farah, 1995).

Sendo assim, através de toques e movimentos propõe-se uma intervenção direta nas estruturas somáticas das pessoas que liberam a expressão de conteúdos emocionais registrados e reprimidos na memória corporal. Nitidamente com um fim terapêutico, o corpo é visto como elemento catalizador e auxiliador de problemas psíquicos e, portanto, elemento imprescindível para uma compreensão total do que seria uma neurose, uma vez que ela não está somente registrada na mente, mas no conjunto inteiro do que chamamos de **ser humano**.

Jung também propiciou à ciência grandes reflexões a respeito desse assunto, partindo da idéia que alguns dos processos somáticos eram representados simbolicamente por elementos de sonhos ou lendas antigas. Ele acredita existirem no ser humano um conjunto de complexos, que quando possuem um **tônus** maior acabam se diferenciando e modificando o nosso estado normal tanto psíquico quanto corporal. Sendo assim, uma terapia corporal buscaria estabelecer um contato maior entre esses dois universos:

Uma abordagem muito mais satisfatória seria considerar o homem como um todo, em vez de considerar suas várias partes. O que é preciso é pôr termo à dissociação fatal que existe entre o ser superior e inferior do homem; devemos pelo contrário unir o homem consciente com o homem primitivo (Jung apud Farah, 1995).

É inegável que muitos de nossos problemas emocionais e afetivos acabam tendo repercussão na esfera corporal. Jung diz que não se podem manejar completamente as emoções como se manejam idéias ou pensamentos, pois elas são idênticas a certas condições físicas e, portanto, enraizadas nelas (Jung apud Farah, 1995).

Sendo assim, no mundo de hoje, a terapia com um enfoque corporal resgata do ser humano elementos esquecidos pela ciência tradicionalmente positivista, ajuda na medida em que o indivíduo é visto de uma maneira menos fragmentada e lhe propõe a conhecer um pouco mais sobre algo de si mesmo que na maioria das vezes é ignorado e deixado para segundo plano: o corpo.

Além disso, também existem constatações embriológicas e neurofisiológicas que comprovam essa estreita ligação da mente com o corpo. Um dos pioneiros no enfoque a esse tema é Montagu. Ele costuma dizer que a pele e o sistema nervoso, embriologicamente, ou seja, na constituição inicial do ser humano, possuem as mesmas origens:

Tanto a pele quanto sistema nervoso originam-se da mais externa das três camadas de células embrionárias, a ectoderme. A ectoderme

constitui uma superfície geral que envolve todo o corpo embrionário (Montagu, 1988).

A partir das mesmas bases embriológicas, pode-se depreender a forte ligação de todo o sistema nervoso com a pele. Dessa forma, a pele, muito além de um simples órgão protetor, é como se fosse uma *teia viva* que informa o tempo todo o sistema nervoso sobre o que está acontecendo.

De um ponto de vista neuro-fisiológico, o tecido nervoso em muito contribui, associando-se com a pele, nas ligações que o ser humano possui com o mundo, ou seja, o que influir no seu sistema neuro-fisiológico com certeza também influirá no seu sistema psicológico:

A criança privada a nível tátil torna-se mais tarde um indivíduo que não é só fisicamente desajeitado em seus relacionamentos com os outros, mas que também fica sem jeito diante dos outros a nível psicológico e comportamental (Montagu, 1988).

Sendo assim, podemos entender que o corpo é como se fosse nossa casa, como se sustentasse nossas emoções, como se possibilitasse para nós um contato intrínseco não só com o mundo aparente e imediato que enxergamos em princípio; mas também com o mundo primitivo de nossos antepassados, com nossa própria natureza, com uma memória particular nossa e coletiva da humanidade, como diz Jung:

Mesmo se alma parece ser um conceito nebuloso ou poético demais, é preferível conservá-lo assim. Conhecer a si mesmo é tão impossível quanto conhecer a Deus. Não deixemos que o mistério se perca, simulando um conhecimento que não temos. Tudo o que podemos fazer é conversar sobre a alma, ampliá-la, fazer anedotas e analogias. Quando a encontrar, você saberá (apud Farah, 1995).

Dessa forma, estudar o Corpo e suas relações com a Alma, remete ao estudioso obrigatoriamente certos rompimentos epistemológicos salientados ainda pelo próprio Jung:

Não devemos nos identificar com a própria razão, pois o homem não

é apenas racional, não pode e nunca vai sê-lo. Todos os mestres da cultura deveriam ficar cientes disso. O irracional não deve e não pode ser extirpado (Jung, 1990).

Pethő Sándor, com bases metodológicas que vão desde a medicina até a psicologia desenvolvida por Jung, abriu portas referentes ao tratamento psico-físico, buscando nos seus estudos desenvolver, dentre outros elementos a Calatonia (estimulação do corpo do paciente através de toques, trabalhando assim com os universos físico e psíquico):

A expressão acima usada indica um tônus descontraído, solto mas não somente do ponto de vista estático e muscular. No original grego o verbo khalaó indica relaxação e também alimentação, afastar-se do estado de ira, fúria, violência, abrir uma porta, desatar as amarras de um odre, deixar ir, perdoar aos pais, retirar todos os véus dos olhos, etc (Sándor, 1982).

Dessa forma, atualmente existem muitos estudiosos que acabaram seguindo essas idéias de reencontros da produção de conhecimento humano, muitos trabalhos de ordem prática têm sido feitos nesse sentido dentro da academia:

Rita de Cássia Helem Assaly em 1991 desenvolveu um trabalho corporal numa unidade de Saúde da Periferia da zona sul de São Paulo:

Senti-me de certa maneira redescobrimos a Psicologia e rompendo com certa rigidez acadêmica, com a qual o trabalho não seria viável. O fato de poder oferecer relaxamento e trabalho corporal à população, inclusive em grupo, foi um dos grandes recursos que permitiram um trabalho versátil e ao mesmo tempo prazeroso (Assaly, 1997).

Katia Rubio encontrou nas equipes esportivas mais um espaço onde o trabalho corporal e a intervenção psicológica poderiam ser feitos (Rubio, 1997).

Hannelore Fuchs atualmente desenvolve um trabalho de terapia corpórea em animais:

A massagem, protótipo de terapia corporal, constitui o mais antigo e o mais simples dos remédios, de vez que a estimulação corpórea é necessidade instintiva, primária a ser satisfeita quer no homem, quer nos animais sociais (Fuchs, 1997).

Rosa Maria Farah através do trabalho corporal estimulou o processo de individuação a idosos (Farah, 1996).

Por outro lado, existem também outras correntes que não necessariamente se atrelam a Pethö Sándor (1982) ou à tradicional consciência de grupo de Jung, porém igualmente se preocupam com esta integração entre o físico e o metafísico no ser humano.

Um pequeno grupo de terapeutas emprega hoje no Brasil a chamada Quirofonética, ou seja, relacionar um som com as mãos, os gestos ou até posturas corporais:

A forma de um som (em grego, phoné) é transmitida pelas mãos (em grego, cheirós) (Baur, 1992).

Já a Música é muito trabalhada tanto na simples intenção de harmonização do ambiente ou auxílio no processo de individuação (Queiroz, 1989) e (Stewart, 1995), quanto em testes projetivos (Boccalandro, 1997).

Lucy Penna aplica a teoria na parte da dança do ventre, numa busca de harmonização entre corpo e mente:

Fazer dançar o ventre abre para as possibilidades de senti-lo como centro de consciência. Ajuda a lidar melhor com as posses de objetos, valores, idéias e até de outras pessoas (Penna, 1993).

Por fim, ao longe os estudiosos de todas as áreas percebem um longo caminho. Vê-se não um fim de milênio, mas um nascimento e um reinício acadêmico, científico, físico, psíquico e até espiritual. A nossa parte é contribuir com nossos passos nesse caminho, servirmos de elo para a infinita corrente da vida.

Referências Bibliográficas:

ANDERY, Maria Amália Pie Abib & SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. *"Há uma ordem imutável na natureza e o conhecimento a reflete. Augusto Comte"*. in: **Para Compreender a Ciência**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

ASSALY, Rita de Cássia Helem. *"Trabalho Corporal: Um Breve Relato de uma Experiência na Periferia de São Paulo"*. in: **Boletim Clínico**. São Paulo: PUC-SP, 1997

BARRETT, Francis. *"Os Primeiros Princípios da Magia Natural"* in: **Magus**. São Paulo: Mercuryo, 1994.

BAUR, Alfred. **O Sentido da Palavra: No princípio era o Verbo**. São Paulo: Antroposófica, 1992.

BOCCALANDRO, Efraim Rojas. *Resumo da Pesquisa "Teste Projetivo Sonoro" para o XXVI Congresso Interamericano de Psicologia - PUC-SP 1997*. in: **Boletim Clínico**. São Paulo: PUC-SP, 1997

BRENNAN, Barbara Ann. *"Paralelos entre o modo com que nos vemos e com que vemos a realidade e as opiniões científicas ocidentais"* in: **Mãos de Luz**. São Paulo: Pensamento, 1987.

FARAH, Rosa Maria. **Integração Psicofísica**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1995.

FARAH, Rosa Maria. *"O Trabalho Corporal com idosos como estímulo ao processo de individuação"*. in: **Psicologia Revista**. São Paulo: EDUC, 1996.

FUCHS, Hannelore. *"Um toque a quatro patas"*. in: **Boletim Clínico**. São Paulo: PUC-SP, 1997

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Circulo do Livro, 1991

JUNG, Carl Gustav. *"O inconsciente pessoal e o inconsciente*

suprapessoal ou coletivo" in: **Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

MONTAGU, Ashley. "*A Mente da Pele*" in: **Tocar: O Significado Humano da Pele**. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

PENNA, Lucy. "*O encanto da mulher serpente*" in: **Dance e Recreio Mundo**. São Paulo: Summus Editorial, 1993

QUEIROZ, Gregório José Pereira de. **O Equilíbrio do Temperamento através da Música**. São Paulo: Cultrix, 1987

RUBIO, Katia. "*Trabalho Corporal em Equipes Esportivas: Mais um Espaço de Intervenção Psicológica*" in: **Boletim Clínico**. São Paulo: PUC-SP, 1997.

SÁNDOR, Pethö e outros. "*Calatonia*" in **Técnicas de Relaxamento**. São Paulo: Vetor, 4ª Edição 1982.

STEWART, R. J. **Música e Psique**. São Paulo: Cultrix, 1995

ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS CORPORAIS E GRUPAIS NA PERSPECTIVA DO MÉTODO ORGANÍSMICO DE PETHÖ SÁNDOR.*

Sandra Maria Greger Tavares

Introdução:

É evidente a existência de uma lacuna na formação e no modelo de atuação do psicólogo no Brasil. Refiro-me ao vazio cristalizado e encoberto ao longo da história da psicologia brasileira no que diz respeito, principalmente, às formas de intervenção psicológica para além das paredes de um consultório particular.

Não pretendo afirmar que esse vazio seja exclusividade de nosso país, nem tampouco que não se configure também no interior da prática clínica em âmbito privado. Afinal, o psicólogo é um profissional em busca dos contornos de sua identidade, entendendo identidade como um processo em permanente construção.

Abordei recentemente este tema (DURAN, 1997), destacando a necessidade de construir modalidades substitutivas de atendimento em psicoterapia no contexto da rede pública de saúde, movida pela preocupação com a pertinência das formas de intervenção tradicionalmente propostas diante da demanda em saúde mental da população atendida em nível primário.

Os desafios envolvidos na construção destas práticas inovadoras despertaram minha atenção para a necessidade da pesquisa e experimentação contínuas de atitudes e estratégias terapêuticas também desafiadoras, capazes de fornecer subsídios que fertilizem a intervenção psicológica. Isto se faz necessário, principalmente nos contextos

institucional e comunitário que transcendem a clínica particular, e em especial, ao nos defrontarmos com populações mais desfavorecidas sócio-economicamente.

Não podemos negar que o encontro do psicólogo com seu suposto “paciente” no âmbito dos mais diversos serviços públicos e gratuitos de saúde mental, bem como no campo de comunidades tipicamente marcadas pela opressão sócio-econômica, configura na maioria das vezes uma aproximação, que propõe intimidade, entre membros de diferentes classes sociais.

Boltanski refere-se à distância social existente entre o usuário de um serviço de saúde e o profissional que o atende, em particular entre o paciente e o médico, enfatizando que: “....(os membros das classes populares) estão afastados dele (médico) pela distância social que em qualquer eventualidade, separa um membro das classes superiores altamente escolarizado e detentor de um saber específico, de um membro das classes populares.” (BOLTANSKI, 1989, p.134-135)

Construir um vínculo de confiança no vácuo dessa distância social e cultural que atinge tanto o usuário quanto o profissional de saúde e desenvolver estratégias terapêuticas que façam sentido na vida cotidiana do primeiro é tarefa das mais árduas. Exige, antes de tudo, tolerância para conhecer o outro em suas especificidades, de forma que não haja precipitação e imposição de valores e principalmente não se configure uma situação de “humilhação social”.

GONÇALVES FILHO (1995) descreve o fenômeno da humilhação social como uma modalidade de angústia que emerge a partir da desigualdade de classes, modalidade esta que os pobres conhecem bem e que se inscreve no cerne de sua submissão. Segundo ele, os pobres sofrem o impacto de maus tratos e de mensagens implícitas quanto a sua inferioridade. Para eles, a experiência da humilhação, seja em ato ou como realidade iminente, sempre se faz presente através do sentimento de não possuírem direitos, de parecerem desprezíveis e repugnantes, de se

moverem e falarem como seres que ninguém vê.

As diferenças sociais e culturais, então, constituem um fato que ao invés de ser negado na prática psicológica precisa ser enfrentado e explicitado junto ao outro. Isto pode se dar a partir da abertura de canais de comunicação que possibilitem transcender e não, ao contrário, justificar relações de poder, também frequentes, no vínculo estabelecido entre psicólogo e paciente pertencentes ao mesmo universo sócio-cultural.

Na trajetória como psicóloga atuando em instituições de saúde, tive oportunidade de experimentar diversas modalidades no atendimento à populações desprivilegiadas sócio-economicamente em busca de uma “afinação” na comunicação e no vínculo estabelecidos.

O Método Organísmico de Pethő Sándor

Dentre as várias estratégias que utilizei neste contexto até o momento, considero de particular importância aquelas derivadas do “*Método Organísmico*” desenvolvido por Pethő Sándor¹. Refiro-me ao método de trabalho proposto por SÁNDOR (1982) cuja matriz foi o procedimento por ele designado como *Calatonia*.

A *Calatonia* consiste, no que se refere à sequência básica original, de uma forma de condicionamento sutil e monótono que utiliza a sensibilidade cutânea iniciando por meio de toques leves nos dedos dos pés, no calcanhar, na convergência tendinosa do tríceps sural na região posterior da perna e finalizando com um toque na região da nuca.

Os efeitos do método calatônico de acordo com seu idealizador, não devem ser esperados *a priori*, mas podem consistir na obtenção de um tônus corporal mais solto e descontraído de um modo peculiar a cada indivíduo e em consonância com o meio circundante.

No método calatônico acredita-se na ocorrência de um “ajuste” espontâneo do organismo, de uma “regulação do tônus”⁴ no sentido de maior flacidez ou rigidez muscular e de maior ou menor ampliação da consciência pelo aflorar de conteúdos inconscientes de acordo com a

necessidade e com a possibilidade de cada indivíduo.

Fica claro, portanto, que a *calatonia*, e suas ampliações, não se tratam simplesmente de *técnicas* e muito menos de *técnicas de relaxamento*, mas compõem um *método de regulação de tônus* em seu sentido mais amplo. Estou me referindo à repercussão desse método sobre o modo de ser e de estar no mundo de um organismo que não apenas *tem* um corpo, mas *é* corpo. Então, tal repercussão nem sempre vai coincidir com efeitos agradáveis e relaxantes, visto que tal método incide sobre a complexidade e as contradições que têm lugar nesse organismo.

Assim é que, ao invés de nomear a proposta de Sándor simplesmente como método calatônico, estou designando-a como *método organísmico*, uma vez que tal método norteia-se pelos princípios da orientação organísmica assumida pelo referido autor que resultaram, entre outros aspectos, na constituição do corpo teórico por ele batizado como *Psicologia Organísmica*⁵

A *Psicologia Organísmica* concebe o ser humano enquanto totalidade bio-psico-social, ou numa só palavra, enquanto *organismo*. Dessa perspectiva, qualquer forma de abordagem ao ser humano atingi-lo-á em sua totalidade, mobilizando reações globais e multidimensionais no organismo e promovendo novos condicionamentos ou recondicionamentos fisio-psíquicos e sociais.

Quando tal abordagem envolve o contato direto entre seres humanos como no caso de um relacionamento psicoterapêutico, torna-se evidente o processo de ressonância bipessoal, de transformação mútua que se concretiza nesse encontro, particularmente ao se estabelecer uma interação física diferenciada no campo terapêutico, como acontece, por exemplo numa psicoterapia conduzida pelo método organísmico.

A composição de um método repousa sobre três vertentes principais. uma metodologia de investigação, um corpo teórico e um conjunto de técnicas. O *Método Organísmico* de Sándor reúne as seguintes proposições:

Metodologia de Investigação: Metodologia fenomenológica de observação e análise qualitativas em que o conhecimento e a intervenção se constroem no campo da intersubjetividade, da interação corporal e da interdisciplinaridade.

Corpo Teórico: Psicologia Organísmica

· *Conjunto de Técnicas*: Técnicas Organísmicas, de Regulação de Tônus que podem ser divididas em:

Técnicas Organísmicas Corporais: Técnicas densas ou sutis, ativas ou passivas, individuais ou grupais que se referenciam diretamente ao corpo, incluindo ou não a realização de toques.

Técnicas Organísmicas Expressivas ou Imaginativas: Técnicas que permitem expressar pelo corpo com a intermediação de variadas estratégias expressivas ou imaginativas, individuais ou grupais - desenhos, modelagem, dramatizações, imaginações dirigidas, etc. - as experiências vividas, ampliando imagens que emergiram espontaneamente em sonhos ou em estado de vigília, vinculadas ou não à realização de técnicas organísmicas corporais.

A complexidade e a abrangência do *Método Organísmico* permitem que nele se fundamentem diversas estratégias terapêuticas - reconstrutivas, suportivas, de promoção de saúde, pedagógicas e outras - cuja utilização não se restringe ao campo da psicologia, abrangendo diversas áreas do conhecimento, tais como: medicina, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e outras. Por outro lado, tal método abarca contribuições de diversas disciplinas e orientações teóricas, tais como: a Cinesiologia Psicológica, a Psicologia Analítica de Jung, a Psicologia de W Reich e outras.

Essa amplitude proporciona uma liberdade teórica e metodológica que não deve ser confundida com um ecletismo descompromissado, uma vez que toda proposta inserida no Método Organísmico será reconstruída e conduzida a partir dos princípios da orientação organísmica.

SÁNDOR (1982) aponta para o risco envolvido quando o terapeuta tende a assumir uma atitude unilateral diante do paciente e restringe de forma inconsciente sua intervenção à determinada teoria, ou a uma técnica específica ou à determinada esfera da existência humana. Ainda que inevitavelmente tenhamos que realizar recortes no campo em que pretendemos intervir, temos que fazê-lo de forma consciente e atentando para a mobilização multidimensional inevitável e espontânea dos organismos envolvidos.

A Construção de uma Proposta Substitutiva de Atendimento em Saúde Mental

Ao longo de minha atuação no campo da saúde pública em Unidades Básicas de Saúde, percebi que, ao conduzir as estratégias terapêuticas pelo Método Organísmico, deu-se uma transformação qualitativa nos processos desenvolvidos e nos resultados obtidos. Os instrumentos teóricos e técnicos vinculados ao referido método, bem como a atitude assumida diante da pessoa a ser atendida afinaram-se de forma exemplar à demanda apresentada pela população usuária deste tipo de instituição.

O discurso e a demanda exibidos pelos usuários no contexto de uma Unidade Básica de Saúde (U.B.S.) são permeados por um dinamismo institucional no qual a figura do médico e a vivência do processo saúde-doença consistem no referencial básico para a vinculação dos pacientes à qualquer proposta de atendimento. Impera, nesse local, uma linguagem, verbal ou não, em que predominam descrições e explicações sobre aspectos, patológicos ou não, dos corpos dessas pessoas.

O médico é o profissional mais procurado por essa população na U.B.S., sendo as vagas oferecidas muito disputadas e sendo esse o profissional que consultam em primeiro lugar quando *"algo não está bem"*

Diante do profissional, entretanto, frequentemente se calam, ou pouco falam, não se sentindo livres para desenvolver um discurso sobre as manifestações de seu corpo. Restringem-se àquilo que lhes é perguntado

pelo *"doutor"*, até porque *"o tempo é curto"*. Nas entrelinhas de seu silêncio, entretanto revelam sofrimentos que são registrados, mas na maioria das vezes, não devidamente acolhidos pelo médico.

São justamente esses pacientes que manifestam *"algo"* que não pode ser diagnosticado e muito menos tratado pelo médico que tendem a ser encaminhados por esse profissional para o Serviço de Saúde Mental da U.B.S.; pessoas que vêm nos procurar *"porque não tem nada"*, nada que pudesse ser manipulado pelo saber médico.

O psicólogo entra no processo de atendimento a esses usuários numa lacuna deixada pela legitimidade do conhecimento médico, para dar conta do *"nada"*, do que não é dito por palavras, mas que se concretiza de algum modo no corpo.

Esta não é a única forma pela qual chegam os usuários ao Serviço de Saúde Mental da U.B.S., mas talvez seja uma das mais comuns. Há pessoas que são encaminhadas por outros profissionais ou por conhecidos e ainda há aquelas que procuram espontaneamente o serviço, seja para si ou para seus familiares.

De qualquer forma, ao se oferecer ao usuário da U.B.S. uma oportunidade de ser ouvido, como na entrevista psicológica, surge, com maior frequência do que se poderia imaginar, o tema do corpo e suas manifestações. Expressa-se esse tema, em inúmeras queixas trazidas por estas pessoas que ainda são designadas, na prática clínica, como *"psicossomáticas"*, embora esse termo indique a dualidade e a dissociação que pretendemos aos poucos transcender. Na verdade, todas as manifestações humanas são a um só tempo físicas e psíquicas, diferenciando-se apenas quanto à área em que as reações associadas às mesmas tornam-se mais evidentes; sendo assim todas elas seriam *"psicossomáticas"* e não somente aquelas que se manifestam predominantemente no corpo.

Essas pessoas falam sobre inúmeras formas de dores que *"andam pelo corpo"*, de *"batedeiras no coração"*, de *"enrolações e fermentações"*

nas carnes", de "zonzeiras e parafusos soltos na cabeça", entre outras "manifestações corporais".

Relatam também, frequentemente, a vivência de situações que denominei (DURAN, 1997) como episódios de "*exploração corporal*", ou seja, experiências que inscrevem "marcas" no corpo a partir de uma história de exploração e alienação social: doenças ocupacionais, acidentes de trabalho, fome, espancamento, violência sexual e outros.

Gostaria de salientar que toda e qualquer experiência humana "é" social e não é apenas "determinada socialmente"; o corpo é sempre construído e reconstruído socialmente e sendo assim, os corpos de todos os indivíduos são sociais e, portanto, são marcados socialmente de alguma forma. Mas qual seria a forma pela qual os referidos usuários, tendo vivido episódios de empobrecimento em algum momento de sua trajetória social, apresentam "*manifestações corporais*", psíquicas e sociais, ao se inserirem no contexto da Unidade Básica de Saúde?

Tal população traz o corpo como uma área de manifestação maciça de aspectos em evidência em sua dinâmica psíquica e em sua forma de inserção social. A maioria dos usuários que utiliza a U.B.S. traz de forma mais clara no corpo, a expressão de suas condições de vida e de seu sofrimento psíquico, mesmo que esta relação não seja por eles percebida.

Isto quer dizer que, ao chegar ao Serviço de Saúde Mental, essa população dificilmente fala sobre conflitos e complexos psicológicos, como talvez esperássemos ouvir, enquanto especialistas que somos. No caso desses usuários, podemos notar até um certo distanciamento da dimensão psicológica, ao menos na forma pela qual nos habituamos a representá-la, segundo nossas concepções "científicas" acerca do sofrimento psíquico. Quando eles reconhecem este tipo de sofrimento - o psíquico, buscam geralmente explicações "neuro-fisiológicas" (problemas no cérebro ou nos nervos), ou "espirituais" (posseção, obsessão), para o mesmo.

Encontram-se ainda aqueles usuários que assimilando conteúdos, representações e códigos de interpretação mais próximos aos nossos, apropriaram-se de forma diferenciada dos mesmos, tendendo, então, a psicologizar suas experiências pessoais e sociais, utilizando termos que fazem parte de uma "linguagem psicológica". Mas, ao longo da minha experiência, estes têm sido minoria.

Diante deste distanciamento, ou desta reconstrução do conceito que temos sobre a dimensão psicológica, ousamos ainda considerar estas atitudes peculiares a uma determinada população como mecanismos defensivos, ou seja, como resistência exibida por essas pessoas frente a conteúdos psíquicos que não podem ser assimilados por sua consciência.

Fico pensando se, da mesma forma que foi acima descrito com relação ao saber médico, o saber psicológico que queremos impor aos nossos pacientes, não funciona também como um "cala boca", de maneira que estes não conseguem mais se expressar de forma autêntica sobre o sofrimento que lhes moveu a procurar o atendimento em saúde mental, restando aos mesmos, o revelar-se através do corpo, campo que ficou de certa maneira protegido deste dinamismo paralisante.

A proposição de qualquer intervenção em saúde mental a um determinado usuário, deve passar, portanto, por uma análise bastante ampla das questões acima levantadas e muitas vezes não fará sentido para determinada pessoa, não apenas por uma questão de resistência psicológica, mas antes por uma disparidade ideológica entre o profissional e o usuário.

Pude constatar muitas vezes, a configuração de um verdadeiro "abismo" entre minhas concepções sobre o processo saúde-doença e minha forma de expressão e os conceitos e estilos expressivos exibidos pela população que eu atendia nas referidas instituições.

Foi a partir daí que resolvi iniciar o desenvolvimento de uma prática, regida pelo *Método Organísmico* que pudesse vir a substituir a ênfase na elaboração verbal que até então havia caracterizado as estratégias

terapêuticas por mim conduzidas.

O *Método Organísmico* concretiza e transforma a “linguagem corporal” comumente utilizada pelos usuários de um serviço de saúde mental, ao enfatizar a dimensão corporal como via privilegiada de acesso ao inconsciente.

As evidências apontam para a possibilidade de se obter a partir do *Método Organísmico*, o fortalecimento do vínculo de confiança entre profissional de saúde e usuário, a promoção de um recondicionamento fisio-psíquico vinculado à maior conscientização e ampliação da imagem corporal e da auto-estima dos usuários, além de maior abertura ao contato social. Evidenciam-se, também, sutis modificações no modo desses indivíduos refletirem sobre o contexto sócio-econômico e cultural em que estão inseridos e de agirem nesse contexto, destacando-se o despertar ou o resgate da capacidade laborativa e do potencial criativo dos mesmos.

Tenho constatado a configuração de indícios das referidas transformações em períodos breves de atendimento, correspondendo em média, ao decorrer de um ano. Observo também, uma tendência à redução considerável dos índices de evasão aos atendimentos regidos pelo *Método Organísmico*.

Uma Proposta de Integração entre O Método Organísmico de Sándor e a Modalidade Grupal de Atendimento

A combinação do Método Organísmico com a modalidade grupal de atenção, particularmente no campo da psicoterapia, reveste-se de um caráter especial para os usuários da UBS.

Ao propor que essas pessoas se reúnam em grupo para o desenvolvimento de alguma intervenção terapêutica que envolva o *Método Organísmico*, apesar do “susto” inicial e da configuração de mecanismos defensivos típicos ao se inserir um indivíduo em contexto grupal, constela-se uma situação complexa e inexplicável, porém, de particular riqueza em que se efetuam trocas afetivas intensas entre os envolvidos.

A modalidade grupal de terapia não deve ser aplicada simplesmente para satisfazer exigências de determinada instituição; só se justifica sua utilização como alternativa terapêutica no atendimento a determinada população, se puder atender às necessidades da mesma em alguma medida.

Ponderando sobre as peculiaridades da modalidade terapêutica grupal frente às particularidades culturais e psicológicas da população a ser atendida nas instituições públicas, BEZERRA JR. (1994) refere que:

.....colocado entre pares, o paciente poderá exprimir os sentimentos e cotejar sua experiência com um conjunto de pessoas que compartilham com ele do mesmo universo sócio-cultural. A palavra do parceiro do grupo, talvez contenha maior plausibilidade, isto é, talvez possa veicular modelos de identificação mais próximos, mais apreensíveis, do que o oferecido pelo terapeuta. (p.167).

Segundo esse autor, no encontro entre um terapeuta e seus pacientes numa instituição pública, tende a se configurar uma relação assimétrica, calcada principalmente nas diferenças quanto à inserção social dos mesmos, sendo o primeiro inevitavelmente percebido não só como representante da ciência, mas também como membro de uma classe social hierarquicamente superior.

Considera o autor que a inserção deste tipo de pacientes em grupos tende a dissipar essa assimetria, na medida em que pode conduzir os integrantes do grupo, inclusive o terapeuta, a buscar outras referências além daquelas justificadas pela ciência e veiculadas pelo mesmo ao grupo. A principal responsabilidade do terapeuta, desse ponto de vista, seria a manutenção das regras do enquadre terapêutico.

Parece, entretanto, que esta suposta democratização do saber e do poder no campo terapêutico grupal não são suficientes para garantir uma vinculação consistente desses pacientes a qualquer grupo. Existe também formas de interdição na comunicação entre membros que pertencem supostamente a uma mesma classe social. Dentro de um mesmo grupo, há indivíduos que correspondem aos hábitos e expressões linguísticas

mais comuns naquele universo sócio-cultural e outros que se afastam em diferentes graus dos mesmos, situando-se nas zonas mais fronteiriças daquele campo de acordo com as trajetórias psicossociais que percorreram, eles e seus ascendentes, até aquele momento.

Este pode ser um dos muitos fatores a explicar o porquê ocorrem tantas desistências, mesmo quando se realizam as tão louvadas intervenções grupais com essa população. O estabelecimento de vínculos de confiança entre indivíduos é questão bastante complexa em qualquer situação, particularmente num campo permeado por tanta ambigüidade como o terapêutico.

BEZERRA JR. (1994) fala sobre a necessidade de aprimorar também as formas de atendimento grupais, tentando adequá-las às necessidades e peculiaridades deste tipo de população, ou seja, não é possível considerar que a modalidade grupal em si, ou qualquer outra, seja sempre e de qualquer forma suficiente para dar conta da demanda de determinada população.

Ao acoplar a modalidade grupal de atendimento ao *Método Organísmico* na condução das estratégias terapêuticas, algo se modificou. A modalidade grupal e o referido método juntos, amplificam o germen de transformação inerente ao campo terapêutico, enriquecendo-se mutuamente e sendo ambos sensíveis às peculiaridades dessa população.

A dimensão corporal parece ser uma vertente extremamente fértil no processo de simbolização dessas pessoas, trazendo ao campo terapêutico grupal a possibilidade de transcender as interdições que ainda restam no estabelecimento de uma comunicação entre esses indivíduos neste contexto tão intrincado.

O modelo básico de intervenção grupal que adotei corresponde em linhas gerais, ao descrito por BEZERRA JR. (1994), segundo o qual o terapeuta seria essencialmente o elemento aglutinador, o fornecedor e mantenedor das regras de comunicação no grupo.

Segundo o autor:

O terapeuta não lidará sempre com o grupo enquanto indivíduo coletivo, como uma entidade autônoma com relação a seus membros; pelo contrário, procurará de modo geral, recortar cada indivíduo dentro do grupo com sua história, seu movimento na sessão, o conteúdo que apresente e permitir com sua atuação que esse material seja confrontado, com aquele que é trazido pelos parceiros e seja objeto de elaboração por parte deles, a partir de seus códigos de interpretação, os quais, como já se observou, nem sempre se coadunam com os do terapeuta. (p. 168).

Neste sentido, conduzo a modalidade grupal de atenção, de forma a lidar com os indivíduos *no* grupo, realizando concomitantemente o processo de psicoterapia *do* grupo como um todo quando for possível e necessário. Isto significa dizer que faço vários recortes no processo grupal, desde aqueles que se dirigissem da experiência individual para a grupal ou, ao contrário, do grupo para o indivíduo.

A forma de organização do grupo para a realização das experiências corporais depende da dinâmica emergente em cada grupo em determinado momento, sendo possível propor que as pessoas se reúnam em duplas, trios, ou todas ao mesmo tempo. Pode ainda ocorrer, a proposição de experiências corporais que permaneçam centradas em um único paciente, ou ainda de vivências corporais a serem realizadas individualmente no grupo.

Muitas outras formas de experiência corporal podem ser construídas ao longo do processo grupal, seja a partir das proposições do terapeuta, ou daquelas provenientes de outros membros do grupo que têm ampla liberdade quanto à participação ou não nas mesmas.

Quanto à dinâmica de realização das técnicas de Regulação de Tônus no contexto grupal, parto de experiências corporais mais autocentradas e individualizadas, como as que envolvem experiências de observação do próprio corpo, ou de auto toques, para outras voltadas ao corpo do outro e envolvendo mais o grupo como um todo. É interessante que o

ato de tocar seja experimentado aos poucos, e não introduzido de forma abrupta no campo grupal, sendo que as técnicas mais sutis devem ser introduzidas depois de uma certa vivência com técnicas mais ativas e “densas”, como os exercícios de respiração e movimento, ou ainda, as manobras básicas de massagem.

São raros os terapeutas corporais de orientação organísmica que trabalham com grupos e muito mais raros aqueles que escrevem sobre essa questão quer na perspectiva da Psicologia Organísmica, ou mesmo da Psicologia Junguiana - uma das principais matrizes teóricas do Método Organísmico.

No que concerne ao campo da Psicologia Analítica, HALL (1986) refere que a terapia de grupo ainda é controversa em muitos círculos junguianos. Jung, ao que parece, jamais experimentou uma terapia de grupo processual, mas parecia achar, segundo o autor, que a modalidade grupal de análise não poderia substituir a individual. De acordo com Hall, Jung tomava por base para tecer essa concepção acerca da modalidade grupal de atendimento, sua experiência em grupos sociais não estruturados, nos quais, segundo ele, as pessoas agiam com menos consciência do que revelavam individualmente. §

JUNG (1961) ao discutir a condição do indivíduo na sociedade moderna, refere que:

A sociedade tem, naturalmente o direito incontestável de precaver-se contra os subjetivismos notórios, porém, desde que a própria sociedade é composta de pessoas desindividualizadas, está completamente à mercê dos individualistas implacáveis. Deixai-a juntar-se em grupos e organizações a seu gosto - e é exatamente esse agrupamento com a resultante extinção da personalidade individual que a faz sucumbir tão depressa a um ditador. (p.66).

Vemos nesta colocação, o quanto Jung se preocupava em proteger a integridade do indivíduo diante da pressão social para que este se conformasse ao grupo.

HALL (1986) considera que a psicoterapia grupal, não é de forma alguma um substituto da análise individual, mas, segundo ele uma combinação entre psicoterapia grupal e individual parece fazer algumas pessoas avançarem com maior rapidez ao longo do processo de crescimento e compreensão do que qualquer modalidade sozinha.

O autor também coloca que o trabalho de grupo pode se converter num poderoso instrumento de modificação do autojulgamento negativo excessivamente rígido, ao mesmo tempo em que pode ajudar a pessoa a desenvolver uma auto-estima realista.

MINDELL (1991) trabalha com terapia de famílias e casais e considera que o relacionamento é um dos canais, mas não o único, pelo qual o indivíduo se realiza, assim como este último é somente um dos canais para a expressão da mensagem grupal. Ele refere que assim como cada grupo tem tantos tipos de expressão quantos forem seus membros, cada pessoa tem seus vários modos de percepção e expressão.

No campo da Psicologia Organísmica, a integração da modalidade grupal de atendimento às técnicas organísmicas corporais e expressivas-imaginativas é um processo em construção ao qual pretendo fornecer algumas contribuições a partir da experiência vivida no acompanhamento de grupos de psicoterapia no contexto institucional.

O Corpo no Grupo e o Corpo do Grupo

O grupo é também um *organismo*, é encarnado, ou seja, é corpo e psique ao mesmo tempo. Porém, o grupo não pode ser entendido como mera projeção do dinamismo fisio-psíquico individual ao campo grupal, uma vez que o contexto grupal compõe uma forma particular de ser e estar que transcende a soma ou a ampliação das configurações individuais.

O grupo é o terceiro ponto entre o eu e o outro, aquela zona limítrofe em que as percepções, as imagens, as sensações se interpenetram e ao mesmo tempo se diferenciam, criando novas composições. O grupo é um estado contínuo de arte - de criação e de destruição, de integração e

desintegração de diferentes formas de existir e de se expressar. É o campo de ensaio cotidiano das relações humanas.

O grupo é um corpo que se movimenta em *espiral*, retornando sempre ao ponto de origem, porém, sendo outro a cada volta completada. Oscila desesperadamente entre pólos de um mesmo fenômeno, confrontando-se e fugindo, fundindo-se e se discriminando, destruindo-se e se transformando, sombreando e iluminando.

O grupo é um corpo que pode se configurar como um continente propício para a vivência e elaboração das mais diversas dores e delícias humanas, como um “caldeirão” em que essas experiências serão “cozidas ao ponto”. Portanto, é um corpo ao qual muitas vezes serão atribuídos “poderes mágicos”, como se nele pudessem se “exorcizar todos os demônios”.

O grupo é um corpo social que traz as marcas das condições sócio-econômicas e culturais que engendraram o encontro e a história de vida das pessoas que o constituem e que na mesma medida pode revelar essas marcas e propor transformações nessas condições, dando sentido e reconstruindo histórias.

O grupo é um corpo que sonha; traz símbolos oníricos a seu campo, seja através da expressão corporal, de sonhos ou de imagens individuais, ou de seu próprio fluir corporal e onírico.

O grupo é um corpo que dança, mas essa história⁶ não sei contar, só sei dançar.

Sei contar a história de grupos formados por pessoas que lutam para sobreviver, pessoas que tem seus corpos marcados pela exploração no trabalho, pela violência doméstica, pela invisibilidade social, pela não garantia dos cuidados básicos de saúde, entre outros aspectos. Porém, aprendi com essas pessoas que é possível “renascer das cinzas”, principalmente quando encarnamos num corpo grupal acolhedor que faz emergir nossas potencialidades, sombrias e criativas.

Conheci pessoas que só se permitiam sentir o corpo quando adoeciam ou sentiam dores, experiências que as impossibilitavam de trabalhar fazendo assim com que prestassem atenção em si e fossem buscar ajuda.

Ao dar oportunidade a essas pessoas de resignificarem suas experiências no grupo terapêutico através das vivências corporais promovidas pelo Método Organísmico, tive oportunidade de observar transformações multidimensionais e significativas na vida das mesmas.

Refiro-me à possibilidade de perceberem que o corpo também é fonte de prazer, prazer de gostar de si mesmo, de cuidar de sua beleza, de sua saúde, de trocar carinhos e de superar dores.

O corpo inserido num grupo acolhedor e tocado com respeito e amor pode despertar o terapeuta interno que há em cada pessoa, acolhendo suas limitações e deficiências e mostrando, através do próprio padecimento, o caminho da cura quando for possível.

O corpo no grupo é pele, é mãe que acolhe e toca a pele, é vida em transformação, é o corpo do grupo.

NOTAS

*Artigo baseado em aula ministrada em 1995 no curso de Integração Psicofísica da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, atendendo ao convite da Prof.^a Rosa Maria Farah.

¹ Pethő Sándor, nascido em 1916 na Hungria, atuou como médico durante a 2.^a Guerra Mundial em hospitais da Cruz Vermelha da Europa. No Brasil, desde a década de 40, dedicou-se à pesquisa, ao ensino (PUC, Sedes Sapientiae) e à prática psicoterápica, construindo e divulgando seu método. Faleceu em 1992 deixando como legado, um trabalho inestimável cuja continuidade é tarefa inesgotável em especial para um grupo de pessoas que teve a oportunidade de conviver e aprender com ele.

² O conceito de tônus em Sándor transcende o ponto de vista anátomo-fisiológico

sobre o equilíbrio estático-muscular do organismo, considerando também o dinamismo afetivo-emocional concomitante.

³ O termo *Psicologia Organísmica* foi referido verbalmente inúmeras vezes por Sándor, embora não tenha sido adotado formalmente para nomear a proposta de trabalho que estava sendo constituída por ele. Há uma discussão grupal sobre qual seria a melhor forma de designar tal proposta, porém, o nome *Psicologia Organísmica* foi assumido pela autora deste artigo (DURAN, 1997) e pela psicóloga Elvira Leme. Elaboramos em conjunto a organização formal da perspectiva organísmica do Método de Sándor e consideramos que o *Método Organísmico*, como passamos a denominá-lo, é um método em construção.

“Essa parte da história está bem contada em recente publicação sobre as Danças Circulares e Sagradas organizada por RAMOS (1998).

BIBLIOGRAFIA:

BEZERRA JR. - Considerações sobre terapêuticas ambulatoriais em saúde mental. In TUNDIS, Silvério Almeida, COSTA, N.R. (org.) - *“Cidadania e loucura: política de saúde mental no Brasil”*. 4.ed., Rio de Janeiro, Vozes, 1994, p. 134-161.

BOLTANSKI, Luc - *“As classes sociais e o corpo”*. 3.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1989.

DURAN, Sandra M.G.T. - *“O Atendimento psicoterapêutico em grupo aos Usuários de uma Unidade Básica de Saúde pelo Método Corporal de Pethö Sándor: Uma Interpretação na Perspectiva da Psicologia Analítica de C.G.Jung”*. São Paulo, Dissertação (Mestrado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1997.

GONÇALVES Fº, José Moura - *“Passagem para a Vila Joanisa: uma introdução ao problema da humilhação social”*. São Paulo,

Dissertação (Mestrado), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.

HALL, James - *“A experiência junguiana: análise e individuação”*. São Paulo, Cultrix, 1986. (Coleção Estudos de Psicologia Junguiana).

JUNG, Carl Gustav - *“O eu desconhecido”*. Trad. de Fausto Cunha. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

MINDELL, Arnold - *“O corpo onírico nos relacionamentos”*. São Paulo, Summus, 1991.

RAMOS, Renata C.L. (org.) - *“Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura”*. São Paulo, Triom, 1998.

SÁNDOR, Pethö et al. - *“Técnicas de relaxamento”*. 4.ed., São Paulo, Vetor, 1982.

O QUE OS OLHOS VÊEM O CORAÇÃO SENTE

Ana Paula G. Figueiredo

A visão é hoje um dos sentidos mais solicitados no mundo moderno, devido à intensa estimulação a que é submetida. Somos cada vez mais uma cultura de imagens, cores, movimento. A utilização excessiva e inadequada da visão é freqüente, por exemplo, através da leitura, televisão, computador, dirigir. Como consequência, temos uma grande quantidade de problemas nos olhos ocasionando má funcionalidade e uso inadequado dos mesmos, sendo que nossa tentativa de "corrigir" esses problemas é através de recursos técnicos como óculos ou cirurgia. O uso de óculos é cada vez mais ampliado, chegando crianças a utilizá-los mesmo antes da fase escolar.

No início do século, um oftalmologista de Nova York, Dr. William H. Bates inovou com sua teoria revolucionária. Mostrou basicamente não ser verdadeiro o conceito existente de que os problemas visuais tendem sempre a piorar, podendo unicamente ser minimizados com recursos como óculos ou cirurgias. Ao contrário, demonstrou que, quando os olhos recebem adequadamente os estímulos naturais de que necessitam, como "LUZ", "MOVIMENTO", e "RELAXAMENTO", problemas visuais de várias ordens podem melhorar sensivelmente. Bates mostrou também a estreita relação entre acuidade visual e estados de fadiga, ansiedade, e excitação. Nossa visão altera-se e varia de acordo com o estado fisiopsíquico do organismo. Isto é, os olhos fazem parte de nosso corpo como um todo e reagem com ele de uma forma global.

A visão não é estática e o olho não é uma câmera fotográfica que funciona mecanicamente. A visão é primariamente psicológica. "Enxergamos principalmente com a mente e só em parte com os olhos" Baseado nesse enfoque, Bates propôs exercícios que visam a modificação

dos padrões cerebrais com que fomos condicionando nossa visão ao longo dos anos. Trabalhar e relaxar a musculatura ocular, reeducando e corrigindo erros, ao mesmo tempo em que se desenvolvem hábitos corretos necessários à visão adequada é o objetivo dos exercícios, simples mas que exigem conscientização e disciplina.

Meir Schneider é um terapeuta que desenvolveu e ampliou o método Bates, a partir de sua experiência com as próprias severas limitações visuais (nascido com catarata, glaucoma e nistagmo, foi alfabetizado em braille). Após muitos anos de intenso trabalho consigo, através de horas diárias de exercícios, conseguiu um grande desenvolvimento em sua visão, a ponto de obter a licença de motorista na Califórnia.

Meir acrescentou ao método Bates um trabalho com todo o corpo, utilizando, além dos exercícios visuais, o relaxamento, a massagem e exercícios corporais, visando um processo de consciência cinestésica e fisiopsíquica que propicie a mudança de hábitos, quebra de padrões mentais, transformando nossa forma de utilizar a visão, e portanto nossa forma de enxergarmos a nós mesmos e o mundo.

"Os olhos são o espelho da Alma" Enxergamos através da luz que penetra nos nossos olhos e estimula nosso cérebro. Aquilo que conseguimos ver do ambiente exterior tem relação com o que vemos de nosso interior. Há um paralelismo entre o micro e o macrocosmo, entre o universo que chamamos consciente e o inconsciente. Hoje em dia o homem tem grande dificuldade de enxergar mais profundamente ambos, tanto o Universo de que faz parte quanto sua psique interior. O conhecimento do espaço cósmico permanece um enorme desafio - lembremos do telescópio Hubble que teve um problema de "miopia" E a cegueira para o universo interior e suas necessidades mostra-se em toda patologia individual e social existente atualmente.

Esse distanciamento de nossa Natureza física e psíquica é o que se procura trabalhar nesta abordagem. Estar próximo à natureza física, olhar o horizonte, caminhar ao sol, são a base de alguns dos exercícios, que

propiciam essa reintegração, esse estar mais profundamente consigo mesmo, ampliado por exercícios como o “*palming*” - cobrir os olhos com as mãos em concha procurando enxergar o mais escuro possível para obter o relaxamento do nervo ótico. Isto será completado com o “*sunning*” - deixar o sol banhar as pálpebras cerradas enquanto movemos a cabeça. A boa visão depende da alternância de Luz e Sombra, relaxamento e atividade, e encontramos aí um paralelo com a proposição de Jung da dinâmica dos opostos que regula nossa psique através do equilíbrio entre consciente e inconsciente. Equilíbrio, eis a lei da ação e descanso para os olhos.

Mesmo durante nossos sonhos estamos enxergando, como comprova o REM (Rapid Eyes Movements) e nosso nervo ótico está sendo constantemente estimulado.

Durante o “*palming*” orientamos a visualização de cores contrastantes como branco ou rosa no fundo preto, além de imagens em movimento e diversas formas. As imagens que surgem nessa fase do exercício tem também um significado simbólico, de acordo com a dinâmica de cada um.

Um outro paralelismo com um tema muito estudado por Jung em relação à psique é o aspecto mandálico presente no olho e na visão. O músculo ciliar que compõe a íris, fazendo a contração e dilatação da pupila é uma mandala dinâmica, com variações individuais de coloração, mas exercendo sempre essa função de abertura e fechamento à luz e ao mundo exterior, analogamente à extroversão/introversão junguianas.

Há uma estreita correlação entre visão e funcionamento cerebral. A memória é constituída basicamente por imagens. Informações visuais e sensoriais oriundas do cérebro fazem o organismo reagir como diante de estímulos externos. Essa é a base dos exercícios de visualização e imaginação utilizados em muitas áreas e em nossos trabalhos com visão. Esses exercícios tem tradição em antigas práticas orientais (Bates pesquisou o yoga tibetano para desenvolver seu trabalho), e hoje em dia,

com a evolução de novo paradigma da ciência, trazido pela integração da cultura oriental e dos princípios da Física moderna, caminha-se no sentido de superar a falsa dicotomia entre matéria/energia, corpo/mente, sujeito/objeto, no que poderíamos denominar como a realização da função transcendente proposta por Jung.

“Nós não vemos as coisas como elas são, mas sim como nós somos” - Anais Nin, escritora francesa.

Cuidados básicos para os olhos:

- 1) Evitar na medida do possível o uso de óculos.
- 2) Usar ao máximo a luz natural.
- 3) Evitar fixar o olhar; mudar o foco, olhando para longe e para perto.
- 4) Piscar constantemente.
- 5) Realizar o “*sunning*” e o “*palming*”.
- 6) Trabalhar a postura, a respiração, o relaxamento corporal.
- 7) Procurar alguma forma de relaxamento com imagens e visualização.

BIBLIOGRAFIA:

- MEIR SCHNEIDER, “*The Handbook for SelfHealing*” - Penguin London
- MEIR SCHNEIDER, “*Uma lição de Vida*” - Cultrix
- Mário Sanches, “*Recupere e Conserve Seus Olhos*” - Imery
- HAROLD PEPPARD, “*Veja Melhor Sem Seus Óculos*” - apostilado
- JUNG, “*Psicologia do inconsciente*” - Vozes
- JUNG, “*O Homem e Seus Símbolos*”
- JUNG, “*O Desenvolvimento da Personalidade*” - vozes

A PSICOTERAPIA ORGANÍSMICA DE PETHŐ SÁNDOR¹ II

(Este texto compõe-se de extratos do questionário VELA de Sintomas de Labilidade Vegetativa, traduzido e ampliado pelo Dr. Pethő Sándor. Foram feitas pequenas adaptações de linguagem por Fernando Cortese)

A INDIVIDUAÇÃO

Os psico-somáticos propõem que o nosso corpo está circundado pela nossa realidade individual, que seria um invólucro firme, mas invisível para um observador. Sendo o corpo e a realidade individual como que dois compartimentos, por assim dizer, dois órgãos de um organismo maior, executando funções específicas um para o outro e para o sistema total, a constante desmontagem e re-montagem do “órgão” realidade individual poderia ser comparada ao metabolismo do “órgão” pele, cujas células são submetidas a uma renovação constante. Pele e realidade individual tem a função como que de uma membrana limitante, com as tarefas de seleção e comunicação no intercâmbio com o meio. As doenças da pele que obstaculizam a execução das tarefas de seleção e comunicação com o meio e suas efetividades recíprocas com as outras partes do organismo, estão sendo tratadas na dermatologia. As “doenças” da realidade individual - i.e., aquela “casca” invisível em que o indivíduo vivencia seu meio ao interpretar as programações da sua fantasia (o palco interno) e que, sempre e de novo, é desmontada e remontada em cada situação, e seus efeitos recíprocos em relação ao corpo - é o assunto da visão psico-somática. Nós talvez falaríamos da perda e reajuste dos pontos de apoio fisio-psíquicos.

Já que as alterações desse “órgão” não podem ser observadas de modo direto, é muito mais difícil entender e descrever seus processos, embora o indivíduo as vivencie de modo mais intenso do que os processos

na área cutânea. Já JUNG apontava que não devemos pressupor a nossa própria psicologia como existente nos outros. Mesmo assim, há na maioria das pessoas a convicção de que a realidade, como a experimentam, é a mesma para todos os outros indivíduos. A crença enraizada de que todos nós vivemos a mesma e uma realidade nem permite emergir a idéia de que a realidade dos outros pode ser bem diferente da nossa e de que todos nós, dos mesmos fatos neutros construímos realidades com significados diferentes. Por isso são importantes as descrições de casos que mostram: como os pacientes experimentam a sua realidade. O conhecimento das realidades individuais de pessoas doentes, neuróticas, etc., é uma tarefa delicada porque já nas primeiras tentativas começam os modelos abstratos a serem imbuídos com dinamismo vivente. É importante que a estrutura espaço-temporal da realidade individual permaneça intacta. Mas ocorre com freqüência que ela “desmorona” quando a intensidade de uma situação se eleva além de uma medida suportável e nem o auto-domínio nem considerações sóbrias fornecem uma saída tolerável. Em termos biológicos tal regressão - porque se trata disto - para uma condição indiferenciada tem certo sentido porque pode mobilizar forças nunca imaginadas que ajudarão a resolver uma condição emperrada. A respeito disso são notáveis as explanações de JUNG (especialmente no início dos “Seminários das Visões”) sobre os momentos em que a “função inferior” assume a orientação. Naturalmente, tal condição de supremo esforço ou de suprema apatia, durante muito tempo não é condizente com a vida; exemplos são as mortes repentinas em situações de extrema carga psíquica. Formas menos ameaçadoras de dissolução da realidade individual são o “reflexo de cadáver” (estudado e descrito especialmente por KRETZSCHMER) e a síncope.

Queixas de “peso” excessivo em relação a responsabilidades, compromissos, cargas (profissionais, familiares, existenciais) apontam nitidamente certas imposições e concomitantes alterações da realidade individual, levando, na maioria dos casos, a relações fisio-psíquicas ou psico-somáticas, dependendo da participação maior ou menor de um ou

de outro “lado”. Em relação com isso lembremo-nos do desenho de FRANKL (ver figura 1). Tal condição, em pessoas com síndromes funcionais e hipocondria é notável quanto a possibilidade de uma regressão e um possível reavivamento de certas fases do passado. Há pessoas com sensibilidade vegetativa em que todo dinamismo se reduz, no fim, a resignação amargurada e desesperançosa, “não querem lutar”, “perdem”, “não agüentam mais”, e com isso secam as fontes da atividade espontânea. É como se o corpo perdesse, com a desativação da realidade individual, uma importante função protetora, abrindo-se com uma entrega passiva e silenciosa a uma doença orgânica, em geral irreversível. Emergem, de vez em quando, sentimentos de culpa que muitas vezes são interpretados como agressões retiradas do meio e dirigidas contra si mesmos. Mas a questão é muito mais complexa porque - é possível observar - atuam também os dinamismos arquetípicos, programados mas não aproveitados, não assimilados, não postos na prática cotidiana e não transmitidos aos outros com abertura adequada.

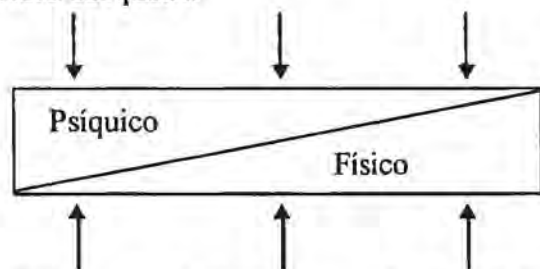


figura 1. O desenho de FRANKL representando o organismo. As setas indicam a maior ou menor participação dos aspectos psíquicos e somáticos, dependendo da síndrome apresentada pelo indivíduo.

Em termos jungueanos pensemos também, neste contexto, nos inúmeros tropeços e tombos possíveis no trajeto da individuação que é, como processo, a realização empírica da totalidade psíquica, a conscientização da unidade estrutural do indivíduo (individualidade). Isto acarreta o enquadramento do Eu na totalidade das condições psíquicas, constelada sempre por cada atual momento psicológico. Assim, a meta da individualização é o desenvolvimento da personalidade individual em

termos de uma singularidade estrutural. Esta constitui, de um lado, uma condição apriorística e de outro, é uma disposição ou um especial estilo ou modos com que o indivíduo reage perante os componentes coletivo-psíquicos externos e internos (TONI WOLFF). Em cada faixa etária poder-se-ia falar de uma determinada individuação mas, como um fundamental processo psicológico, ocorre na segunda metade da vida. Assim, a individuação pode ser traduzida como vir-a-ser-Si-Mesmo. É natural que o Si Mesmo (Self) apresente, no entanto, de acordo com a idade e com a situação existencial, sempre outros aspectos a serem necessariamente realizados, já que a psicologia do indivíduo é diferente nas subseqüentes faixas etárias. O cerne individual pode ser visível, entretanto, em todos. Naturalmente, cada faixa etária tem a sua determinada problemática, de modo que é sempre possível uma variação individual, mas não um desvio ou evitação arbitrários, sem decisivas perturbações, isto é, sem a desunião com as fundamentais leis psíquicas. O TODO-psíquico constelado mas deixado em estado inconsciente por inércia, desatenção ou temor, possui uma efetividade e intensidade energética e transfere-se, quando o sujeito se dissocia dele, para o meio e para aqueles objetos com os quais está mais fortemente coligado. Em consequência disso, também os outros serão afetados por ele, e em certas condições, obrigados a assumir a quota psíquica a eles delegada. Um outro sofre, então, os efeitos dos quais o indivíduo se esquia. O processo de individuação não cria uma falta de relacionamento ou isolamento intocável, mas, ao contrário, é a base de uma conexão incondicional com a condição humana, uma participação mais consciente e mais vivenciada...

Mas na prática, tudo isso não ocorre sem obstáculos externos e internos, e nem precisa ser alguém “esquizofrênico” ou “esquizóide” para ver de modo estreito as atuações e pretensões dos outros e o significado do próprio Eu. JUNG aponta que o modo de ver normal, na medida em que é possível, consiste na premissa filosófica de uma “simpatia de todas as coisas” ou algo semelhante. (A “correspondência” ou “simpatia de todas as coisas” é uma antiga doutrina filosófica sobre o relacionamento e dependência empíricos dos conteúdos do cosmo. Baseia-se na crença

de que um princípio divino universal encontra-se também na parte mais minúscula, que por isso está em concordância - "simpatia", "correspondência"- com todas as outras partes e com o TODO. JUNG encarava tal idéia como precursora da noção de sincronicidade). E justamente essa "simpatia" cessa naqueles que não se empenhavam, no tempo adequado, em pagar seus "tributos" à Natureza ou não "sacrificavam" aquilo que teria sido necessário para sair de determinadas "amarra" e poder dar o passo seguinte no trajeto da individuação. Tais "amarra" sempre são indicadas pelos sonhos, e não são apresentadas - juntamente com a forma de solução - concretamente. Por isso temos que acertar o que propõe o inconsciente para ajustar a conduta de modo correspondente. Sincronicidades podem apontar situações arquetípicas e onde ocorre isto há sempre uma alusão à original unidade integrada, que até pode ser indicada por fenômenos somato-psíquicos condizentes. No nosso item em questão, a incapacidade de assumir responsabilidade, engajamentos, atender exigências, suportar fardos e encargos dos mais diversos tipos, está sempre em relação com a falta da "observância" necessária, i.e., a situação psíquica não foi compreendida e, por isso, chegou a ser reprimida. Então - como JUNG aponta - aquilo que deveria expressar-se como a "simpatia de todas as coisas" emergirá como uma tentativa pseudo-racionalista para explicar a falta da "simpatia", i.e., em vez do EROS inclusivo aparecerá seu oposto, o ódio ou angústia separatistas. A condição pode começar a se "patologizar" quando a participação mais abrangente original comuta-se em negações na base de argumentos intelectuais-plausíveis, que até podem convencer as mentes massificadas. Mas foi esquecido, reprimido e "desconversado" o significado interno da "simpatia", uma atitude "religiosa"(religio= observação atenta) que acerta os meios adequados e evita as soluções espúrias (Cartas III, pp. 148, ed.al.). JUNG salienta que tais assuntos nem podem ser explicados para pessoas de pouca inteligência, porque serão mal entendidos. Também não adianta tentar esclarecer o assunto para indivíduo de condição acadêmica mas com colocação "científica", já que formação científica nem sempre está paralelada com inteligência superior.

Em outro lugar (Cartas III, pp.367-369) JUNG aponta que para a nossa consciência não é possível encontrar um contato com o Si-Mesmo natural (ANTHROPOS), porque isto significaria a ampliação da consciência do Eu no "transcendente", o que, por definição, ultrapassa a capacidade de conscientizar...já que se trata da totalidade da VIDA, que com os meios da nossa consciência não podemos apresentar. Necessitam-se não apenas as nossas possibilidades vivenciais e representativas, mas também uma participação vivente de um "*influxus divinus*" que se apodera do nosso inteiro existir e também não só as nossas assim chamadas forças espirituais, amarradas nas limitações do nosso intelecto, da nossa intuição e do nosso sentimento. Os alquimistas afirmavam com acerto: "*Ars requirit totum hominem*" (A arte requer o homem todo). A nossa consciência nunca é "toda". Só esse apoderar da consciência pelo influxo divino pode ser encarado como uma aproximação do TODO. O pensar abstrato não pode conduzir-nos mais adiante, a não ser até noções excogitadas, utilizadas sempre como escudo e vias de escape, possuindo por isso a característica de impedir a realização do TODO. E onde não podemos proceder ativamente, lá sofremos a atuação, e então não somos mais a mão que brande o malho mas sim o malho brandido ou qualquer ferramenta que não se dispôs de si mesma. Já que o ser humano tem a liberdade de escolher sua direção, está livre também para meter-se em meandros e, em vez de deparar com a realidade do seu inconsciente, matutar acerca deste e afastar-se da verdade da Natureza... A primeira metade da verdade jaz mesmo nas mãos do homem, mas a Segunda metade, nas mãos DAQUELE que é maior do que nós. No primeiro caso podemos ser ativos, mas no segundo somos inevitavelmente passivos, isto é, passamos por ela. E nisto, nenhuma filosofia saberá nos ajudar, mas poderá apenas enganar, e aquele lamentável vazio espiritual em que vivemos hoje em dia não pode ser preenchido com palavras, mas somente pela nossa participação total, quer dizer - mitologicamente falando - pelo nosso voluntário auto-sacrifício ou ao menos pela nossa prontidão para executá-lo. Mas nós nem estamos em condições de determinar por nós mesmos a

natureza deste auto-sacrifício. Tal condição depende do “outro lado”. O processo de individuação, i.e., o vir-a-ser um TODO, abrange por definição, o todo do fenômeno humano e o todo do enigma da Natureza, cuja separação em aspectos físicos e espirituais representa apenas uma discriminação, servindo o conhecimento humano...

E nesses casos, valem alguma coisa as técnicas da psicoterapia organísmica? Muito mais do que se supõe. As frustrações, as paradas, as desesperanças, as desativações, indicam, independentemente do – necessário – rotulamento sócio-psicológico profissional, e inadequado encaminhamento da energia psíquica (libido), i.e., a falta de um condizente relacionamento dinâmico entre os conteúdos conscientes e inconscientes dentro das variações individuais. Aqui não devemos cogitar, antecipadamente, sobre as possibilidades ou probabilidades de uma eventual atuação. Mesmo em casos de enfermidade patente, se o paciente solicitar, temos que fornecer aqueles estímulos, executar aquelas seqüências que aparecem mais condizentes com a situação atual da pessoa. O planejamento deve ser elástico, propondo sempre aquelas modalidades de intervenção que correspondem mais à necessidade do momento. Sabendo que se trata de uma pessoa em certo grau psíquica e fisicamente desativada ou desvitalizada, o início da atividade profissional deve ser suave e prudente, sem prometer nada e sem salientar os achados nem pronunciar juízos prognósticos, criando expectativas e esperanças prematuras. E se o terapeuta está prestes a ficar confuso perante as mais variadas queixas, resistências, anelos e desânimos, tudo isso despejado sobre ele, sempre pode, por um momento, olhar para dentro de si mesmo e dizer: “Essa pessoa perdeu seus pontos de apoio. Tentemos reconduzi-la para eles e reajustá-la.” Nessa formulação concisa reside a diagnose do quadro apresentado e o trajeto da terapia.

NOTAS:

¹Dr. Pethő Sándor, médico e psicólogo, foi o criador do método de trabalho corporal denominado Calatonia e da abordagem chamada Psicoterapia Organísmica ou Integração Fisiopsíquica.

Toques que fazem o corpo falar

Shirley M. S. Silva

Este relato surgiu do encantamento que é o trabalho corporal; quando a “boca” sente-se incapacitada de falar sobre a vida – sentimentos, alegria, tristezas, raiva, dor, agressividade, medo, etc. – o corpo assume seu lugar, primeiro em forma de “dor”, depois de alegria e contentamento.

S. tem 26 anos, formação superior, hoje trabalha na área de contabilidade de uma multinacional, é inteligente e perfeccionista; fisicamente é alta e magra, de gestos delicados, segue os padrões de beleza da atualidade. No entanto, até então, o seu corpo assumia todas as angústias vividas nesses 26 anos.

S. queixa-se de depressão.

“Todo sintoma tem um conteúdo psíquico e se manifesta através do corpo...” (1)

“Os sintomas, é verdade, podem usar uma grande variedade de forma de expressão e, para fazê-lo, todos se valem do corpo para tornar visíveis e palpáveis os conteúdos subjacentes da consciência.” (2)

“A depressão provoca o confronto dos pacientes com o polo mortal da vida... em sua vida, é o polo oposto que se manifesta, ou seja, a apatia, a rigidez, a solidão, os pensamentos voltados para a morte. Na verdade, embora esse aspecto mortal da vida seja sentido com intensidade na depressão, ela nada mais é do que a própria sombra do paciente.” (3)

S. diz sentir-se “estranha”, “esquisita” diante dos outros, diz que tem vergonha de ser olhada pelo outro, que o seu andar é estranho e que até então se isolava do contato com o outro, mas que isso passou a incomodá-la, viver sozinha já não está servindo, quer mudar. Questionada sobre o que é ser “esquisita”, S. responde que todos na empresa em que trabalhou diziam que era “esquisita”.

Diante da dificuldade de S. falar sobre seus sentimentos e seu dia-a-dia, foi proposto o trabalho corporal. S. aceitou prontamente. Propus um relaxamento, foi-lhe aplicado o exercício de relaxamento: o carimbo. (4) S. não teve dificuldade em deitar, muito embora seu corpo mantivesse uma rigidez visível por mim e por ela mesma.

Passamos umas três sessões fazendo o “exercício do carimbo”, onde foi proposto a S. que caso sentisse necessidade, a escrita, a pintura ou argila serviriam com forma de expressão, uma vez que ainda não conseguia expressar-se através da fala. S. passou a comunicar-se consigo e com o mundo através do exercício corporal e da escrita, passou algumas sessões trazendo escritos que fizera durante a semana, e a cada dia podíamos notar o quanto S. estava entrando em contato com o seu “esquisito”, “estranho”.

Quando S. chegava às sessões, após os cumprimentos dizia que não queria falar, queria fazer exercício corporal, aceitava todos os exercícios propostos com muita gratidão, dizia que a cada dia estava sentindo-se melhor, que já começava perceber melhor o seu corpo e que já conseguia algumas vezes olhar para o outro.

Em todas as sessões S. falava do quanto os exercícios estavam lhe fazendo bem: “Estou me sentindo bem melhor”; encontramos nós duas o caminho para o bem-viver, as palavras já não eram fundamentais, e a cada encontro, o corpo começava a pronunciar suas primeiras palavras de integração.

Num dos encontros, foi proposto a S. que usasse a bolinha de tênis para massagear o seu corpo: Não havia um modo específico, ela poderia criar; S. então, deitou-se no colchão sobre a bolinha e, como numa dança, começou a massagear sua pélvis da forma que queria e sentia. Passou alguns minutos massageando-se, criando movimentos ao longo do corpo, até sentir-se satisfeita. Quando parou, S. deitou-se por alguns minutos; deixei ao seu lado, argila, lápis de cor, caneta e papel. S. preferiu argila, começou a manipular a massa com dificuldade, senti que a emoção tomava

conta de seus movimentos e do seu corpo. S. começou a chorar e disse que tinha dificuldade com a argila, não sabia fazer nada, não sabia dar forma; pela primeira vez S. colocou em palavras todas as páginas escritas anteriormente. Apenas ouvi em silêncio: S. parecia uma criança, uma criança que começava a se dispor a entrar no caminho do seu próprio crescimento.

No encontro seguinte, S. disse que pela primeira vez falara de todas as suas angústias e medos e que estava sentindo-se melhor. Falara para mim, depois para o namorado, mas antes de tudo, teve a coragem de falar pra si mesma. Foi só então que propus a Calatonia de Pethö Sándor: sentia-me pronta para tocar, e S. para ser tocada, propus a Calatonia nos pés.

“No original grego o verbo “Khalaó” indica “relaxação” e também “alimentação”, “afastar-se do estado de ira, fúria, violência”, “abrir uma porta”, “desatar as amarras de um odre”, “deixar ir”, “perdoar aos pais”, “retirar todos os véus dos olhos”, etc. (5)

Na sessão seguinte à aplicação da Calatonia, que recebeu de corpo e alma, S. me disse: “Senti todo o meu corpo, parece que o meu andar se modificou, senti os meus passos e durante a semana pude trabalhar melhor”.

Para mim, as palavras de S. confirmaram com muita propriedade, o quanto é eficiente o trabalho corporal. S. sentiu em seu corpo a definição da Calatonia.

Continuamos a trabalhar somente com a Calatonia. Ao término das sessões S. não queria falar, preferia ir embora, atitude que sempre respeitei. No início de cada sessão seguinte, elê dizia que o trabalho corporal estava lhe fazendo muito bem, e num desses encontros chegou a me dizer: “Com o trabalho corporal o meu corpo está falando muito mais que a minha boca”.

O encontro com S. me fazia entender cada vez mais as palavras do Dr.

Sándor:

“A nossa linguagem é rica em denominações e caracterizações emprestadas de categorias da sensibilidade cutânea para descrever vivências afetivas (duro, mole, cru, ardente, frio, suave, constante, morno, quente, dolorido, etc.). Há aqui as mais complexas sensações cutâneas que nem podem ser postas em palavras de modo adequado... A origem ectodérmica, comum com o sistema nervoso, explica a possibilidade de uma fenomenologia ampla, que pode ser observada no decorrer da estimulação Calatônica.” (6)

“O contato corporal diferenciado e controlado com o terapeuta permite o desenvolvimento de uma efetiva ressonância bipessoal e a variedade do material surgido, fornece bases para diálogos em termos de exploração biográfica, levantamento amplo e estratificado da situação atual e subsequente planejamento ou preparo dos próximos passos da terapia.” (7)

Após algum tempo, S. diz que vai parar a terapia porque perdeu o emprego, e não aceita continuar a ser atendida sem pagamento; após mais algumas semanas pergunta se pode ser atendida no Posto de Saúde onde trabalha como psicóloga, mesmo sabendo que lá o trabalho corporal não terá prosseguimento. S. passa a ser atendida uma vez por semana e diz que tão logo volte a trabalhar, quer voltar a ser atendida no consultório.

Quando arrumou emprego, iniciamos nossa segunda etapa de trabalho corporal, aquele que faz o corpo falar; serão agora duas sessões por semana, decisão tomada em conjunto; são duas sessões semanais onde o nosso diálogo é a Calatonia.

Nesse retorno, S. está mais tranqüila e aberta para o mundo, afetividade, agressividade e o contato com o outro já podem ser percebidos: por ela e por mim.

Passamos aproximadamente um mês e meio só fazendo Calatonia, o toque sendo a única “palavra” emitida.

Mais uma vez, as palavras de outro mestre podem ser compreendidas por mim:

“Nosso trabalho corporal visa, em várias dimensões, reintegrar o paciente consigo mesmo. Em primeiro lugar, o trabalho corporal reconecta o homem com sua natureza mais imediata, o corpo físico, origem do eu corporal, fornecendo sensações e informações que orientam o indivíduo se ele as observa adequadamente. Nesse sentido, o trabalho corporal atua como num instrumento de profilaxia da saúde permitindo a reorientação do cuidado consigo.” (8)

Após esse mês e meio de Calatonia, S. está mais próxima de si mesma e do outro; percebe mais o que está a sua volta, exprime através das palavras acontecimentos da sua infância e do seu dia-a-dia onde o corporal cedeu lugar à palavra; S. fala dos colegas de trabalho, especialmente de um rapaz que senta na mesa a sua frente: “ele é palhaço, arrumadinho, parece que saiu do banho o dia inteiro, faz tudo pra chamar a atenção de todos e de mim; passa o tempo todo me olhando, finjo que não vejo, morro de raiva dele, não sei se é porque é bonito, porque ele é muito bonito! Mas é muito metido, tenho vontade de socar a cara dele; vou me encolhendo e me sentindo pequena”; pela primeira vez entra em contato com a sua “irritação” de forma mais consciente.

S. está sempre muito arrumada e elegante, parece que acabou de sair do banho.

“Tudo o que os pacientes sentem como num acontecimento exterior é uma projeção da sua própria sombra (vozes, ataques, perseguições, hipnotizadores, intenções assassinas e assim por diante).” (1)

Na sessão seguinte, S. fala um pouco da sua infância, diz ter lembrado após o trabalho corporal de muitas coisas, fala do pai que foi alcoólatra, diz que hoje não bebe mais com tanta frequência, mas se irrita muito com ele; “ele é muito egoísta, tudo tem que ser para ele e do jeito dele, do jeito que ele quer”. Hoje o pai é aposentado. A mãe também foi professora

muitos anos. No período que os pais trabalhavam, S. ficava em casa com os irmãos, cuidava da casa e deles; diz que desde aquela época fazia tudo bem feito e sozinha, a mãe estava sempre na escola dando aula, e ela ficava sempre sozinha. Quando foi para a primeira série, a mãe a levava à escola, que era longe. Num dos primeiros dias de aula, a mãe foi embora e ela ficou: “minha mãe me esqueceu naquele lugar, senti tanto medo e pavor, que decidi aprender a ler e escrever o mais rápido possível, pra nunca mais ser esquecida, se voltasse a acontecer, saberia pegar o ônibus sozinha”.

S. diz ter aprendido a ler e escrever em seis meses, “no meio do ano já estava alfabetizada e a professora me mandava para fora para não atrapalhar; eu saía e ficava sozinha, algumas vezes brincava com a filha do caseiro da escola. Fui crescendo e me sentindo esquisita e sozinha; no colégio aprendia tudo muito rápido, os colegas só queriam ficar comigo quando tínhamos que fazer prova em dupla, pois sabiam que eu sempre tirava nota boa; muitas vezes a professora me liberava das provas; sempre foi assim, aprendia tudo rápido; fui à faculdade, comprei meu carro, tudo sozinha, jamais me ajudaram; minha mãe faz tudo para meu irmão, pra mim nada”.

Mais uma vez, aprendo na prática corporal as palavras do outro mestre:

“Enquanto mãe e filho ainda formam uma identidade indiferenciada, a relação primal funciona para a criança como possibilidade de relacionamento com seu próprio corpo, com o seu próprio self, com o “eu” e com o mundo, tudo ao mesmo tempo. A relação primal é a base ontogenética da experiência de estar no próprio corpo, de estar-com-um-self, de estar-unido, de estar-no-mundo.” (9)

Continuamos a cada sessão usando a Calatonia como forma de expressão. Após tantas palavras, S. solicita que façamos trabalho corporal, é assim que S. chama a Calatonia; “sinto-me anestesiada, quando ando sinto todo o meu corpo, é muito bom”.

O corpo continua falando verdadeiramente sobre a vida.

“Tento, tanto quanto possa, não ter idéias pré-concebidas e não usar métodos já prontos e ter a idéia de que, eu mesmo, determinarei meu método; procederei da forma como sou”. C.G.Jung

BIBLIOGRAFIA

1. DETHLEFSEN, THORWALD – “*Dahlke, Rudiger, A doença como caminho*”, Ed. Cultrix – SP, 10ª Edição – 1997
2. Ib.
3. Ib.
4. FARAH, ROSA MARIA, “*Integração psicofísica: o trabalho corporal e a psicologia de C.G.Jung*”. Editora Companhia Ilimitada / Robe Editorial, São Paulo – 1995
5. SÁNDOR PETHŐ, “*Técnicas de relaxamento*”, Vetor – Editora Psico-Pedagógica Ltda, São Paulo.
6. Ib.
7. Ib.
8. CORTESE, FERNANDO, “*Cinesiologia Psicológica, Integração Fisiopsíquica, Hermes n.º 3*”, Instituto Sedes Sapientiae – 1998, São Paulo.
9. NEUMANN, ERICH, “*A criança*” – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação, Ed. Cultrix – SP

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DOS ARTIGOS:

- 1 - Os artigos devem ser enviados em 2 cópias: Uma impressa e outra em disquete, utilizando-se o editor de texto Word6 ou PageMaker, para o Instituto Sedes Sapientiae, R. Ministro Godoi, 1484 Perdizes - S.P. Cep - 05015-900.
- 2 - Os artigos não devem ultrapassar 15 laudas (cada lauda com 22 linhas de 70 toques ou 1.500 caracteres).
- 3 - Por motivos técnicos não aceitaremos reprodução de fotos ou gravuras coloridas.
- 4 - As notas e referências bibliográficas devem ser colocadas no final do texto.
- 5 - O autor deverá fornecer informações se o artigo já foi publicado anteriormente.
- 6 - Deverá ser fornecido um resumo de 3 linhas para a PsicNet.
- 7- Deve constar no final do artigo, nome, endereço completo e telefone do autor, bem como suas qualificações.
- 8 - Em anexo ao texto, deverá constar uma cessão de direitos autorais, conforme modelo abaixo:

Eu (nós)

envio (enviamos) o artigo
para publicação na Revista Hermes, e para tanto cedo (cedemos) os direitos autorais relativos a este artigo à revista em questão.

São Paulo, de 199 .

Assinatura(s)

